

4ª entrevista: 11.04.1986

P.R. - Almirante, hoje nós vamos retomar o início da sua história de vida, que da vez passada ficou um pouco esquecida, porque...

A.A. - Recapitulando.

P.R. - É , passamos a tratar de outros assuntos mais atualizados, mais atuais e tal. Eu não recordo bem se foi na primeira entrevista, ou se foi naquela conversa que tivemos na casa do senhor, que o senhor nos explicou o seguinte: o pai do senhor era natural de Minas Gerais, não é?

A.A. - Não, meu pai era natural de Santa Catarina; meu avô que era mineiro, meu avô paterno era natural de Minas Gerais. Mas meu avô foi para Santa Catarina depois de já estar fazendo vida na Marinha, e lá em Santa Catarina, Florianópolis etc, ele conheceu minha avó paterna, que já era viúva, enviuvou muito cedo. Ela era casada com um conde uma coisa qualquer, mas ele tinha morrido assassinado. Então minha avó estava viúva com uma filhinha. Meu avô foi para lá e gostou da minha avó e resolveu então pedi-la em casamento etc. E era um fenômeno curioso naquela época... Agora estou assistindo a uma novela aí, "Dona Beija", não sei o quê. Eu estava vendo como eles positivam muito a influência dos pais naquela época, não é? Os pais escolhiam os casais e arrumavam os casais como hoje mais ou menos, há alguns anos, havia só na nobreza, não é? Mas então a minha avó estava solteira e morava com os pais; o meu avô se enamorou dela e quis casar com ela.

P.R. - O avô do senhor era da Marinha também?

A.A. - O meu avô era da Marinha também.

P.R. - Era oficial?

A.A. - Era oficial da Marinha também.

P.R. - Da Marinha imperial?

A.A. - Da Marinha imperial, naquela época. E então o meu avô pediu a minha avó em casamento, mas os meus bisavós não queriam, meu bisavô era um comendador, não me lembro o nome dele, mas enfim, uma família de boa origem. E então a minha avó disse: "Bom, quando eu casei a primeira vez, eu casei pela vontade de vocês, mas agora eu já sou viúva. Eu vou casar com quem eu quero, e eu gosto do meu namorado, ou do meu noivo." E casaram-se. Deste casamento então que veio a nossa origem, do meu pai e dos meus tios, das minhas tias etc. Foram... Era uma família de sete filhos, eram quatro homens e três mulheres. Três homens foram para a Marinha, mas infelizmente os dois mais velhos morreram num acidente no mar, e sobrou meu pai. Aí que eu relatei que meu pai então aderiu revolta do almirante Saldanha, porque ele já servia na Escola Naval, e aí, com as complicações do governo do Floriano, o meu pai teve que fugir e sumir, porque estava sendo perseguido, e naquela época o fuzilamento cantava frouxo. Quando serenaram os ânimos, veio a anistia etc., Aí o meu pai queria voltar para a Marinha, mas o meu avô, que já tinha passado pela decepção de perder dois filhos na

Marinha e tinha tremido com a atitude tomada por meu pai, pediu muito a ele que não voltasse mais, porque já tinha perdido dois filhos e não sabia o que ia acontecer da! para diante. E como a influência dos pais, como eu já falei, era muito grande, meu pai então desistiu e não aceitou a anistia, e ficou na reserva. Ai então foi estudar engenharia: matriculou-se na Politécnica, fez curso de engenharia e foi fazer engenharia. Estava fazendo engenharia quando a horas tantas, houve concurso para professor da Escola Naval, de química, explosivos. Ele então resolveu estudar e se candidatar ao concurso. Candidatou-se ao concurso depois de ter se preparado para fazer o concurso, fez concurso e tirou o primeiro lugar. Mas naquela época já havia protecionismo - essas coisas são antigas, infelizmente talvez hereditárias. Ele então...

[FINAL DA FITA 6-A]

A.A. - Eu sei que então o meu pai foi classificado em primeiro lugar, mas anularam o concurso. Anularam o concurso, o meu pai muito pertinaz, muito persistente, disse: ""Não faz mal, o concurso foi anulado mas eu volto outra vez para fazer concurso." Dois anos depois ele fez concurso, tirou primeiro lugar novamente, Aí reconheceram o valor do concurso, ele então entrou para a Escola Naval para ser professor da Escola Naval, e fez a vida dele toda como professor de química explosiva na Escola Naval, até depois, já com mais idade então, ceder lugar ao almirante Álvaro Alberto, que era auxiliar dele da cadeira. Porque na Escola tinha o que chamavam cadeiras e aulas, classes e as cadeiras eram dirigidas por catedráticos, feitos por concurso etc. E o almirante Álvaro Alberto também já tinha feito concurso e ajudava meu pai. Aí meu pai passou o bastão a ele.

P.R. - O pai do senhor ficou quanto tempo como oficial?

A.A. - Ficou pouco tempo, ficou... Saiu da Marinha com vinte e tantos anos, 25, 26, que ele foi reformado pela revolta do Saldanha.

P.R. - Pela anistia concedida pelo governo de Prudente de Moraes, não é?

A.A. - Creio que foi no governo de Prudente de Moraes, Aí que veio a anistia etc. Aí também meu pai foi bafejado pela oportunidade, porque o meu pai, como eu já disse, era catarinense. E o Lauro Severiano Muller era tenente do Exército e tinha sido... Com a revolução, com aquela coisa toda, com o fim daquele período de acomodação das coisas, o tenente Lauro Muller de então foi nomeado interventor em Santa Catarina. E era contemporâneo de papai. Depois ele fez carreira política no Brasil e chegou até o ministro da Viação e Obras Públicas, ministro do Exterior etc. Quando ele estava como ministro da Viação, meu pai já era professor da Escola Naval e então ofereceu ao meu pai um lugar no Ministério da Viação. Então meu pai ficou acumulando o cargo de professor e funcionário do Ministério, engenheiro do Ministério da Viação, e ficou lá até chegar idade compulsória etc. Então ele fez a vida dele profissional - foi professor catedrático da Escola Naval e engenheiro do Ministério da Viação.

Então houve um fenômeno interessante - hoje, para se pensar: que meu pai, quando servia no Ministério da Viação, foi nomeado pelo Lauro Muller, o que se chamava inspetor de iluminação. Ele é que supervisionava todo o sistema de iluminação da cidade do Rio de Janeiro. E pegou então a transformação do gás, porque toda a cidade

era iluminada a gás, para transformar também em eletricidade, aproveitar a corrente elétrica etc. Para a iluminação. Então nessa época, a iluminação da avenida Central - era avenida Central, não era Rio Branco - foi iluminada com gás e eletricidade. Essa coisa toda foi supervisionada por meu pai, que era o denominado inspetor de iluminação do Ministério de Viação. Nessa época foi que eu nasci, morávamos na rua Paissandú, em 1905, Aí em fim de 1905, dezembro.

Eu nasci morando na rua Paissandú, e ele inspetor de iluminação. Depois, com a saída do Lauro Muller, etc., ele continuou como engenheiro, mas largou a função de inspetor de iluminação. Mas a iluminação da avenida Rio Branco foi feita na gestão dele como inspetor de iluminação do Rio de Janeiro. Que na época a avenida Rio Branco, quando foi aberta, foi uma preocupação muito grande pela população, todo o mundo achava aquilo uma loucura. Eu digo isso pelo o que meu pai contava, não é? Uma verdadeira loucura, derrubar uma série de linhas, de prédios, para abrir uma avenida que tinha 33 metros! Nem se falava em 33 metros de rua nenhuma, a não ser parece que na Argentina tinham aberto a avenida de Maio. Então o Lauro Muller resolveu fazer também uma avenida aqui semelhante, então fez a avenida Rio Branco, e curioso porque ela tem 33 metros de largura, e tem mais ou menos a dimensão de uma milha marítima - porque a milha marítima tem 1.852 metros, e a avenida Rio Branco, da praça Mau até o obelisco, tem mais ou menos 1.850 metros, uma coisa assim. Foi aberta com essa disposição anterior.

Meu pai também participou como engenheiro etc; do início da construção do Teatro Municipal, assessorou muito sobre as platas, sobre a disposição de entrada do Teatro Municipal, de organização interna etc., porque meu pai era sempre um navegado, ele tinha feito a viagem volta do mundo e já conhecia tudo que havia de bonito no mundo da época. Tinha estado na França, tinha estado na Inglaterra, nos Estados Unidos, tudo o que havia de suntuoso... Ele como tenente, tinha presenciado tudo o que havia de bonito, o Teatro da Opera, tudo isso. Então ele teve oportunidade de sugerir coisas e de dizer como era feito nos Estados Unidos, na Europa. Inclusive eu tenho recordação de ele me contar que no projeto do Teatro Municipal havia quem não quisesse que na fachada do teatro tivesse aquela escadaria, que aquilo era desagradável para os freqüentadores terem que estar subindo aquela escadaria... E se chover etc? Então o meu pai disse: "Não, a escadaria empresta imponência ao teatro. O teatro não um espetáculo só para quem vai lá dentro assistir, o teatro um espetáculo mesmo para as pessoas que estão do lado de fora verem entrar a fina flor da sociedade brasileira etc. interessante, um espetáculo público, de modo que o teatro deve ter uma escadaria como está querendo ser projetada. E se chover fazem-se as entradas laterais. - como o teatro tem aquela pelo lado do Assírius e tem pelo outro lado. O Teatro Municipal tem entrada dos dois lados: no lado que tem o restaurante Assírius, e tem outra entrada lateral onde tem então a escadaria, e tem os elevadores para levar as pessoas para os casos em que chovesse. Então o Teatro Municipal ficou com aquela escadaria suntuosa, bonita, agradável vista, que depois, já no tempo dessa menina¹ etc., chegou a assistir a bailes de carnaval, tudo isso, as fantasias, não é? Uma porção de coisas. Mas achavam que o teatro não devia ter escadaria, porque quando chovesse... E o meu pai, com a experiência que ele tinha, com as idéias que ele tinha, porque tinha visto de bom, freqüentado tudo que havia de melhor no... Porque a vida do oficial de Marinha muito curiosa. Nós sempre somos muito pobres, não é? Mas a condição oficial muito elevada. Então em todos esses lugares estrangeiros os navios são recebidos e, com as honrarias, freqüentam os lugares..., com homenagem, nos lugares mais elevados. Vão às festas mais suntuosas etc., recepções, tudo isso, têm contato com príncipes, com reis, com

¹ Refere-se entrevistadora.

marajás, com toda essa gente. há muitos anos atrás houve uma coisa muito curiosa, que eu faço um parêntese para contar: um colega nosso, o almirante Rongel, ele comandava o...

V.A. - Almirante o quê?

A.A. - Almirante Ari Rongel. Era uma beleza de homem, muito mais antigo do que eu, mas foi até meu instrutor quando eu estava embarcado, quando eu era guarda-marinha. E ele foi comandar o Almirante Saldanha, fazendo a viagem de instrução. Então não me recordo se foi em Casablanca, ou qual foi o porto da África, que ele foi homenageado com uma condecoração africana, que dava direito a ele ao uso das insígnias, da comenda, ao direito, de três mulheres e uma casa. [risos] Parece mentira isso, não é? Ele tinha direito, pelo valor da condecoração, a três mulheres, com uma casa, e ao uso das insígnias. Então ele naturalmente abdicou da casa e das três mulheres... Veja o tipo da variação das honrarias que vão nesses países todos, não é? Com formas de vida completamente diferentes. A vida na Marinha muito mais interessante por isso, por esses contrastes, essas coisas, e a oportunidade que dá a gente de freqüentar as coisas mais suntuosas, mais importantes da vida. Nós somos recebidos por presidentes da República, por reis, os navios recebem a visita de príncipes, de reis etc. E meu pai, na viagem de instrução que fez, levava um príncipe a bordo, que era o príncipe Augusto de Saxe-Coburgo, que era neto do imperador dom Pedro II. A viagem de circunavegação de que meu pai participou, foi organizada mais para que o príncipe se ilustrasse, porque a viagem de circunavegação era uma coisa muito difícil na época, muito demorada etc; foram 21 meses de viagem. Então levava o príncipe Augusto de Saxe-Coburgo que era neto do imperador, filho da princesa Isabel, se não me engano. E Aí ele teve... O navio teve um problema, porque durante a viagem, quando o navio se encaminhava para Colômbia, houve a proclamação da República, e, com a proclamação da República, a realeza foi deposta. Então veio a ordem de desembarcar o príncipe dom Augusto, que era um colega deles - ninguém chamava de príncipe nem nada, era uma forma completamente democrática. Ele cursou a Escola Naval como qualquer aluno etc., e fez o curso e estava fazendo a viagem como segundo-tenente. Aí veio um problema sério, porque o governo da República mandou desembarcar o príncipe, porque a monarquia tinha sido derrubada etc. E o príncipe dom Augusto não queria desembarcar; ele declarou ao almirante Custódio de Melo, que era comandante do navio e que era capitão-de-mar-e-guerra e na viagem foi promovido, ele declarou que ele não desembarcava porque ele era brasileiro, ele era oficial de Marinha, que não havia razão para aquilo. Mas o governo insistindo que ele desembarcasse, então houve um trabalho muito grande de catequese, para que a oficialidade toda se separasse toda do príncipe e o príncipe desembarcasse em Colombo, como desembarcou. E Aí ofereceu-se uma homenagem muito grande ao príncipe num hotel em Colombo, deram um vasto banquete. Houve uma choradeira muito grande mas o príncipe desembarcou. E o Custódio de Mello ficou muito aborrecido também porque todos eles achavam que o príncipe tinha o direito de voltar para o Brasil, de fazer a vida dele na Marinha brasileira. Mas mandava o presidente da República e foi cumprida a coisa. Depois o príncipe dom Augusto, então, foi fazer a vida de Marinha na Áustria, se não me engano, e, passados anos, decênios, eu já estava formado, era capitão-tenente, chegou um colega meu e disse: "Olha, aqui tem um príncipe que quer falar contigo." Eu disse: "Mas quem esse príncipe?" um príncipe que neto do dom Augusto de Saxe-Coburgo."

P.R. - O senhor estava onde?

A.A. - Eu estava no gabinete do almirante Guillobel.

P.R. - Aqui no Rio?

A.A. - Aqui no Rio.

P.R. - Ah, já foi no governo Vargas.

A.A. - já no governo Vargas. E eu disse: "Ué? Quer falar comigo por quê?" "Porque disse que o seu pai escreveu um livro que falava sobre dom Augusto etc., e ele tinha muita vontade de conhecer, de estar aqui no Brasil, veio para o Brasil." Eu disse: "Ué, não tem importância, eu também terei muito prazer em me avistar com ele. Convida para jantar, vamos jantar lá no Copacabana, uma noite dessas. O dia em que estiver de acordo, então vamos jantar lá." Então fomos os três: esse neto do dom Augusto, eu e esse meu colega, Cavalcanti de Albuquerque, que conhecia, que tinha ligações com a família. Então esse rapaz me disse que ele tinha vindo ao Brasil etc. e que ele tinha querido entrar para Marinha, mas que a idade dele já não permitia, que ele não poderia entrar para a Marinha. Conversou comigo muito sobre a ligação do meu pai com o dom Augusto e tudo isso, e disse: "Mas eu espero que o meu irmão mais moço, que vem da Europa, entre para a Marinha, porque eu queria ver se ele fazia carreira na Marinha aqui no Brasil etc." E ele não pôde fazer carreira de Marinha, mas o irmão veio e entrou. Entrou, fez o curso de Marinha e depois saiu parece que primeiro-tenente, ou coisa que o valha, - que ele não agüentou a pressão econômica, porque o oficial de Marinha ganha pouco mesmo, não, é? Então depois ele saiu e trabalha em São Paulo, os dois moram em São Paulo. Eu não me lembro o nome exato deles, mas eles são descendentes do dom Pedro II, o sobrenome deles Saxe-Coburgo por influência do marido da filha do dom Pedro II, que casou com um Saxe-Coburgo.

P.R. - Era a dona Leopoldina.

A.A. - É. Esse Saxe-Coburgo muito ligado... Esse sobrenome ligado um pouco nobreza da Inglaterra, dessa nobreza que hoje reina na Inglaterra. Mas a vida de oficial de Marinha, como eu estava dizendo, muito interessante, muito curiosa por isso; porque a gente tem oportunidade e tem acesso a muitas... a muitos escalões, que normalmente na vida normal a gente não tem. E há um caricaturista, havia um caricaturista, francês, chamado Gervaise, que do meu tempo - não do seu. Esse Gervaise se notabilizou por fazer cartões, fazer caricaturas de fatos interessantes da vida marinheira - que a nossa vida marinheira muito semelhante, uns aos outros. Então há um cartão que eu tinha, até muito interessante, uma caricatura do Garvaise da Marinha francesa: uma recepção de alto, de grande tom, num palácio importante etc. O guarda-marinha chegando no salão no palácio para ser recebido; então, ignorante de todo o sistema de cortesia etc., está o mordomo empertigado, solenemente perfilado... E estende a mão para cumprimentar o mordomo muito cerimoniosamente, como se fosse um nobre da corte. [risos] Isso caricatura do Gervaise, entre uma série de outras; há uma coleção até de cartões. E eu há algum tempo... muito ligado ao Rademaker, almirante Rademaker, meu colega de turma, e ele sabia que eu gostava muito de caricaturas etc. Então um dia ele mandou um cartão, também da França, não sei se foi de Marseille etc., com uma caricatura do Gervaise que uma das passagens da vida dos marinheiros, dos oficiais de Marinha, na Marinha francesa. Então ele mandou um cartão com um abraço etc., e o cartãozinho

uma das coisas características da vida da Marinha francesa: um negócio que um jogo de futebol num campo, uma coisa assim.

P.R. - O pai do senhor se reformou no posto então de capitão-tenente, não foi?

A.A. - Capitão-tenente.

P.R. - Ele Aí então...

A.A. - Ele Aí assumiu então... Depois, como capitão-tenente mesmo, ele fez concurso etc., entrou para a Escola Naval como professor.

V.A. - Em que ano, o senhor sabe?

A.A. - O ano em que ele foi admitido na Escola Naval?

V.A. - Isso. O senhor sabe?

A.A. - Ah, não tenho idéia, porque ele foi no tempo do império, imagina... Em mil oitocentos e tantos, devia ter sido mil oitocentos e setenta e tantos, por aí, - deve ter sido a época da entrada dele: 70,80...

V.A. - E ele já era casado com a mãe do senhor?

A.A. - Quando? Quando entrou?

V.A. - Como professor, que eu estou perguntando.

A.A. - Ah, já era casado, porque meu pai, como tenente, como guarda-marinha etc... A minha mãe não era de Florianópolis, mas era prima-irmã dele e morava em São Francisco. Quando ele, viajando etc., esteve em São Francisco, e o conhecimento de primo etc, ele se enamorou dela então ficou noivo e quis casar. Mas Aí ele foi fazer a viagem de circunavegação. Então ele fez a viagem de circunavegação como noivo. Quando voltou então que ele casou-se com ela. E meu pai parece que era um pouco namorador. Então eu, uma ocasião estava numa estação de águas, e encontrei uma senhora que era Pires Ferreira, e conversamos naquelas conversas de hotel, ela disse: "Você é Nolasco de Almeida?" Eu digo: "Sou sim." "Eu conheci o seu pai." Então... "Ah, conheceu meu pai?" "Conheci o seu pai, imagina você o seguinte; eu tinha uma grande amiga, éramos duas amigas, e eu namorava Pires Ferreira - acho que era Pires Ferreira - e essa minha miga namorava o teu pai. E então nós fomos para a Europa, fomos Paris. Quando estávamos em Paris, subimos a Torre Eiffel e tinha lá num dos três patamares da Torre Eiffel um negócio com um periquitinho que tirava a sorte. Então eu e minha amiga chegamos lá naquela coisa, botamos uns cents etc., então o periquitinho pegou um papelzinho. Pegou um papelzinho e me entregou para ler, então eu li o papelzinho..." E ela já namorava esse Pires Ferreira. "E o papelzinho dizia assim: *El te resto fidèle.*" E a minha amiga pegou o papelzinho e então estava escrito assim: *"Il te trompe."* [risos] E o meu pai não casou realmente com essa moça.

P.R. - Ele era solteiro nessa época?

A.A. - Ele era solteiro. Não casou com essa moça porque eu não estaria aqui contando essa história!

P.R. - Mas Aí então, logo que houve a anistia do tempo do Prudente de Moraes, e que ele decidiu não se reincorporar Marinha, ele veio direto para o Rio?

A.A. - Ele ficou no Rio.

P.R. - já morava no Rio?

A.A. - já morava no Rio, estava casado etc.

P.R. - E em que bairro ele morava aqui no Rio?

A.A. - Ele morava, eu tenho idéia de Santíssimo, eu não sei se ainda existe esse bairro.

P.R. - Existe.

A.A. - Ele morava nessa zona que se chamava Santíssimo e Aí então começou a praticar, a fazer engenharia etc., e por Aí foi.

P.R. - E foi nesse bairro que o senhor nasceu?

A.A. - Não, eu nasci na rua Paissandú, número...

P.R. - Aqui em Laranjeiras?

A.A. - Aqui, porque Aí já ele estava em melhor situação etc. já era inspetor de iluminação, já dileto amigo, fraterno amigo do Lauro Müller, então nós morávamos na rua Paissandú, número 10 A. E uma coisa interessante: eu tenho um cartão - numa outra reunião, fora dessa, eu mostro ao senhor - que muito interessante, que eu considero a minha certidão de nascimento. Porque quando nasciam os filhos, os pais avisavam, comunicavam aos amigos o nascimento da criança etc. Então tem um cartão postal de um amigo de meu pai, cumprimentando o meu pai pelo nascimento do menino Ângelo, que era eu, e está datado dois dias do meu nascimento - 15 de dezembro de 1905. E o cartão, por coincidência, uma marinha, um iate navegando numa baía qualquer, enfim, um negócio alusivo, Marinha, não é? E acabei dentro d'água, não é?

P.R. - O senhor era o mais velho dos irmãos?

A.A. - Não, eu sou o penúltimo.

P.R. - São quantos irmãos?

A.A. - Éramos oito irmãos, quatro mulheres e quatro homens.

P.R. - Dos quatro homens, três seguiram a carreira naval.

A.A. - Três seguiram a carreira de Marinha, carreira naval - os meus dois irmãos mais velhos e eu. Dos três, quem fez a carreira naval até o fim fui eu, porque o meu irmão

mais velho fez a carreira naval até capitão-tenente, e Aí ele tinha casado com uma moça de São Paulo, e essa moça de São Paulo era filha de fazendeiro e ela não estava acostumada a suportar essa vida de Marinha, de viajar, de sai hoje, sai amanhã, vai, passa dois meses fora, depois volta, depois você não sabe onde que está, essa coisa toda. E ela sofria muito com isso. Então meu irmão resolveu desistir da carreira, formou-se em engenharia como meu pai também, foi para São Paulo, matriculou-se no Mackenzie, tirou o diploma de engenheiro e levou a vida toda lá como engenheiro. Foi engenheiro de prefeitura durante muitos anos e foi professor também do Mackenzie, e faleceu há uns dois ou três anos atrás. O meu outro irmão fez a carreira até capitão-de-mar-e-guerra; Aí ele pediu transferência para a reserva e deixou a Marinha. Eu continuei, eu fiquei fazendo a minha vida de Marinha até chegar a oficial-general.

P.R. - E ele pediu transferência para a reserva para se dedicar a outra atividade?

A.A. - Quem?

P.R. - O irmão do senhor.

A.A. - Não, ele pediu transferência para a reserva e ficou na inatividade.

V.A. - Ele era casado, esse seu outro irmão?

A.A. - Todos casados.

V.A. - Todos casados?

A.A. - Todos casados. Quem resistiu mais fui eu. Eu resisti mais porque eu tinha - eu acho que eu já disse aqui -, eu tenho uma tese... Eu sou um enamorado da minha carreira, e eu achava que não podia conciliar a vida de casamento, de casado, com a vida de Marinha, porque era uma vida difícil, e eu queria estar pronto para tudo, eu queria chegar e: "Tem que viajar hoje" e eu dizer: "Estou pronto."

V.A. - A sua mãe por acaso reclamava disso?

A.A. - A minha mãe sofria em silêncio, coitada.

V.A. - Sofria em silêncio.

A.A. - Ela só manifestava cuidados, mas não reclamava, nunca reclamou nada. Foi a morte que mais senti na minha vida, foi a morte da minha mãe. Porque eu era muito ligado a ela e até hoje não me conformo. Foi o maior desgosto que eu tive na minha vida - foi a morte de minha mãe. [emoção]

V.A. - Ela morreu quando?

A.A. - Morreu há uns 30 anos. Eu era o único solteiro e ligadíssimo... Quando estava no Rio eu estava sempre ligado a ela, a abraçava em casa, tudo isso, e ela nunca... Era uma santa mesmo, nunca reclamou nada, só manifestava a inquietação, cuidado: "Cuidado, meu filho, cuidado, não v fazer isso, não faz aquilo, não faz aquilo outro."

V.A. - Quando ela casou com o pai do senhor, o pai do senhor já tinha saído da Marinha?

A.A. - Não, não, estava ainda.

V.A. - Ele fazia viagens também?

A.A. - Fez viagens também.

V.A. - E ela, em casa, ficava preocupada também com o pai do senhor?

A.A. - Tinha que ficar. Mas ela estava preparada para isso. E depois todos nós, três filhos na Marinha, tudo isso... Na ocasião pior para ela, para mim, foi a ocasião quando houve a revolta de São Paulo, o movimento de mil novecentos...

P.R. - 24?

A.A. - 35.

V.A. - 32?

A.A. - 32, é. Aquele movimento de São Paulo.

P.R. - A Revolução Constitucionalista.

A.A. - Aí que ela ficou apreensiva, sofreu mais. Porque nós éramos dois na Marinha, e o irmão em São Paulo, já engenheiro, mas militar etc. E nós embarcados defendendo o governo, e o meu irmão lá em São Paulo, com o movimento de São Paulo, o estado todo se revoltou, e o meu irmão aderiu ao movimento de São Paulo - movimento constitucionalista. Então o medo dela que nós nos encontrássemos. E o meu irmão então, o que ele fez: ele em vez de servir a São Paulo na área marítima, preferiu - ele, oficial -, preferiu servir no Exército, porque tinha medo de uma coincidência fatal de nós acabarmos nos digladiando. Isso preocupou muito minha mãe.

[FINAL DA FITA 6-B]

A.A. - Isso preocupou muito minha mãe, era uma situação muito difícil, porque ela temia muito que isso pudesse vir a acontecer. Mas felizmente não aconteceu, porque meu irmão, prevendo também, sabendo que nós estávamos na linha legalista etc., então não quis, ele disse: "Não, eu, para servir revolução na parte de Marinha, eu não sirvo, não sirvo porque eu tenho dois irmãos combatendo do outro lado."

P.R. - E depois da derrota da revolução, ele sofreu alguma represália?

A.A. - Não.

P.R. - Não?

A.A. - Não, não sofreu nada.

P.R. - E esse outro irmão do senhor que não havia ingressado na Marinha, qual era a atividade dele?

A.A. - A atividade de funcionário público.

P.R. - Ah, era funcionário público.

A.A. - Era funcionário do Ministério da Fazenda.

P.R. - E as irmãs casaram com militares?

A.A. - Não, uma das irmãs casou-se com um médico urologista, professor Guerreiro de Faria, um grande urologista. As outras duas irmãs não se casaram, e uma casou com um comerciante etc., lá em Santa Catarina. E outras duas ficaram solteiras e faleceram solteiras.

V.A. - E as atividades delas, elas exerceram alguma profissão, as irmãs do senhor?

A.A. - Duas quiseram exercer profissão, mas uma desistiu; quando começou a se candidatar, desistiu. A outra cursou a faculdade de medicina, não para medicina, mas para farmácia, e diplomou-se em farmácia. E casou com um primo meu que era médico, especializado em urologia. Esse meu cunhado e primo, médico, o que tem de interessante em relação história, que quando houve o acidente do presidente Vargas quando ele vinha de Petrópolis, no 1º de maio - que vai fazer anos hoje -, foi o primeiro médico que atendeu o presidente Vargas, porque... Eu já contei, fiz referência a isso. E o meu cunhado que eu chamei às pressas para vir atender porque não havia outro médico, e a dona Darci declarou: "Vê se você chama qualquer médico." Então eu disse a ela: "Eu vou chamar o meu cunhado que tem o curso todo com distinção na faculdade de medicina." Ele veio então e ele que atendeu-nos a fazer as pesquisas etc., do presidente, ver como que ele estava desacordado, as injeções que ele deu, e diagnosticar o que ele tinha - que o meu cunhado diagnosticou certo, que era uma fratura violenta do fêmur.

P.R. - O senhor na infância morava na rua Paissandú, não é?

A.A. - Morei na rua Paissandú. Depois da rua Paissandú nós fomos morar numa casa que o meu pai adquiriu lá em Santa Teresa, na rua Santa Cristina, 52. E aí então, eu já com cinco anos, seis, aí que eu vivi bem a minha mocidade etc., até sair de casa. Porque o meu pai quando faleceu ainda morava na mesma casa, e a casa foi tendo acréscimos. Porque o meu pai recebia todos os parentes, e a casa... Nós éramos oito filhos, não é? E então ele teve que ir fazendo acréscimos na casa, comprou terreno e a casa foi crescendo assim meio fora de arquitetura, não é? Então recebia amigos de Santa Catarina, que ele era apaixonado por Santa Catarina, dava aulas de graça de matemática para preparar elementos para a Marinha Mercante, tinha paixão para lecionar, gostava muito de lecionar. E lá ele faleceu; a última morada dele foi lá na rua Santa Cristina 52. E ele adorava porque a casa tinha uma grande vista para o mar. Então ele dizia: "Eu morando aqui, ninguém tira essa vista." Porque Santa Teresa fica no alto, então a casa ficava de lado..., do lado todo da casa a gente olhava e via o mar, a fortaleza de *Villegaignon* etc., e ele dizia: "Daqui ninguém me tira a vista do mar." Tinha paixão pelo mar.

P.R. - Certo. E o Colégio Bôscoli ficava ali perto do Ateneu Bôscoli?

A.A. - Não, o Ateneu Bôscoli ficava na rua Senador Vergueiro. Eram duas casas grandes geminadas, que o professor Bôscoli parece que comprou ou alugou e montou o grande colégio

que era de um grande professor, José Ventura Bôscoli. Pai desses ..., esses todos Bôscoli são descendentes dele pelo que eu saiba. E ele então montou esse colégio, e nós cursávamos esse colégio que era na rua Senador Vergueiro. Chamava-se Ateneu Bôscoli. Ele era um homem extraordinário, de uma honestidade, de um espírito de ensino - espírito público, não é? -, de honestidade formidável. Ele não permitia, não aceitava que os alunos não apresentassem o rendimento, porque ele achava que aquilo era uma desonestidade para os pais. Dizia: "O senhor está roubando o seu pai, eu estou recebendo dinheiro dele para lhe ensinar e o senhor não está correspondendo." Era assim que ele se referia aos alunos. E tinha quatro, cinco filhos: o Gerdau [inaudível]; o Bôscoli, que ainda está vivo. engenheiro; o Geisa Bôscoli, que se dedicou muito ao jornalismo etc., e tinha o Jardel... Jardel Bôscoli, que foi para Buenos Aires porque quis ser artista. E que o pai desse Bôscoli aí do teatro. O Jardel Bôscoli, o nome de guerra dele, era Jardel Jércole. Porque quando ele resolveu adotar a profissão de artista, o dr. Bôscoli não concordou; então ele rompeu com o pai e foi embora para a Argentina e foi fazer vida de teatro lá na Argentina. Ficou lá muitos e muitos anos e nunca mais voltou ao Brasil. só voltou ao Brasil depois que o professor faleceu porque não queria causar desgosto ao pai. Então ele voltou com uma companhia de revista, de teatro de revista, já casado com uma artista que era a Lódia Silva, e aí veio com uma bruta companhia de revista e viveu fazendo teatro. E aí a família toda começou a entrar no teatro, tem vários Bôscoli aí no teatro; Jardel Filho, netos...

P.R. - Tem o Ronaldo Bôscoli.

A.A. - É neto do Bôscoli, Ronaldo Bôscoli. E por aí vai.

P.R. - O senhor entrou no Ateneu aos sete anos de idade?

A.A. - Não, não, eu entrei depois de fazer o curso de escola pública; entrei com dez anos de idade, entrei para o Ateneu.

P.R. - Ah, então antes do Ateneu o senhor já havia estudado?

A.A. - Eu já havia estudado, eu fiz escola pública. Cursei a escola pública, saí e aí...

P.R. - Aonde?

A.A. - Aqui no Rio, na rua Santa Cristina mesmo. Primeiro numa escola Rodrigues Alves, que ficava em frente ao Palácio do Catete - hoje puseram embaixo, acabaram com a escola. Depois, uma escola no começo da rua Santa Cristina. Então nós, eu e meu irmão - nos matriculamos nessa escola. E de lá saímos pra ir para o colégio para preparar, fazer preparatório, fazer o curso científico.

P.R. - Quer dizer, o Ateneu Bôscoli então correspondia hoje ao curso ginásial?

A.A. - Ginásial, é. Eu ainda me lembro da minha professora que me ensinou a ler, era a dona Leontina. Ainda me lembro dela, eu tinha sete anos, foi quem me ensinou a ler. E a diretora do colégio era uma senhora, que depois veio a ser mãe de um oficial de Marinha, porque um dos filhos dela cursou a Escola Naval e fez oficial da Marinha. Era dona Mariana Palhares de Pinho.

P.R. - O senhor esteve no Ateneu Bôscoli durante uns cinco anos?

A.A. - Uns cinco anos, três, quatro anos

P.R. - E esse período de vida do colégio, independente do rigor do estudo, existia outro tipo de atividade no colégio, por exemplo, grêmio literário, esportes...?

A.A. - Não, havia uma aula de ginástica pela manhã. Nós éramos semi-internos, então íamos para o colégio de manhã, e lá participávamos da aula de ginástica que era dada por um professor de ginástica. Porque tinha um terreno grande lá, então fazíamos ginástica sueca de manhã antes do começo das aulas.

V.A. - Ginástica sueca?

A.A. - É.

V.A. - Por que se chama...?

A.A. - Porque era o sistema de movimentos, tinha sido importado da Suécia. Hoje não sei se ainda usa. Esses movimentos todos sem grandes esforços, movimentos mais de desenvoltura, eram chamados de ginástica sueca.

P.R. - Nessa época o futebol já estava muito desenvolvido?

A.A. - O futebol estava se desenvolvendo.

P.R. - O senhor, por exemplo, morou na rua Paissandú, perto do campo do Fluminense - parece que já existia naquela época.

A.A. - Eu sou fluminense, eu sou sócio remido do Fluminense, consegui ser sócio remido do Fluminense. Sou mais antigo sócio do Fluminense do que do Clube Naval. Porque eu entrei para o Fluminense como sócio atleta para a parte de esgrima, porque eu era aspirante de Marinha e lá na Escola Naval tinham as aulas de esgrima, e eu gostava muito de esgrima. Então eu entrei para o Fluminense como sócio atleta. Então eu praticava esgrima pelo Fluminense, de modo que eu tenho mais tempo de Fluminense do que de Clube Naval, onde eu só entrei como tenente. Fazia esgrima no Fluminense. Agora, não sei por que, mas eu me lembro ainda do time, dos primeiros times do Fluminense: era Marcos, Vidal, Chico, Neto, Laís, Osvaldo e Fortes, Mano, Zezé, Oto, Frank e Machado.[risos]

P.R. - O Marcos o Marcos Mendonça?

A.A. - Marcos Mendonça.

P.R. - Marido da Amélia.

A.A. - Marido da Amélia Carneiro de Mendonça. Era o Marcos, era o goal-keeper, tido como o melhor goal-keeper da época, que disputou o sul-americano etc. Daí vem a minha... embora eu não praticasse futebol, mas dessa época que vem a minha admiração pelo jogo de futebol, que um esporte muito bonito. E o profissionalismo então desvirtuou, mas de qualquer jeito um jogo muito bonito, não é? - que os americanos estão querendo adotar. Aquele *baseball*, *rugby*, aquilo eu assisti na América e não me tocou, não. Eu acho o futebol muito mais flexível, muito mais maleável, muito mais artístico. Nós temos verdadeiros bailarinos em futebol. Eles fazem com a bola o que querem: Pelé, Garrincha, essa gente, são uns bailarinos. O que os toureiros fazem na

praça de touros lá na Espanha, os nossos jogadores fazem aqui nos campos de futebol.

P.R. - E natação? O senhor, naturalmente como aspirante de Marinha devia ter uma preferência pela natação. Naquela época era desenvolvido o esporte da natação?

A.A. - Era, já era um esporte bastante praticado, não com esse tipo de... competitivo etc. Eu até, antes de entrar para a escola tratei de aprender um pouco a nadar, porque eu tinha medo de ir para a escola e levar trotes violentos etc. Então quando eu entrei para a escola eu já nadava direitinho, eu vinha para a praia de Santa Luzia, com meu irmão etc., para nadar ali na praia e, quando eu cheguei na escola, eu já me mantinha acima d'água, de modo que eu levava aqueles caldos, aquela coisa toda, fazia uma choradeira grande, fazia o patético, dizia: "Eu estou me afogando": Uma coisa qualquer, para evitar, mas eu já me safava. E depois então vim me aperfeiçoando nos estilos - a escola tinha um instrutor de natação.

P.R. - Na escola?

A.A. - Na Escola Naval.

P.R. - Os trotes da escola eram muito violentos naquela época?

A.A. - Não, havia trote de arrumar a cama, de limpar espadim de aspirante... Porque nós tínhamos, quando chegávamos... Os espadins são de metal amarelo com uma parte preta etc., e aquele metal, quando a gente compra o espadim, dourado, mas aquele dourado sai. Depois, então, tem que passar caol para aquilo ficar brilhante. Porque a gente, quando sai da escola, quando licenciado, passa por uma inspeção rigorosa para ver se o aspirante está perfeitamente uniformizado etc. E os aspirantes veteranos não queriam mais limpar espadim, então os calouros que limpavam os espadins - os próprios e os dos veteranos. E cama também: tem o curso de arrumar cama de três anos, de um ano. Porque no primeiro ano eu arrumei cama, depois não arrumei mais também, não é? aí eram os calouros que arrumavam a cama. E tinha uma série de outras brincadeiras que a gente fazia.

P.R. - O comando da escola não interferia nisso não, não é?

A.A. - O comando da escola não interferia porque era feito tudo escondido, mas quando o comando da escola via, o negócio era sério, o comando da escola reprimia. Quando sentia que estavam dando trotes etc., reprimia. Porque nós tínhamos um diretor, que era o almirante Isaías, que era muito rigoroso e ele vivia praticamente na escola, porque a Escola Naval na ilha das Enxadas tinha a residência do diretor e a residência do encarregado do corpo de alunos. E o almirante Isaías, de noite, acabava de jantar e ia passear pela escola. De modo que a escola tinha poucos alunos, eram cento e poucos alunos, e ele estava sempre vigiando. até eu me lembro de uma ocasião que era um trote gozado até, porque os veteranos estavam dando trotes de regata: nós ficávamos sentados na grama, hipoteticamente era iole a oito, eram oito numa iole e oito noutra, então nós ficávamos sentados na grama fingindo que remávamos, e com aquilo a gente tinha que se deslocar um pouco na grama para ver quem chegava primeiro lá. E estávamos lá naquela regata e um colega nosso que era mais antigo, que era o Álvaro Cabo², estava sendo o animador e regendo lá a regata, aí chegou o almirante Isaías. Chegou o almirante Isaías... Esse negócio de hora de estudo, não é? Chegou e empurrou o Álvaro Cabo no bailéu, por estar aproveitando dos calouros! [risos]

Mas tinha coisas muito engraçadas. Tinha um colega meu, quando nós entramos, que gostava

² Nome sujeito confirmação.

muito de literatura, de escrever, de fazer versos, e foi um dos fundadores da revista, que hoje está até completando 60 anos, uma revista de Marinha que foi a nossa turma que criou - A Galera. É uma revista sobre a vida dos aspirantes de Marinha etc. E esse meu colega, Apolinário Buarque de Lima, gostava de falar, de fazer discursos etc., então o trote que ele levava era fazer discursos. Mas então botavam o Apolinário trepado lá numa tribuna fazendo discursos, então ele tinha que soltar um bestialógico qualquer. Mas onde devia ter vírgula, ele tinha que acrescentar "você vai", e onde tinha ponto ele dizia assim: "tatu subiu no pau". Então ficavam uns disparates gozadíssimos, não é? Ele falava assim: "você vai", e quando dizia "tatu subiu no pau", ele puxava o bigode que ele não tinha, e os aspirantes não podiam rir. Os aspirantes não podiam rir, só os calouros que.. [risos] Essas brincadeiras que eram feitas lá na escola.

P.R. - O senhor depois que saiu do Ateneu Bôscoli foi para a Escola de Humanidades, não é?

A.A. - Fui para a Escola de Humanidades.

P.R. - Ela ficava próxima também da sua casa?

A.A. - Não, ficava... Ficava próxima, ficava na cidade, porque nós descíamos a rua Benjamin Constant, pegávamos o bonde e íamos para a cidade, e a Escola de Humanidades era na cidade. Mas era um curso mais barato que o do...

P.R. - O Ateneu.

A.A. - O curso da Senador Vergueiro, o Ateneu.

P.R. - Ah, sim. Mas o tipo de estudo era o mesmo?

A.A. - O tipo era o mesmo.

P.R. - Era uma continuidade do curso...

A.A. - Era uma continuidade.

P.R. - lá o senhor ficou até entrar na Escola Naval?

A.A. - até entrar para a Escola Naval. Havia até uma coisa muito gozada: que o meu pai...A passagem do bonde de lá de casa até a Senador Vergueiro custava o que nós chamávamos 300 réis, três tostões. Bom. Mas a gente pegava o bonde na esquina da rua Santo Amaro, ia até o largo do Machado pagava 200 réis, e dali do largo do Machado até a Senador Vergueiro, o pedaço que tinha que andar custava 100 réis. E o dinheiro era curto lá para nós, não é? Meu pai não tinha dinheiro. Então nós pegávamos o dinheiro, íamos até o largo do Machado, pagávamos 200 réis; o outro tostão que sobrava nós metíamos no bolso e íamos p para o colégio. Com esse tostão nós comprávamos bala, essas coisas, essas guloseimas etc., para brincar.

V.A. - Era o senhor e o seu irmão?

A.A. - E o meu irmão.

V.A. - Um dos que também seguiu carreira de Marinha?

A.A. - Também seguiu carreira de Marinha, nós dois entramos para a Marinha. O meu irmão, o outro mais velho, já estava fazendo o curso da Escola Naval. Que era uma diferença de idade muito grande.

V.A. - Muito grande?

A.A. - É.

V.A. - Não era assim escadinha, não?

A.A. - Não, era uma escada com uns degraus meio grandes. [risos]

V.A. - O senhor foi o penúltimo?

A.A. - Eu fui o penúltimo. E agora sou o último a morrer, porque os meus irmãos todos faleceram, fiquei só eu. [emoção]

P.R. - Agora, o senhor, depois que saiu da Escola de Humanidades. o senhor entrou direto na Escola Naval? ou ficou um ano estudando...?

A.A. - Não, não, eu fiquei... Eu fiquei praticamente um ano estudando, foi curioso.

P.R. - Só para a Escola Naval?

A.A. - Não, não foi só para a Escola Naval, porque a gente tinha que apresentar a certidão de exame de todas as matérias, de várias matérias. Não sei como que faziam; tinha que apresentar a certidão de aprovação em francês, inglês, em português, em história, em física, química, história natural etc. E, por questão de encadeamento dos exames que nós fizemos, eu fiquei o último ano... Quando chegou nos exames, que eu tinha que apresentar a certidão, ficou faltando um exame, que era o de história natural.

P.R. - Isso na Escola de Humanidades?

A.A. - Na Escola de Humanidades. Eu fiquei dependendo de fazer um, de apresentar um diploma no Pedro II - que a gente fazia no Pedro II -, fiquei só por história natural. Nesse ano só de estudar história natural, fiquei me preparando para fazer o concurso. E aconteceu uma coisa muito gozada nesse meu exame de história natural, que era a barreira - era um exame difícilíssimo, muito apertado, e eu estava estudando muito história natural, estava estudando história natural a fundo, porque o meu cunhado era também... Ele me ensinava também história natural. Eu estudei muita coisa no Instituto Anatômico de partes do corpo humano etc. E eu queria tirar distinção. Mas falta de sorte no momento o diabo, não é? E eu vou fazer o exame de história natural, o único exame que faltava para eu ter todos os elementos para poder fazer o concurso. Eu vou fazer exame de história natural, eu recordei tudo, só não recordei um ponto, um ponto do exame. Pois caiu esse ponto para cima de mim, até hoje me lembro o nome: o que eles me pediam de animais era protocórdios. Quando caiu aquele troço eu disse: "Isso não cai!" Era um negócio chato, eu não gostava daquilo: "isso não vai cair." Pois eu fiz 13 pontos na loteria: caiu protocórdios. Treze pontos de azar, caiu protocórdios: "Estou frito, o que eu vou escrever?" Tinha uma questãozinha de mineralogia vagabunda, mas a questão básica era mineralogia. E eu fiz uma prova como a minha cara; horrorosa! E era norma quando o aluno se

projetava (sic) na prova escrita, nem vinha para a prova oral, já considerava reprovado. Eu me projetei na parte de escrita, mas eu digo: "Não, vou para a oral, eu vou enfrentar a oral de qualquer jeito." Quando fui chamado, eu cheguei, me apresentei, aí um dos professores, que era o Lafayette, que era carne de pescoço, virou-se para mim e disse: "O senhor vai fazer exame?" Eu disse: "Vim fazer o exame." Ele foi e disse assim: "Qual seu ponto?" Eu entreguei a ele o ponto - que a gente tinha direito de pegar um ponto, sortear um ponto para ficar um tempo pensando. "O seu ponto?" "O meu ponto esse." Ele leu, eu disse: "O meu ponto esse, mas o senhor pode perguntar o que o senhor quiser que eu respondo." Ele disse: "Ah, é? Então..." largou o ponto que tinha caído para mim, não sei o que era, não me lembro o que era, e aí foi em cima de mim. Levou uma hora me examinando: e isso e aquilo, e peixes, e não sei o quê, classificação de peixes, não sei o quê. Chegou uma hora que ele quis me fazer debruçar: "E aves, e aves? Vamos para as aves. Como o senhor classifica essa ave?" não sei mais o quê. Aves tinha um macete curioso, que era o seguinte: as aves geralmente eram empalhadas, e um dos pontos característicos de classificação de aves era o que a gente chama de carena, um osso que a ave tem aqui. Ave empalhada não pode caracterizar porque não tem carena, não é? E ele empurrou um periquito lá para eu classificar e eu tome - pela forma dos pés, pela forma da cauda. Quando acabou ele disse: "Eu estou satisfeito." aí virou-se para mim: "Por quê que o senhor fez uma prova tão ruim?" Eu fui e disse assim: "Não sei, foi falta de sorte, nervoso." "Estou satisfeito." Passei com seis, passei com plenamente grau seis, mas eu tive peito, porque daquilo dependia a minha entrada para a Escola Naval por um ano. E eu sabia a matéria, fiz aquela besteira de não estudar um ponto e me projetei, mas agüentei o Lafayette - era o Lafayette, era um carne de pescoço, ia a gente ao pau em história natural, que não acabava mais. Mas passei o meu grau seis e saí satisfeito, aí fui fazer concurso para a Escola Naval. Também no concurso para a Escola Naval foi gozado. Porque tinha uma questão que eu achei tão fácil que eu pensei que tivesse errado. Eu digo: "Eu estou errado." Foi uma questão de geometria. E fiz a questão: primeira vez, deu o mesmo resultado, segunda vez, deu o mesmo resultado, a terceira... Era o que faltava, as outras eu tinha feito mais ou menos etc., mas essa eu estava achando fácil demais. E estava certinha. aí entreguei e entrei para a Escola.

V.A. - O senhor falou que viu o cometa *Halley*, ou as pessoas viram o cometa lá em Santa Teresa, não é?

A.A. - Em Santa Teresa.

V.A. - Isso foi em 1910?

A.A. - Em 1910, é.

V.A. - Quer dizer, o senhor se mudou para Santa Teresa ainda bem menino.

A.A. - Bem menino.

V.A. - O senhor se lembra como era a vida lá do bairro, as brincadeiras, e o bonde, essas coisas?

A.A. - Era uma vida muito... muito provinciana, não é? Muito ligada... Porque as famílias todas ali se davam, a vizinhança toda era muito comunicativa. Nós todos, meu pai, minha mãe, todos nós nos comunicávamos com todos aqueles vizinhos. Agora as brincadeiras quase todas eram feitas lá em nossa casa - as nossas -, porque o meu pai tinha uma área grande de terreno e achava que nós só devíamos brincar em casa, não brincar na rua. Então os outros garotos todos

podiam brincar lá em casa, e lá nós brincávamos com essas brincadeiras normais de bolinha de meia, essa coisa toda, brincar de pegar, tudo isso. E soltar balão.

V.A. - Soltar balão?

A.A. - Na época soltava balão. Dia de aniversário da minha mãe era uma festa, porque o meu irmão era um grande fazedor de balão, o meu irmão mais velho. Não havia essa preocupação, esse medo de tocar fogo na selva. E o meu irmão, muito habilidoso, então, fazia dezenas de balões, e o meu pai sempre dava uma festazinha no aniversário da minha mãe. Então tinha uma hora lá de noite que a homenagem era soltar os balões. Então tinha aquilo de abanar o balão, inflar o balão de ar, depois acender a bucha, depois soltar e ver o balão subir longe etc. Mas ele fazia balões grandes, dessa altura assim. Nós vivíamos uns 15 a 20 dias antes preparando os balões para a festa de aniversário da minha mãe, que era o dia 25 de junho.

V.A. - Era bem na época de São João.

A.A. - São João.

P.R. - O senhor não falou a respeito dos bailes; como eram os bailes no tempo da sua juventude?

A.A. - Na minha juventude, baile era na base do piano, as festas em casa de família etc., era tudo na base do piano. Baile assim de clube que tinha orquestra, mas os saraus todos que existiam geralmente, das famílias, era tudo na base do piano. Tinha rapazes, tinha pessoas que eram alugadas...

[FINAL DA FITA 7-A]

A.A. - ... que eram alugadas etc., para tocar piano, tocar aquelas valsas, tocar aqueles sambas, tocar aquela coisa.

P.R. - já havia o samba naquela época?

A.A. - É, chamavam de samba, de maxixe, mas o negócio era samba mesmo; samba, valsa, *fox*, já tinha chegado aqui - *fox-trot*.

V.A. - E o senhor sabia dançar bem?

A.A. - Eu dançava direitinho, sim. Eu não seria o p de valsa, Juscelino, mas procurava dançar direitinho. Eu tenho muito bom ouvido, sabe? Então, a gente tendo ouvido, pega muito a cadência. Depois na Escola Naval, todo o mundo, todos os aspirantes também tinham que aprender a dançar, porque era uma necessidade para ir para as festas, essas recepções, aspirante tinha que saber dançar direitinho. A maior parte dançava.

P.R. - O senhor falou da outra vez que o pai do senhor não era um homem rígido, mas era um disciplinador.

A.A. - Ah, era.

P.R. - Então como que ele controlava assim, vamos dizer, o namoro dos filhos, as saídas noturnas, se que podia ser...

A.A. - Bom, ele não se envolveu no namoro dos filhos assim diretamente, agora, as saídas noturnas, nós, rapazes, só tivemos a emancipação quando entramos para a Escola. Ele disse: "Agora vocês têm a chave de casa, agora vocês se safem. Porque o que eu tinha que fazer lá já fiz, vocês já estão na Escola, agora estudar e se formar, agora vocês são donos de vocês." Então não controlava mais nada.

V.A. - E as moças, as irmãs do senhor?

A.A. - O quê?

V.A. - Ele controlava as irmãs do senhor?

A.A. - Ah, controlava, aí controlava.

V.A. - Elas não tiveram chave da casa?

A.A. - Não, naquela época não tinham. Não, as moças eram muito controladas, muito controladas. As moças não saíam sozinhas, as moças só saíam acompanhadas. Quando tinha um namoradinho, uma coisa qualquer, saía sempre com uma outra companheira, com uma coisa qualquer, o máximo que podia, num encontro, era no cinema, na novena. O negócio era muito gozado. Aliás, h filmes aí que projetam um pouco dessa vida, um pouco exagerada quando fazem o tempo do Império, mas dessa vida de República, já da década de 30, por aí, a coisa era bem fechada.

P.R. - O senhor ingressou na Escola Naval em 1923, não isso? Durante o ano de 1922 o senhor passou se preparando para ingressar na Escola Naval, não foi?

A.A. - Foi.

P.R. - O senhor tem alguma recordação assim do dia 5 de julho de 22, o dia em que estourou a revolta do forte Copacabana?

A.A. - Tenho, tenho, eu ouvi os tiros.

V.A. - Ah, ouviu?

A.A. - Ouvi os tiros. Nós morávamos em Santa Teresa quando rebentou o movimento de 5 de julho.

P.R. - Nesse dia o senhor não saiu na rua?

A.A. - Não, não saí na rua, não; nem ninguém saiu, todo o mundo com receio de saber o que ia acontecer no movimento de 5 de julho. Que teve uma duração pequeníssima, não é?

P.R. - Foi.

A.A. - [inaudível] a reação, e acabou.

P.R. - O pai do senhor comentava a revolta em casa, comentava com os amigos?

A.A. - Comentava, não havia repressão a isso. O movimento anterior... Porque houve vários movimentos, não é? Houve umas duas ou três tentativas de derrubada de governo. Numa delas, na primeira, se não me engano, eu me lembro que tinha um oficial do Exército, que tinha feito a revolução - porque essa revolução falhava, não é? e tinha um filho de um colega do meu pai, que era o Brasileiro Americano Freire, dessa família Americano Freire - não sei se ouviu falar, tinha elementos na Marinha e outros foram para o Exército. Mas o mais velho era o Brasileiro Americano Freire, que esteve escondido lá em casa, na nossa casa, foragido etc., da polícia do Bernardes, daquele pessoal. Queria pegar os revolucionários e esse rapaz, o Brasileiro, morava... Eles moravam na rua Santa Cristina bem abaixo, logo no começo, perto da rua Santo Amaro, e as famílias tinham sido criadas naquela época etc. E esse já estava emancipado, já era tenente etc., e um belo dia eles vieram pedir, a família veio pedir para guardar o Brasileiro lá em casa e ele esteve alguns dias lá em casa escondido, até ele conseguir um jeito de sair de uma prisão, de uma coisa qualquer.

P.R. - O pai do senhor, depois que deixou a Marinha nunca mais se envolveu em outro movimento?

A.A. - Não. Depois que ele perdeu o movimento do almirante Saldanha, ele ficou decepcionado com os movimentos. Achava que os movimentos não surtiam o efeito desejado, da vitória etc., que havia sempre fraqueza dos movimentos, que o governo era altamente garantido para evitar a queda do governo. E realmente houve várias tentativas, só no governo do dr. Washington Luís que surtiu efeito. Aliás, eu creio pessoalmente que por culpa dele. Porque eu acho que o erro político do dr. Washington foi fazer a convocação. Porque ele quando viu que a tropa que vinha, que uma parte da tropa estava toda contra ele, ele fez a chamada de reservistas, convocação geral. Aquilo botou a família toda contra ele. Então as famílias todas que tinham filhos reservistas etc... aquilo tudo criou um clima hostil a ele. Isso que eu tenho a impressão que pesou muito na deposição do dr. Washington.

P.R. - O ano que o senhor entrou na Escola Naval, 1923, coincidiu com a época da chegada da missão americana no Brasil?

A.A. - Não, já existia.

P.R. - Ah, já existia.

A.A. - A missão americana existia; veio, se não me engano na época do Epiácio Pessoa, foi por aí.

P.R. - Foi por aí, não é? Foi essa missão americana que implantou a aviação naval?

A.A. - Não, a aviação naval foi antes, a aviação naval foi em 1914, foi o Almirante alexandrino.

P.R. - Ah, foi o almirante Alexandrino.

A.A. - O almirante Alexandrino que criou a aviação naval. Mais ou menos 1914, foi no começo da guerra de 14, por aí. Tanto que nós tivemos até oficiais de Marinha que foram para a

Inglaterra e voaram durante a guerra na aviação...

P.R. - Inglesa.

A.A. - Inglesa. Um deles, eu me lembro, era um gaúcho, o Olavo de Araújo.

P.R. - Bom, mas nessa época, essa missão naval tinha alguma instrução estrangeira? Ela teve inicialmente instrução inglesa?

A.A. - Tinha...?

P.R. - Alguma instrução estrangeira, alguma missão estrangeira.

A.A. - A missão naval era americana.

P.R. - Quer dizer, não houve missão naval inglesa na Marinha.

A.A. - Não houve missão naval inglesa. Houve ingleses na Marinha, mas a missão, a orientação, digamos assim, bélica mesmo que nós tivemos aqui de status elevado veio com a missão naval americana.

P.R. - E isso foi por volta de 1923, por aí?

A.A. - 1923, 22, por aí. Não posso garantir exatamente a data, mas foi nessa época mais ou menos que vieram.

P.R. - Foi na época... Quer dizer, nessa época o senhor ainda estava na Escola Naval?

A.A. - Eu entrei em 23. Em 23 já a missão naval estava exercendo as suas funções. Tanto assim que quando nós entramos para a Escola Naval, o regulamento de instrução da Escola Naval já tinha sido preconizado pela missão americana. Ela que orientou como devia ser ministrado o ensino na Escola Naval. Entre outras coisas que ele considerava importante era o aluno não depender de livros de fora. Então os professores que davam as aulas tinham que dar as aulas escritas, e a gente estudava, não comprando o livro.

P.R. - Através de apostilas.

A.A. - Através das apostilas. Esse foi talvez o primeiro ou segundo ano em que o ensino da Escola Naval foi adotado dessa forma. Eu creio que foi o primeiro ano. Foi quando a Escola Naval se transferiu da Tapera, lá de Angra dos Reis, para a ilha das Enxadas novamente. E aí nós pegamos então a instalação do regime de distribuição de apostilas que iam sendo distribuídas e medida que os professores iam dando determinada fase das matérias.

V.A. - E quais as opiniões do pai do senhor sobre a missão americana? Porque ele era professor, não é?

A.A. - Ele era professor.

V.A. - E quais as opiniões dele a respeito da instalação de...

A.A. - Ele achava bom, era favorável. Porque a missão americana não ensinava só a Escola Naval, ela dava uma série de elementos, de dados etc., para que a gente pudesse pensar na guerra naval, e nós tínhamos já os navios mandados reparar na América - o Minas Gerais e o São Paulo foram reconstruídos na América, já dentro do padrão de combate preconizado pelos americanos. Por exemplo, um elemento importante que nós não tínhamos, era a chamada direção de fogo, direção de tiro do navio, porque o tiro não era comandado por uma unidade cerebral dentro do navio. Os americanos que ensinaram isso, a fazer o tiro dirigido. Então tem um encarregado geral da artilharia que quem ficava na torre e todo o sistema de artilharia era controlado por esse cérebro. Tinha um cérebro que determinava a pontaria dos canhões, tudo isso. Havia então a forma do navio atirar simultaneamente com vários canhões, com um simples apertar de botão, era o que nós chamávamos de fogo pelo diretoscópio. Outra coisa interessante que também havia era a questão da avaliação da distância, porque não havia esses sistemas de medidas de distâncias indiretas, não havia. Havia uns telêmetros precários que mediam a distância por coincidência de imagens etc. Mas então eles criaram o processo de avaliação de distância, com um grupo de oficiais que faziam treinamento, que chamavam os *spotters*. O nome inglês e nós não traduzimos. Esses *spotters*, a gente fazia um treinamento de avaliação da distância pela formação do que nós chamávamos - nós usamos aqui coluna d'água -, eles chamam de *splash*. Quando a bala bate n'água ela levanta a coluna d'água de 20,30 metros de altura. Ela bate n'água e levanta aquilo o *splash*. Então o processo muito interessante, porque o que se procura no tiro no mar, de artilharia, enquadrar o alvo, porque não se dá um tiro de um canhão só, dá-se de quatro ou mais. Então os projéteis saindo, como eu já disse, saindo a uma simultaneamente, apontados para o mesmo ponto, com uma coisa que se chama dispersão - os canhões não são todos iguais, o valor das [bolas]³ ... -, então uns projetis influenciados pelo vento, eles caem mais longos ou mais curtos do alvo. Então quando o alvo está enquadrado, quer dizer, que uma metade cai antes do alvo, e outra metade cai além - quer dizer, o alvo está enquadrado -, então aquela pontaria está certa. Então aí questão de probabilidade, de aumentar o número de tiros para que alguns caiam no alvo, entendeu? um... Se torna muito interessante.

Agora, tem os oficiais que ficam com binóculos, e pela - este treinamento feito antes - e pela posição da coluna d'água a gente diz a que distância, a quantos metros está do alvo: ou 500 metros, ou 400, ou 600; está aquém ou além. interessantíssimo. Então a gente fica com o binóculo, e quando os tiros saem, o projétil vai embora, ele voa no espaço, a gente fica esperando ele chegar, e quando ele chega a gente vê a formação [do esquadro]⁴ e canta logo pelo telefone, que está aqui na [inaudível]. A gente canta pelo telefone: "Curto, cinco, duplo zero!" Então o cérebro já corrige a alça para mais cinco duplo zero para ir para o alvo. Se longo, a gente diz: "Longo, cinco, duplo zero!" então eles abaixam. E por aí vai. E quando chega no enquadramento, a gente diz: "Alvo, rapidez de fogo!" E aí sai... Um canhão acabou de atirar, já está atirando outro projétil, para aproveitar aquele instante. Porque o tiro no mar um tiro ingrato. porque um tiro de movimento relativo, porque o navio está se movimentando, e o alvo também está - através de movimento relativo que tem que ser solucionado geometricamente. Então a gente, quando consegue botar os projetis ali naquele..., tem que aproveitar aquele instante, são 20 segundos, 30 segundos. Então os projetis têm que sair um atrás do outro.

Eu vibro muito, eu fui *spotter* também, e me coloquei muito bem. E botei o alvo abaixo etc. Mas impressionante, porque a gente... os treinamentos são muito importantes, porque na guerra, quem não t treinado uma desgraça. Na guerra a gente esquece da guerra, a gente fica apaixonado pelo resultado. Se o sujeito vai pensar que vai morrer, não vai combater, não! melhor ficar em casa! [risos] A guerra uma luta de objetivos, de objetivos, de domínio, um

³ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

⁴ Idem

negócio que invade a gente, não verdade? um fenômeno curioso. Então esse treinamento na paz que leva a gente a transportar tudo..., a realidade para um treinamento. Então a gente tem que ser rápido, tem que ser vivo nessa coisa, tem que ser rápido nas decisões, não se pode vacilar. O negócio tem que vir do subconsciente e explodir logo. E no mar esse problema de movimento relativo muito sério.

V.A. - Quer dizer: o *spotter* aquele que fica com o binóculo?

A.A. - Que ficava, que fica com o binóculo - que a gente está de binóculo, o tiro, a salva saiu, a gente está de binóculo. Eu tinha o meu binóculo predileto, era o *Del 30*, um binóculo *Zeiss* de oito aumentos por 30 de luminosidade. um binóculo pequeno, leve, que era com o *Del 30* que eu "splotava" as minhas salvas. Eu tinha o meu binoculozinho ali. Agora, hoje isso já não está mais..., está completamente diferente, isso já superado, porque hoje tem o radar, tem a tela do radar, tem uma porção de outros elementos que tiram os... que se pode chamar primitivismos da luta no mar. Não do tempo do *lord Nelson*, mas nós já passamos... essa fase já primitiva também. Por exemplo, para a gente treinar essa "splotagem", os navios tinham o que a gente chamava mesa de plotagem. Era uma mesa comprida em que... aquilo tudo em escala... De um lado ficava o binóculo e do outro lado a gente bota o alvo, e aquilo em escala, as várias distâncias, a gente tem umas colunas de algodão. Então, botava aquilo ali, para os que estavam ali avaliar aquilo - pela projeção do traço da coluna d'água com o traço do alvo. Então a gente ficava treinando aquilo, na mesa de plotar. Ficava treinando aquilo horas e horas, fazendo aqueles exercícios para ficar com aquilo. E depois fazia um gráfico também, a gente desenhava o graficozinho e levava para a panela do mastro para ficar... Porque o *spotter* ficava num lugar elevado, fica na plataforma superior, que para ter bastante horizonte.

P.R. - Antes da criação do Ministério da Aeronáutica, que existia a aviação naval e a aviação militar, o Exército tinha uma escola de aviação militar.

A.A. - Tinha, foi criada depois...

P.R. - Foi criada?

A.A. - Depois da aviação naval.

P.R. - Depois da aviação naval.

A.A. - A primeira aviação militar que foi criada foi a aviação naval.

P.R. - Mas a Marinha não tinha uma escola de aviação naval, não é?

A.A. - Tinha; ficou como escola de aviação...

P.R. - Por exemplo, quando os aspirantes eram declarados da Marinha...

A.A. - Ah, eles não saíam aviadores navais. Os aspirantes nunca saíram aviadores navais, era uma especialidade.

P.R. - Como que se processava isso?

A.A. - Isso se processava indo para a escola de aviação naval, já como oficial, que era lá na ilha

do Governador.

P.R. - Eu estive discutindo isso com a Verena - não foi, Verena? - porque me parece que o almirante Maximiano, eu não recordo... você chegou a ver a entrevista do almirante Maximiano toda?

V.A. - Eu não me lembro o que o almirante Maximiano fala, mas eu me lembro que o brigadeiro Francisco Teixeira, que foi da aviação naval...

A.A. - Teixeira, ele foi aviador naval.

V.A. - Ele foi aviador naval; ele diz que ele foi para o Galeão... Depois de se tornar aspirante que ele foi para o Galeão, para a escola...

A.A. - Para a escola, tirar o brevê de aviador, porque a gente sai da escola sem o brevê, aí faz um curso de oito meses, ou coisa que o valha, na escola de aviação naval. Aí, depois de ele solar com o avião, que ele considerado brevetado, aí ele considerado aviador naval.

P.R. - Mas poucas pessoas sabem da existência dessa escola de aviação naval; onde ela ficava aqui no Rio?

A.A. - A escola de aviação naval... A aviação naval começou na ilha das Enxadas, num pedaço da ilha das Enxadas, ali que se formavam os aviadores. Depois foi transferida com mais imponência etc., para a ilha do Governador. Ali que funcionou a escola de aviação naval com toda a sua plenitude. aí que ela teve instalações, teve pista... Porque começa por aí: a aviação naval quando funcionava na ilha das Enxadas era só hidroavião, não tinha avião de pousar em terra. Porque a aviação também foi evoluindo, foi evoluindo, a aviação naval, mesmo nos Estados Unidos, era com hidroavião. Então quando estava na ilha das Enxadas, os aviões todos eram portadores de flutuadores, então ela funcionava com os hidroaviões. Depois que a escola mudou para a ilha do Governador, já influenciada naturalmente pela necessidade de ter avião com roda, então que passou a funcionar lá com pista de pouso, com tudo isso, e também simultaneamente vieram os navios aeródromos, veio essa coisa toda.

P.R. - Agora, por que, na Escola Naval, o aspirante durante o seu período de aspirante, por exemplo, no último ano, ele não fazia a sua opção para a aviação naval? Ele tinha que ir se especializar depois de ser declarado como guarda-marinha?

A.A. - O porque era o seguinte: porque a Marinha tinha... As opções das especialidades nunca foram feitas dentro da escola; no Exército, é. No Exército, cavalaria, infantaria, não sei o quê, no curso.

Na Marinha, não. Depois do oficial sair da escola, depois de chegar a primeiro-tenente ou coisa que o valha que ele fazia a opção: "Eu quero ser especializado nisso ou naquilo." Era assim no meu tempo, agora eu não sei como que está. Mas até o tempo em que eu estava na Marinha a gente fazia opção como primeiro-tenente. você chegava lá na Diretoria de Pessoal e dizia: "Eu prefiro me especializar..." Porque os cursos de especialização eram feitos como capitão-tenente, inclusive de aviação. Eu fui um dos que batalharam para que a especialização de aviador fosse feita antes, como primeiro-tenente, porque eu achava que o primeiro-tenente ainda tinha muito mais tempo e energia para ser piloto com mais antecedência, do que chegando já anos depois a capitão-tenente. E consegui isso e não fui contemplado, porque fui ao pau em psicanálise.⁵

⁵ O entrevistado certamente refere-se ao exame psicotécnico.

Porque eu queria ser aviador, [risos] eu queria ser aviador naval. E o ministro era o almirante Protógenes Guimarães, e eu conhecia muito os aviadores navais, e eu dizia: "Mas que diabo, vocês todos capitães-tenentes; eu, primeiro-tenente, quero ser aviador e não posso, preciso esperar ficar mais velho para ser aviador naval, quando eu posso ter muito mais mocidade para usar como piloto etc." E nessa época justamente, como eu tinha amigos no gabinete do almirante Protógenes, consegui que ele baixasse a idade, baixasse o posto para primeiro-tenente. Quando foi o primeiro ano em que os primeiros-tenentes puderam fazer o curso de especialização de aviação naval, eu me candidatei. Foi o primeiro ano que houve especialização como primeiro-tenente. Me candidatei. Da minha turma candidataram-se eu, o Gabriel Moss que hoje marechal-do-ar, brigadeiro Lauro Menescal, que brigadeiro também, o Apolinário Buarque de Lima, que faleceu - que eu disse que fazia os discursos - todos esses entraram. Agora, eu, Mário Lima, mais uns cinco da minha turma, fomos reprovados no exame de psicanálise. Era o exame que o Portocarrero fazia, e ele tocou pau numa porção de gente. E depois ainda pensei no ano seguinte fazer, mas aí fizeram já o quadro de aviação, e aí eu desisti, porque já tinha entrado gente mais moderna, e eu não quis. Não quis porque eu ia ficar abaixo dos outros que eram mais novos do que eu, então desisti.

P.R. - A escola de aviação naval ainda existe?

A.A. - Existe de helicóptero, não é? Porque hoje a aviação está... Os, vamos dizer assim, todos elementos da aviação de asa fixa são da Aeronáutica, e sem asa etc., helicóptero, podem ser da Marinha, pelo decreto do Castelo Branco.

P.R. - Foi uma solução ambígua que ele arranjou, não foi?

A.A. - Foi, foi uma solução política, não foi uma solução...

P.R. - Técnica.

A.A. - Do meu ponto de vista - eu quando eu digo as coisas a minha idéia -, foi uma solução política. negócio: divide para aqui, divide para lá. Mas estrategicamente eu acho que a aviação eminentemente naval é uma necessidade. Agora, como politicamente o lado, digamos assim, de ressalva da Aeronáutica, do privilégio dela, ela não quer que se crie aviação naval, porque eles dizem: "Porque então vocês vão absorver a gente" etc. Não é, não fato, porque a Inglaterra tem aviação naval, tem aviação estratégica, que até a RAF, os Estados Unidos têm a força deles aérea, a *Air Force*, e têm a aviação naval. Uma porção de países tem aviação eminentemente naval, a Argentina tem etc. E nós continuamos com essa dificuldade, de tudo que tem asa fixa... Eu já digo: até o açucareiro da FAB, porque tem asa fixa! [risos] Não é? Mas o negócio esse: o que tem asa fixa da FAB. Mas é um erro, lamentavelmente um erro. Eu espero que com o correr dos anos, com o correr dos tempos, a FAB amadureça e perca... Hoje o Exército já quer aviação, já criou, mas o Exército tem só helicópteros também, não pode ter avião com asa fixa, só pode ter helicópteros. Mas no fim vai...

P.R. - Mas o Exército já obteve isso?

A.A. - Já, já está pleiteando e vai obter, não pode deixar de obter.

P.R. - Quer dizer que o Exército então vai ter que voltar a ter uma escola de aviação militar?

A.A. - Vai ter que ter uma escola de preparação de pilotos de helicóptero. Porque tem que

preparar os pilotos de helicóptero. Mas o Exército já está sentindo a necessidade. Nos Estados Unidos havia, quando eu estava...

[FINAL DA FITA 7-B]

A.A. - Nos Estados Unidos havia, quando eu estava lá, havia a aviação naval, havia a *Air Force*, e o Exército não tinha. Mas com os movimentos, com os problemas, foram surgindo nas forças armadas americanas, nas intervenções que eles têm que fazer aqui e ali etc., o Exército americano chegou conclusão de que precisava ter seus aviões também individualmente, e já tem. Na época em que eu estava lá... Tanto que eu mandei as informações da criação da aviação eminentemente militar, da aviação do Exército, que foi criada a aviação. Hoje eles têm a *Air Force*, têm a aviação naval e têm a aviação do Exército. E nós ainda estamos com essa situação. Agora estamos com a aviação de asa fixa da FAB, inclusive helicópteros etc., e o Exército vai ter, está preparando a dele, e a Marinha tem a de helicópteros também. Mas um erro, nós precisamos ter os dois. Precisamos ter os dois porque temos que ter, uma vamos dizer, uma cobertura numa iminência, que a Força Aérea não pode nos dar. E no mar: quando a gente não sabe quando a coisa vai se dar, não é? Nós temos hoje navios aeródromos etc., com... O aviador naval tem um outro censo dos problemas do mar, que o aviador eminentemente aéreo não têm. uma coisa que a gente tem que compreender; não burrice do aviador da FAB, não nada, questão de formação.

V.A. - A sua primeira experiência num navio, de viagem marítima, foi no navio-escola?

A.A. - A minha?

V.A. - É.

A.A. - Não, foi em navio mercante.

V.A. - Como que foi essa primeira experiência? O senhor já estava na Escola Naval?

A.A. - Eu já estava na Escola Naval, ainda não tinha feito viagem de instrução, a viagem de instrução ainda estava marcada para um mês depois, ou dois meses. Eu entrei de férias, em férias eu consegui no Lloyd uma passagem num navio do Lóide que ia para Santa Catarina, e aí o diretor do Lloyd me deu a passagem como passageiro. Então eu fui até Santa Catarina e voltei.

V.A. - E visitou os parentes?

A.A. - E visitei os parentes e fiz a viagem por mar.

V.A. - E quais foram as impressões do senhor?

A.A. - Eu gostei, gostei.

V.A. - O senhor enjoou na viagem?

A.A. - Não, felizmente não. Porque tem pessoas que enjoam, porque questão de labirinto, mas

hoje isto está mais ou menos superado com o *sea-sick*. Esse negócio, quem enjoa, toma aquilo e depois a pessoa com o correr do tempo acostuma. Mas os americanos inventaram durante a guerra... Por causa dos desembarques, a tropa do Exército sofria muito porque a tropa era transportada por via marítima, mas uma parte dos homens ficava sem ação porque estavam enjoados. Então eles inventaram um remédio que dá uma ligeira sonolência, mas tira essa perturbação do desequilíbrio, e com o *sea-sick* eles conseguiram fazer as tropas deles todas desembarcarem tranqüilamente. Hoje h outros com outros nomes.

V.A. - E a viagem de instrução, como que foi a viagem de instrução?

A.A. - A viagem de instrução foi muito boa, foi a bordo do... Foi difícil, porque era uma viagem pesada, dura para aspirante, porque o alojamento do Benjamin Constant era muito precário, era um navio muito antigo etc., e o passadio era muito precário para nós aspirantes. Mas foi muito boa.

V.A. - O senhor foi para onde?

A.A. Nós fomos para Santa Catarina também, fomos até o sul de Santa Catarina. À vela, não é? Porque o navio era vela, viajando vela. Às vezes botava vapor, então nós guarnecíamos os mastros vela para ajudar os marinheiros etc., naquelas fainas todas de botar panos, cassar pano, tudo isso era uma ginástica meio acrobática muito interessante.

V.A. - Quanto tempo levou a viagem?

A.A. - Um mês.

V.A. - A viagem de instrução?

A.A. - Era um mês.

V.A. - Não era volta ao mundo, não?

A.A. - Não, não.

V.A. - Essa que o pai do senhor fez com o príncipe...?

A.A. - Essa durou 21 meses.

V.A. - Pois é, era de instrução também?

A.A. - Era de instrução, mas de guardas-marinhas. Era do último ano da escola.

V.A. - Ah, sim, e essa que o senhor está falando é o que?

A.A. - Era a viagem no correr do curso da escola. Porque todos os fins de ano tinha viagem de instrução, até o quarto ano. Termina o primeiro ano, faz viagem de instrução, o segundo ano, faz viagem de instrução, o terceiro ano, faz viagem de instrução, o quarto ano, faz a viagem grande para conhecer.

V.A. - E essa viagem grande que o senhor fez, o senhor foi para onde?

A.A. - Essa viagem grande que eu fiz foi pequena: eu fui para o Uruguai, Argentina, só. Porque não havia dinheiro.

V.A. - Não havia príncipe...

A.A. Não havia nada de príncipe, os príncipes éramos nós.[risos] Era República já á, no regime da república, o presidente era...

P.R. - O Bernardes, não era?

A.A. - O Bernardes. As viagens de instrução são muito proveitosas. Tudo... O americano ensaia tudo, até enterro ele ensaia. Eu, uma ocasião, passei por uma base americana, estava vendo um grupo de cadetes carregando um caixão. Não sabia o que era, pensei que era enterro, estava pronto para fazer continência e tal. Não: eles estavam ensaiando como sepultar militarmente uma determinada autoridade. Então eles estavam ensaiando. Eles detestam qualquer surpresa, eles ensaiam tudo.

P.R. - Eu li, acabei de ler um livro agora de um amigo meu, Moniz Bandeira, *A expansão brasileira*, e ele fala no livro dele - eu já á sabia isso de outras fontes -, mas ele fala assim muito bem detalhado, ele escreve muito bem detalhado a respeito do assunto. Ele diz o seguinte: no tempo do Império, a Marinha de guerra do Brasil era considerada... estava entre as primeiras do mundo, quer dizer, ela tinha... Alguns dizem que era a sexta do mundo, mas era uma Marinha realmente poderosa, a Marinha Imperial. Era uma Marinha que estava mais ou menos...

A.A. - Tinha um certo conceito.

P.R. - Tinha um certo conceito. E depois a Marinha perdeu essa hegemonia para o Exército. E houve, acredito eu, uma certa estagnação, excesso de reequipamento.

A.A. - É, houve. O problema ali foi o seguinte: o problema da Marinha, na minha opinião, depois da Revolta da Armada que a Marinha sofreu... Depois do levante da Armada que houve aquele... A Marinha se desmembrou toda, os oficiais foram para a casa, houve um esfacelamento geral da Marinha. Então aí a Marinha veio, e começou a ficar em plano secundário, entendeu? Eu coloco a parte crítica da Marinha no começo da República, e penso o seguinte: eu considero, eu tenho a impressão do Exército um grande partido político. No tempo do Império, do imperador, quem tinha voz ativa, quem via mais os problemas do imperador, via mais os problemas sob a forma marítima, sob a forma extracontinental etc o Exército era mais territorial. E o imperador, mesmo pelos próprios netos dele etc., era mais ligado Marinha. Talvez isso tivesse gerado uma certa ciurme do Exército em relação Marinha por essa simpatia pelo menos aparente do imperador pela Marinha. Quando houve a proclamação da República, por exemplo, o elemento que se rebelou foi o ministro da Marinha, porque quando o marechal Deodoro se levantou da cama para ir lá para a Praça XV etc., ele não ia derrubar o imperador, ele ia para fazer frente ao negócio da queda do gabinete, pelo que eu tenho lido etc. Mas aí a coisa se revirou e o imperador acabou sendo deposto, e o elemento que reagiu foi o visconde de Inhaúma, acho que era visconde...

P.R. - Barão de Ladário.

A.A. - O barão de Ladário, foi o barão de Ladário, que levou até um tiro etc., o elemento que se insurgiu. Mas o Exército era praticamente contra o regime monarquista; a Marinha, não. A Marinha tenho a impressão que era a filha diletta do imperador, e daí que houve a derrocada e a transformação, a passagem do Brasil do regime monárquico para o regime republicano. E aí veio a crise, a Marinha esfacelada etc. A Marinha veio sem conseguir tomar fôlego durante uma série de anos e anos, e a parte de aquisição de material também foi ficando cada vez mais cara. Porque o navio, da vela até a construção etc., era muito menos caro do que passou a ser no começo do século atual; 1910, por aí, começaram a vir os navios caríssimos, os encouraçados, esses navios todos de construção muito elevada, e a situação nossa toda, precária economicamente, financeiramente... Então o que a gente podia fazer? Equipar um batalhão, equipar uma tropa terrestre não era tão dispendioso quanto construir um navio. Um navio era o tempo que levava para a construção e o custo do navio. até que chegou a época do Barão, no Ministério do Exterior, que tendo o problema com a Argentina, sentiu que a solução para resolver o problema das missões, daquela confusão toda... Era um problema em que a parte do poder marítimo tinha influência, e aí foi projetada aquela esquadra de 1910, que vieram aqueles navios todos encomendados, Minas Gerais, São Paulo, uma série de dez destróieres, e por aí foi. E a Argentina também se equipou mas não pôde fazer nada, teve que aceitar a solução do Cleveland.

P.R. - Agora, durante a gestão do almirante Alexandrino, no governo do Bernardes, e mais tarde no Estado Novo, com o almirante Guilhem, houve projetos que foram, vamos dizer assim, realmente encaminhados no sentido de renovar o material.

A.A. - Houve, mas nós tivemos o problema da guerra. Naquela época a Marinha tinha um programa de construção inclusive de uma série de contratorpedeiros, e já á estava sendo encomendado na Inglaterra - não sei se recorda que tinha sido feita a encomenda dos navios na Inglaterra -, mas nisso arrebenta a guerra. A Marinha já á estava se reequipando, já á tinha adquirido três submarinos no tempo do presidente Vargas, e estava se reequipando com a construção e encomenda de vários navios, - o almirante Guilhem -, vários navios para serem construídos na Inglaterra, e estavam sendo construídos. Mas, pela legislação inglesa, eles aceitam a encomenda de construção de navios na Inglaterra, mas se houver um problema com a Inglaterra, um conflito, a Inglaterra se apossa dos navios e indeniza, faz o seguro. E há um caso muito interessante de um colega meu naquela época. Na Inglaterra se faz seguro de tudo, e ele estava assistindo construção da série de contratorpedeiros nossos, e já á estava aquela discussão, aquele vai, não vai, de declarar guerra, não declara guerra etc., aquela crise da Inglaterra com a Alemanha, a ida daquele ministro inglês Alemanha etc. - aquele do guarda-chuva, não me lembro o nome.

P.R. - Chamberlain.

A.A. - Chamberlain, aquela coisa toda. E esse meu colega tinha compromissos etc., e não sabia que compromissos, porque ele estava recebendo em dólares etc. Tinha uma remuneração x e ele queria... Tinha idéia de ver até quando ele podia contar com aquela remuneração. Então ele resolveu fazer um seguro, fez um seguro numa companhia inglesa da seguinte forma: ele disse: "Eu tenho... Queria fazer o seguro seguinte: eu tenho que receber normalmente, se não houver guerra, até daqui a 12 meses a importância x. Eu quero saber qual é a taxa que eu tenho que pagar para se, antes disso, eclodir uma guerra com a Inglaterra, então vocês me indenizam como se eu tivesse ficado os 12 meses aqui." A taxa foi tão alta que ele ficou convencido que ia haver guerra! Eles cobraram tanto pelo seguro, o seguro era um absurdo, tal, que ele disse: "Bom, eu acho que vai haver a guerra porque, para eles cobrarem um seguro desses, eles

também estão na iminência de ver a Inglaterra explodir." E veio a guerra e ele teve que ser chamado, e os navios ficaram entregues Inglaterra.

P.R. - Dizem que não existem perguntas indiscretas, existem respostas indiscretas.

A.A. - Respostas indiscretas.

P.R. - É, então vou provocar o senhor agora para uma resposta indiscreta.

A.A. - Mais ou menos.

P.R. - Mais ou menos é. Eu tive a informação de que a Marinha brasileira já á está entrando no ciclo atômico.

A.A. - Hein?

P.R. - No ciclo atômico.

A.A. - Bom, eu não posso... Não que eu não posso responder indiscretamente, porque eu acho que a Marinha tem e deve entrar no ciclo atômico, pelo menos em projetos, em projetos. Agora, eu sei e posso dizer que a Marinha já á pensa em fazer submarinos de propulsão atômica, não se pode dizer quando, eu sei pelo que leio e pelo o que eu converso etc. Agora, não sei quando, porque isso de uma defasagem tão grande com relação aos nossos recursos atuais que não se pode prever quando. Mas a questão que nós temos que começar algum dia. Eu acho que fizeram muito bem em começar a pensar nisso, porque a energia atômica uma realidade, não verdade? Evidentemente nós todos devemos pensar na energia atômica com fins pacíficos, mas se há uma possibilidade, embora remota, de chegar a uma emergência de uma utilização atômica, nós temos que estar mais ou menos ao par de como isso pode funcionar. Então eu acho que a Marinha faz muito bem em pensar nisso. Agora, o estágio em que está, eu não tenho idéia. Eu acho que na Argentina eles estão em estágio mais adiantado, porque eles têm lá um almirante que já á está há muitos anos relacionado a isso, que o almirante...

P.R. - É, eu sei o nome dele, o ...

A.A. - Massera.

P.R. - Massera. Pois é, mas este parece que está com a vida meio complicada lá, não é?

A.A. - Agora não sei, politicamente pode ser. Mas essas coisas, vamos dizer, técnicas, elas superam esses problemas políticos de passagem. Esse troço todo superado. O problema político, o problema político muito... muito volátil. A gente vê aqui: o negócio hoje, [eu fui lá]⁶ nos Estados Unidos... O dr. Nereu Ramos dizia que política era a arte de engolir sapos, não é? Quer dizer, tem o sujeito que engole o sapo e pronto, está resolvido o assunto.

P.R. - Eu acho que no caso brasileiro, por exemplo... Eu acho que a primeira-ministra Margaret Thatcher prestou gente um grande serviço, não é?

A.A. - Hein?

⁶ Trecho mais aproximado do que foi possível ouvir.

P.R. - A primeira-ministra inglesa em 1982 prestou gente um grande serviço, não é? Quando fez esse desembarque lá nas Malvinas, parece que os argentinos se aquietaram mais um pouco, não é?

A.A. - Eles parecem que se aquietaram um pouco. Mas o negócio o seguinte: eu, por exemplo, eu pessoalmente, sou a favor da Inglaterra. Eu nem chamo de Malvinas, eu chamo de Falklands. E eu já á dei uma solução, eu já á tinha dado uma solução harmônica, uma solução Castelo Branco. O Castelo Branco disse: "Helicóptero fica com a Marinha e asa fixa com a ..." Eu digo: "A Inglaterra fica com as Falklands e os Argentinos ficam com as Malvinas." Não é? [risos]

P.R. - E o que ficou, não é?

A.A. - Está solucionado o assunto. A gente chega na Argentina e diz: "*Las Malvinas son nuestras.*" Está muito bem. Os ingleses botam lá nas Falklands: "*The Flaklands belong to us.*", um troço qualquer desses. Eles ficam com as Falklands, e a Argentina fica com as Malvinas, até hoje como já á estava. Porque eu acho que a posse das Falklands pela Argentina não nos causa benefício nenhum; pode ser pior até, melhor não vai ficar. Melhor não vai ficar. De modo que eu acho que enquanto a Inglaterra puder conseguir manter as Falklands... Porque pelo menos o governo conservador manteve; o problema o Partido Trabalhista dominar ali e acabar entregando aquilo por medida de economia etc. Mas acho que a Inglaterra tem a obrigação de ainda ver mais longe como potência, e não ver como país comum etc., ela tem que pensar ainda como potência, e como potência ela deve ficar com... deve procurar manter as Falklands com ela. Agora, a Argentina espera que um belo dia, um dia lá qualquer que eu não sei qual é, que ela tome conta daquilo e mude o nome daquilo tudo, todo o mundo lá passe a ser argentino etc. e passe a ser Malvinas, e aquele porto Stanley passe a ser "Puerto não sei o quê," e por aí vai. Mas eu, em termos brasileiros, penso mais a favor da Inglaterra. Porque eu acho que os "*nuestros hermanos*" nunca foram uns bons irmãos. Nunca foram bons irmãos: eu fui adido naval lá etc., participei muito da situação da crise brasileira quando nós fomos agredidos pela Alemanha, que a Argentina ficou do lado de lá, e nós ficamos apanhando do lado de cá. E eles só entraram na guerra para declarar guerra ao Japão, porque enquanto isso não queriam nada conosco, não cumpriram o Tratado do Rio de Janeiro, nem nada, apesar da lambada que o Cordell Hull deu a eles - não sei se se lembra do fato. Porque no Tratado do Rio de Janeiro, as nações assinaram um acordo: qualquer nação da América que fosse agredida, as outras todas iniciariam as hostilidades cortando relações etc. O único país que não cortou relações com a Alemanha foi a Argentina, ficou lá fritando bolinhos etc., mudou o governo do Castillo, veio o governo do Rawson, depois do governo do Rawson veio o governo do Farrel, depois...

P.R. - O Perón.

A.A. - Do Perón, e por aí foi. E eles fritando bolinho. até que o Cordell Hull começou a apertar, apertar, apertar, eles ficaram numa premência tremenda de dar solução, e numa determinada ocasião houve o seguinte: houve uma carta escrita pelo ministro do Exterior que era um almirante argentino, que eu não me lembro o nome dele agora - depois podem me vir. O almirante argentino escreveu uma carta para o Cordell Hull dizendo que a posição da Argentina podia ser mais pronunciada etc., favoravelmente ao estado de coisas que estava reinando no conflito, se o governo americano resolvesse estabelecer uma paridade de tratamento entre o Brasil e a Argentina. Eles queriam que os americanos ajudassem a Argentina militarmente como estavam ajudando o Brasil, que já á estava no conflito. Eles queriam uma paridade dessas. Essa carta era confidencial. O Cordell Hull subiu nas estribeiras e pegou a carta e deu

publicidade carta. Pegou a carta e publicou a carta que foi um escândalo na América do Norte e escândalo na Argentina. O almirante era o almirante Storni, ele era ministro do Exterior. Escreveu essa carta confidencial, propondo uma negociata dos Estados Unidos e o Cordell Hull ficou louco de raiva e publicou a carta. Publicou a carta, deu-se a crise na Argentina. Deu-se a crise na Argentina, então os argentinos, sem saber o que fazer, demitiram o Storni que tinha assinado aquilo de comum acordo com o presidente da República, e nomearam então para ministro do Exterior o general Gilbert⁷. O general Gilbert então continuou a apaziguar a coisa etc., mas não cortaram relações com a Argentina - relações com os Estados Unidos.

P.R. - Com a Alemanha.

A.A. - Só mais tarde que vieram cortar relações, já á ultrapressionados. Assim mesmo, com as relações cortadas com a Alemanha, eles continuaram ali, sendo o estado-maior da Alemanha. Porque eu estava lá e via. Todos os alemães, tudo que era alemão tinha livre trânsito lá dentro etc. Eles nunca procuraram nos ajudar e nós que apanhamos aqui, perdemos vinte e tantos navios da marinha mercante, porque os nossos navios foram torpedeados etc., e eles nunca se lembraram de invocar o tratado e a ação da OEA. Quando eles agrediram as Falklands eles vieram recorrer - quando viram que estavam apanhando -, vieram recorrer OEA. E eu acho que o governo brasileiro, não sei se pôde, mas se pudesse devia ter dito: "Não, a agressão foi do lado de vocês, vocês que agrediram as Falklands." Porque dizer que há cem anos passados, há duzentos anos... Então o Brasil ainda era dos índios. O sujeito vai invocar o passado remoto, não é? Então o Brasil não nosso, dos índios. Porque as Falklands... Já teve uma série de pesquisas e mostram que aquilo não era de ninguém: um tomava, saía, tomava, saía, até que os ingleses tomaram de vez, puseram os argentinos de lá para fora também, e ficaram de p firme lá. E para mim, eu considero os donos daquilo, até que um poder mais alto se levante. Eu acho...

[FINAL DA FITA 8-A]

5ª Entrevista: 16.04.1986

P.R. - Almirante, nós gostaríamos ainda de retornar a alguns episódios da sua infância.

A.A. - Ah, não têm problema.

P.R. - E da adolescência, a fim de cobrir algumas informações que nós entendemos ainda que não ficaram assim bastante elucidadas. O senhor fez uma referência ao fato de que o seu pai deixou a Marinha por influência - aliás, por pressão do seu avô.

A.A. - Por solicitação dele.

P.R. - Por solicitação, não é?

A.A. - O meu avô estava angustiado com os problemas que tinham havido com a participação do meu pai na revolta...

⁷ Nome sujeito confirmação.

P.R. - Da armada.

A.A. - Da Armada, então pediu ao meu pai... Meu pai já á era casado, com filhos etc., pediu ao meu pai que ele encerrasse a carreira naquela oportunidade, uma vez que ele estava desclassificado, estava, vamos dizer, reformado ou coisa que o valha por ato do Floriano. Depois viria a anistia, veio a anistia, então aí, quem quisesse, retornaria aos quadros, de acordo com uma série, possivelmente, de exigências; quem não quisesse, ficaria... Meu pai então optou pela manutenção no estado de reformado.

P.R. - O senhor fez referência ainda entre essas causas, ao fato de dois tios do senhor, que eram oficiais de Marinha, terem morrido em acidente.

A.A. - Terem morrido em acidente. Todos os dois no norte, lá no Alto Amazonas.

P.R. - Foi acidente de...

A.A. - Acidente de profissão, acidente de profissão. Um deles desapareceu de Bordo, sumiu, não se sabe se caiu n'água etc. E o outro, ele saltou, ele desceu do navio para ver uma solenidade qualquer, uma festa, uma coisa qualquer lá em Amazonas, cuja localidade eu não posso precisar. Mas no trajeto - porque antigamente a propulsão toda a remos, essa coisa toda -, no caminho para chegar em terra, a embarcação sofreu um acidente qualquer e virou e os dois marinheiros que vinham remando... O meu tio, que era Fernando Félix de Almeida, ainda conseguiu ajudar um marinheiro, e vieram para a praia, para terra. Mas o outro estava se afogando, aí ele se meteu n'água outra vez para ir buscar o marinheiro, e ficaram os dois.

P.R. - Provavelmente tragados pela correnteza.

A.A. - Pela correnteza.

V.A. - E o desaparecimento do outro tio, e essa...

A.A. - Duas perdas.

V.A. - Foram na mesma ocasião?

A.A. - Não, não, em épocas diferentes.

V.A. - Todos os dois na Amazônia?

A.A. - No Amazonas, porque eles tinham idades diferentes e seguiram carreira em épocas diferentes. Esse meu tio que morreu salvando o marinheiro era três turmas parece, se não me engano, na frente da turma do meu pai, e houve uma passagem muito interessante que meu pai contava. que meu pai tava estudando lá em Santa Catarina, em Florianópolis, e meu avô recebeu um telegrama do meu tio Fernando dizendo que tinha passado em cálculo com plenamente. E meu avô chegou e mostrou para o meu pai que estava estudando: "Está vendo? Seu irmão passou em cálculo com plenamente." O meu pai disse: "Eu vou tirar distinção." E os anos passaram e meu pai foi para a Escola Naval, e cálculo era dado no primeiro ano e o príncipe dom Augusto estava no segundo ano da Escola Naval. E o imperador visitava muito as dependências nacionais no Rio, e perguntou ao dom Augusto um dia que ele pudesse assistir a uns exames. E o meu pai era dos bem colocados na turma e o dom Augusto disse que ele fosse

lá num dia determinado e nesse dia D meu pai foi fazer exame de cálculo, e o imperador estava assistindo a banca para examinar. Mas o professor de cálculo não dava distinção, ninguém tirava distinção com ele. E meu pai fez o exame etc., foi chamado, e o imperador estava assistindo. Quando o examinador se deu por satisfeito, o imperador virou-se para o meu pai, aspirante, e disse: "O senhor um aluno distinto." O professor da cadeira, que não dava distinção, virou-se e deu distinção a ele e disse assim: "Quem está lhe dando distinção é sua Majestade, o Imperador." E botou o grau e meu pai passou com distinção. Por causa do imperador. Daí uma ligação muito afetiva que meu pai tinha com dom Augusto, que o dom Augusto era uma turma acima, e com o negócio de sugerir ao dom Pedro II que viesse assistir aos exames, que o meu pai pôde cumprir a promessa, e foi a única distinção da turma - que ele tinha prometido ao meu avô que tiraria distinção em cálculo.

P.R. - Mas quem deu foi o imperador.

A.A. - Quem deu... O professor não passou o recibo, o professor disse: "Quem está lhe dando distinção Sua Majestade, o Imperador."

P.R. - O senhor sabe quem era esse professor?

A.A. - Eu não me lembro, não, meu pai dava o nome dele, mas infelizmente não me lembro, não.

P.R. - Ele era militar ou civil?

A.A. - Era militar.

P.R. - O pai do senhor foi reformado como capitão-tenente.

A.A. - Capitão-tenente, é.

P.R. - O senhor fez referência aqui. E o senhor recorda mais ou menos a época em que ele ingressou como professor da Escola Naval.

A.A. - Como professor foi na fase de 1900, por aí. Eu digo pelo seguinte: porque meu pai, quando fez a viagem de instrução, de circunavegação, ele tomava apontamentos e tinha resolvido escrever um livro sobre a viagem. E então depois, quando ele chegou no Brasil, que a viagem terminou etc., ele resolveu publicar o livro, e eu tenho idéia de que a segunda edição desse livro - ele já á estava praticamente na escola -, está datada de 1900. Era o Almirante Barroso volta do mundo, em que ele descreve a viagem toda que foi feita, com as cidades que conheceu, as peculiaridades das cidades, o que ele gostou, as coisas interessantes, as dificuldades da viagem, tudo isso. E o comandante Custódio de Melo, que era o comandante, estava tomando apontamentos também para o relatório dele, que eu tenho. O almirante Custódio de Melo escreveu 21 meses ao redor do planeta, e então às vezes chamava meu pai, que era simples guarda-marinha, para trocar idéias sobre o que ele tinha visto etc., alguma coisa que interessasse ao relatório dele. Porque o relatório do almirante Custódio era mais técnico do que outra coisa; o do meu pai, os apontamentos dele eram descritivos. E eu depois... interessante, porque muitos anos depois, vendo coisas de papai guardadas, encontrei um caderninho com os apontamentos dele de várias coisas da viagem, os manuscritos de locais em que ele andava etc., e que tomava nota das coisas. E o melhor foi o seguinte, o mais curioso: que ele era noivo; então, numa das folhas do caderno tem uma nota dele de despesas; no

caderninho tem despesas. Então tem a nota da despesa do leque que ele comprou para a minha mãe, para, no dia do casamento, usar. Que um leque de marfim chinês que uma maravilha: todo, todo trabalhado mão, as - como que se chama? - as varetas do leque, as principais então, uma maravilha de trabalho mão do chinês, todo decorado com florezinhas, mas minúsculas, as pétalas das rosas, aquelas folheadas. E esse leque então o meu pai achou que era o mais bonito para comprar e trouxe. E até hoje nós temos, eu tenho em casa, está num quadro, o leque aberto, toda a parte do leque de seda, seda japonesa bordada, e as palhetas do leque, as principais então são todas trabalhadas em marfim.

P.R. - A sua senhora nos mostrou lá o leque.

A.A. - Ah, viu o leque?

P.R. - Agora, o pai do senhor se destacou muito, evidentemente, em matemática, não é?

A.A. - É, e física, a parte de química especialmente, que era a especialidade dele, porque ele se dedicou muito a toda parte relativa... Depois que fez concurso, e aí o forte dele era a parte de química, explosivos etc., todos derivados de química. Embora ele se preocupasse com outros assuntos, ele lia outras coisas etc., e tinha muito mania de... Nos livros dele, ele anotava, fazia comentários. H um livro até que eu dei a ele, que eu achei muito interessante, era um livro sobre o Einstein, que era um livro de um diretor de um observatório astronômico de Paris, que era o Charles Nordman, um grande astrônomo etc., então eu peguei o livro, li o livro sobre Einstein, e dei a ele. E ele pegou o livro e se deleitou com o livro. Então o livro está todo anotado por ele, que vem desde o início das experiências do Einstein, a relatividade da simultaneidade e todas aquelas experiências de Micholson⁸ para medir a velocidade da luz, tudo isso está escrito nesse livro de Charles Nordman, que era um grande matemático, um grande astrônomo. Ele escreveu três livros muito interessantes, um foi esse, Einstein e o universo, depois têm O reino dos céus, que só sobre astronomia, e tem um outro que um lado meio, mais ou menos espírita, o lado de lá, o lado do além, são escritos em francês: *Le delà*. Esse Charles Nordman, eu fiquei com muita simpatia por ele, porque ele era um homem que era um astrônomo, um homem de ciência etc., mas que procurava trazer as coisas mais para o reino mais terra-a-terra, digamos assim, de necessitar de menos conhecimentos, menos profundidade matemática para explicar seus entendimentos.

P.R. - E o senhor, no seu período de colégio, por exemplo, na Escola de Humanidades, e no Colégio Bôscoli, qual era a matéria de preferência do senhor?

A.A. - A matéria da preferência minha era matemática mesmo.

P.R. - Era matemática.

A.A. - Porque era a que eu achava que era fundamental para a Escola Naval, não é? Porque a parte mais rigorosa na vida naval, fundamentalmente, era a parte de matemática. Então essa que eu tinha mais interesse em me aprofundar, porque eu sabia que os exames iam ser mais rigorosos.

P.R. - E o ensino de história do Brasil?

A.A. - Existia também, era obrigatório o certificado de aprovação de história do Brasil e

⁸ Nome sujeito confirmação.

história universal.

P.R. - Para o ingresso na escola?

A.A. - Não, para entrar para a escola; na Escola Naval era mais uma parte da história naval, era mais, digamos assim, mais orientada para os conhecimentos de história naval. Mas a história do Brasil mesmo já á não era... Não era atendida, não, era só mais sobre história naval.

P.R. - Isso na Escola Naval, não é?

A.A. - Na Escola Naval. Porque a gente prestava exame de história universal e história do Brasil para entrar para a escola, e depois então eles enfatizavam essa parte de história naval.

P.R. - Agora nós desejávamos... O senhor ingressou na Escola Naval em 1923.

A.A. - Em 23. Foi das turmas talvez a que tivesse entrado para escola mais tarde, porque nós fizemos as provas etc., mas as aulas só começaram em... Só tivemos praça em maio, no dia 2 de maio. Porque o ministro era o almirante Alexandrino, e eles estavam tratando de adaptar a Escola Naval forma mais ou menos americana, então isso tudo atrasou o nosso ingresso na Escola Naval. Nós só tivemos praça de aspirante a 2 de maio. Porque aí que já á estava toda aquela infra-estrutura organizada para que nós pudéssemos entrar para a Escola já á dentro de uma norma de ensino, de sistema disciplinar todo baseado na formação, nos ensinamentos americanos.

V.A. - Quer dizer que a turma do senhor foi a primeira que efetivamente pegou essa modernização já á?

A.A. - Essa modernização. No molde americano. Porque nós já á tínhamos a missão naval americana aqui, e ela então estava procurando ministrar... Nós tínhamos contratado a missão para nos ensinar, porque nós não éramos donos da verdade naval, e eles tinham um cabedal de conhecimentos muito superior a nós, com uma Marinha já á respeitável etc. E nós éramos uns embriões em matéria de progresso, embora tivéssemos um passado histórico muito bonito etc., mas a adaptação, para a época, do navio de aço, com propulsão a vapor, tudo isso, e a transformação da artilharia toda... Porque antigamente a artilharia toda, até uma determinada fase, que meu pai ainda pegou, era o que se chamava os canhões de anticarga. Eram canhões em que..., esses eu tenho visto aí em qualquer lugar, em museus, que botava a pólvora pela boca do canhão e depois botava a bala que geralmente era uma esfera, e tinha um sistema de fazer explodir a pólvora dentro do canhão com um rabicho qualquer que queimava aquilo, e então havia a explosão da pólvora e a pólvora expelia aquela bala. Mas depois nós chegamos então ao sistema - com o desenvolvimento de conhecimentos técnicos etc., da parte de metais e aços especiais, tudo isso -, então chegamos era do canhão - chamávamos de alma raiada e de retrocarga. Então carregavam-se os canhões pelo que chamamos de culatra, a parte de traseira do canhão; abria-se a culatra, botava-se o projétil, depois então a carga, fechava-se a culatra e depois, eletricamente ou por propulsão então, fazia explodir a carga e a carga então expelia o projétil pelo lado mais fácil, que era justamente o que chamamos o tubo, normalmente, daquele cano - que chamado tubo alma, tecnicamente chamado de tubo alma. E esse tubo alma interessante, porque ele tinha umas estrias em forma helicoidal e chamávamos de alma raiada. Esse helicoidal era matematicamente muito bem imaginado, porque era o elemento que ia dar direção ao projétil para ele não sair às tontas, merc das correntes aéreas, da ação da gravidade etc., porque dava um movimento giroscópico. Com a velocidade com que o projétil era

expelido, ele saía dotado de um movimento giroscópico, digamos assim, de alta rotação num sentido, e esse efeito giroscópico que dá rigidez da direção de que ele propelido. Então daí que os projetis - as balas, como dizem os civis etc. - adquiriam uma direção única e que se mantinha até uma época em que aquela ação giroscópica pela inércia e a [seção]⁹ ... Então a rotação começava a se tornar mais lenta, mais lenta, aí ele perdia a direção e aí era projetado dentro d'água, num alvo, uma coisa qualquer, de acordo com a pontaria que era dada.

P.R. - Na turma do senhor, pelo o que eu sei, saíram três ministros da Marinha, que foram o senhor, o Sílvio Heck e o Rademaker.

A.A. - Saíram três: eu, o Heck e o Rademaker.

P.R. - Agora, isso tem alguma relação com o problema dos arquidques e dos jovens turcos?

A.A. - Não, não, isso foi muito... Isso surgiu muito remotamente. Porque já á surgiu depois do movimento de 30¹⁰. Porque essa formação de grupos da Marinha de arquidques e jovens turcos, quando veio o movimento de 30, essa coisa, a Marinha sofreu uma alteração muito grande nos seus quadros etc., e isso se diluiu muito, se dispersou muito, embora houvesse oficiais com a mentalidade mais radical etc., e outros menos, mas essa corrente foi praticamente... foi se dissolvendo. E as nomeações de ministro foram mais derivadas das épocas de políticas de momento. Não foram mais por influência de parte eminentemente técnica, não. Foram circunstâncias políticas de momento que determinaram a nessa ida para esse lugar. Embora se pudesse dizer o seguinte: que a nossa turma, os elementos da nossa turma, de um modo geral, eram muito considerados na Marinha, independente de correntes de pensamento político daqui ou dali, porque era considerada uma turma que prometia muito. E as circunstâncias de época foram mais ou menos determinando, criando, propiciando a indicação de cada um de nós. O Rademaker, por exemplo: ele foi ministro, por quê? Por causa da conjuntura política da ocasião, que houve a queda de um governo etc., e ele então assumiu o Ministério por circunstâncias da derrubada política de um governo que existia e troca por outro. Eu, por exemplo, fui fruto da circunstância da renúncia do Jânio Quadros. Eu não queria ser ministro, eu disse que não queria, porque eu sabia o rabo de foguete que eu ia pegar. Eu não tinha medo, mas eu sabia, eu achava que era difícil a minha situação. Era difícil porque era uma situação em que eu ia dirigir uma carreira, em que 70%, 80%, não aceitava de bom grado - embora não se imiscuisse politicamente -, mas não aceitava de bom grado a ascensão do dr. João Goulart. E os outros 20% ou 30% achavam que eram mais apegados ao cumprimento da Constituição: se havia um vice-presidente, e o presidente tinha renunciado, o vice-presidente devia assumir. Se futuramente esse presidente não se comportasse normalmente, de acordo com a Constituição, havia elemento para que ele fosse afastado do cargo. Porque a Constituição dá poderes a isso, tudo isso. Mas isso era uma corrente de uns 20%, 30%. E eu fazia parte desses 20 ou 30%, já á com a formação do meu pai, de que revolução não resolvia coisa nenhuma, - ele tinha se queimado na revolução etc., e no fim, os políticos se conciliavam, e nós militares ficávamos prejudicados. Então eu quando fui sondado para ser..., sondado pelo meu colega Amaral Peixoto, que já á era político nessa época... Eu não sei se eu me estendo muito no assunto. Bom, a situação foi a seguinte: o dr. Jânio Quadros renunciou. Renunciou, veio a crise. Os ministros militares que eram Heck, o Denys e o...

⁹ Palavra mais aproximada do que foi possível ouvir.

¹⁰ A divisão entre arquidques e jovens turcos, no interior da Marinha deu-se no início da década de 1920.

P.R. - Moss. Gabriel Grun Moss.

A.A. - Gabriel Grun Moss, esses ministros achavam que o João Goulart não podia assumir, não tinha condição para assumir. Mas eles não representavam a Marinha diretamente, vamos dizer assim, a generalidade da classe etc. E estava aquela crise da formação do gabinete, a constituição do gabinete, porque os ministros então impuseram uma situação que descalçasse o presidente da República, e a forma que foi adotada pelo Congresso foi criar o regime parlamentarista, em que mais ou menos, de uma forma geral, o presidente preside mas não governa. E estava nessa situação de formação de gabinete, e eu servia no Estado-Maior. O Amaral às vezes me telefonava para saber como que estava a situação na Marinha. Eu digo: "A situação na Marinha está assim, nós estamos nessa expectativa de ver o que... qual o gabinete que vai sair etc." E ele foi e disse: "Nós estamos cogitando a formação do gabinete parlamentarista e organizando, e quem você acha que podia ser ministro da Marinha?" Eu disse a ele: "Olha, o momento não para ver quem o melhor ministro da Marinha sob o ponto de vista administrativo. O momento de resolver o problema de ter um ministro que venha assumir e que venha manter as condições políticas do governo, mas para tomar... Não podemos pensar em termos de administração porque nós estamos beira da guerra civil. Então qualquer um dos nossos almirantes, vocês podem escolher, qualquer um dos nossos almirantes pode ser ministro, qualquer um de nós pode ser ministro, agora, menos... - eu dei o nome de três almirantes, ou quatro - "Menos esse que eu acho que não têm trânsito na carreira etc., que não se recomendam para isso." Ele: "Está bem " etc. Ele telefonou outra vez, uns dois dias depois: "Não sei o quê, como está a Marinha?"

"Está assim, nós estamos nessa situação." "E o ministro?" Eu digo: "Amaral, já á disse a você: ministro, qualquer um dos almirantes pode ser ministro, não tem problema nenhum." "Ah, está muito bem." Quando chegou outra vez, parece que a terceira vez, ele me telefona: "E o ministro?" Eu disse: "Amaral, já á disse a você que qualquer um pode ser ministro. Mas já á que você quer que eu dá um nome, eu vou dar um nome.

O ministro, na minha opinião, que pode resolver os problemas, que está em condições para essa eventualidade, enfim, essa conjuntura, o almirante Zilmar Campos de Araripe Macedo." Ele disse: "Está bem, então está bem." etc. Foi embora. Outro dia ele me telefona: "E o ministro?" "Amaral, eu já á dei o nome." Ele foi, virou-se para mim e disse: "E você?" Eu disse a ele: "Eu não quero! Eu não aceito, a situação difícil, eu não quero ser ministro." Ele foi e disse: "Está bem." E não me disse mais nada. Quando organizaram o ministério, eu servia no Estado-Maior, chegou... A final de contas o João Goulart vinha já á para assumir etc., já á tinha desembarcado, e que estava formado o gabinete, eu recebo um telefonema de Brasília - o telefonema foi para o Estado-Maior, um contínuo me avisou no meu telefone: "O comandante Renato Archer quer falar com o senhor - o deputado Renato Archer quer falar com o senhor, está chamando no telefone." Eu fui atender o telefone. "Ah, aqui o Renato Archer." "Ah, como vai, está bem...?" "Olha aqui, eu estou lhe telefonando porque o comandante Amaral..." - ele nem disse "o deputado", porque o Amaral muito conhecido como comandante - "Ele me disse que telefonasse para o senhor, para o senhor pegar o primeiro avião para vir assumir o Ministério." Eu aí não podia dizer que não queria, com aquela entaladela eu não ia dizer: "Não, eu não vou." Então eu disse: "Está muito bem, então está bem, então até logo, até logo." Passei o recibo que eu aceitava o Ministério, e aí fui ver a requisição de uma passagem aérea para ir, e na mesma tarde cheguei a Brasília para assumir o Ministério no dia seguinte, foi no dia... Parece que foi 8 de setembro que nós assumimos, eu cheguei lá no dia 7. Aí, quando cheguei no dia 7, eu fui para um hotel, parece que era o Hotel Nacional...

[FINAL DA FITA 8-B]

A.A. - Eu cheguei no dia 7, fui para um hotel, parece que era o Hotel Nacional, aí me disseram lá da Marinha que a casa do ministro estava pronta para eu ir para a casa do ministro. Eu digo: "Eu não vou para a casa do ministro porque eu não assumi, eu ainda não sou ministro. Eu fico no hotel, só vou ao Ministério depois que eu for nomeado ministro." E aí no dia 8 então nós tomamos posse e aí então eu fui ver as instalações da Marinha etc., mas ainda queriam que eu fosse para a casa do ministro sem ser ministro. "Não, eu vou para a casa do ministro o dia em que eu for ministro. Eu não sou ministro ainda." Nem sabia o que que podia acontecer até o dia seguinte, no Brasil tudo é incerto, não é?

P.R. - É , exato. Mas voltando ao caso dos arquidukes e dos jovens turcos. Essa corrente... Elas constituíam duas correntes de pensamento, ou elas se dividiam em torno de critérios profissionais?

A.A. - De critérios profissionais. Era de forma de exercer a carreira naval, a forma da instrução etc., as instruções eram ligeiramente diferentes. A bordo do Minas o pessoal era mais benevolente, mais cordato, no Minas Gerais, o rigor era maior. O que era curioso que, apesar disso, deles serem muito mais, muito mais prussianos, digamos assim, do que nós,¹¹ nós nas competições de tiro, não deslustrávamos as competições, tirávamos muito bons lugares empatados com eles. E isso era motivo de muita brincadeira entre nós todos etc., dos resultados de tiro.

P.R. - O que na realidade os arquidukes queriam?

A.A. - Os arquidukes, eles queriam... O que eu acho que eles queriam era aquele predomínio de uma corrente formada imagem de alguns elementos que eles tinham, cujo... Eu acho que o padrão dos arquidukes, do arquiducado, como nós dizíamos, era um oficial que era um capitão-tenente, que era o Eliazar Tavares que completou cem anos agora. Que era uma figura com características de liderança extraordinárias, porque era de uma serenidade muito grande e com, vamos dizer, um carisma especial. Não só fisicamente, como pelo comportamento dele, era interessante. E ele... Aquela coletividade de arquidukes mais antigos etc., todos eles tinham uma, vamos dizer assim, uma apreciação muito grande, fundamental pelo Eliazar Tavares.

P.R. - Então era um movimento de oficialidade, não era um movimento de almirantes.

A.A. - Não era de almirantes, não, era de oficialidade, embora tivesse almirante também. Mas o embrião maior era a oficialidade que ia se formando. Eu tenho colegas, o Levi, Levi...

P.R. - Aarão Reis.

A.A. - Aarão Reis, Rademaker, vários outros que foram formados nesse tipo etc. Nós achávamos um pouco... exageradamente radicais nas coisas etc., na forma de encarar a vida profissional.

P.R. - O arquiducado baseava-se no Minas Gerais ou no São Paulo?

¹¹ O entrevistado inclui-se no grupo dos jovens turcos.

A.A. - Baseava-se no São Paulo.

P.R. - Ah, no São Paulo. E os jovens turcos no Minas Gerais?

A.A. - No Minas Gerais.

P.R. - Quer dizer, os jovens turcos então eram mais complacentes?

A.A. - Mais complacentes, mais conciliadores, digamos assim, e os arquiducos tinham mais arestas, entendeu? Era muito curioso aquilo.

P.R. - E não havia nesse caso um problema de...

A.A. - E o movimento, talvez por isso que o movimento... Não sei se lembra do movimento da revolta do São Paulo. O São Paulo se revoltou porque estava tudo combinado com as Forças Armadas, - era Marinha e o Exército -, mas esses movimentos todos falham na hora, uma porção de coisas, e o São Paulo ficou sozinho. E nesse movimento do São Paulo, tinha oficiais que não eram arquiducos, não faziam parte. Esses oficiais que mais ou menos levantaram o São Paulo e prenderam alguns elementos considerados do arquiducado - entre eles o Paulo Bósio, almirante que depois foi ministro da Marinha no tempo do Castelo Branco, o Haroldo Reuben Cox, e não sei mais alguns outros - eles tiveram que prender. E o movimento foi comandado pelo Herculino Cascardo que era capitão-tenente, porque a revolução não se manifestou em mais navio nenhum. O almirante Alexandrino, quando soube do movimento do São Paulo foi..., ia para bordo do São Paulo para abafar o movimento, mas creio que foi o capitão-tenente Edmundo Williams Muniz Barreto... Que são movimentos, momentos - como é? - momentos históricos da vida nacional, da vida naval etc. Mas o Edmundo Williams Muniz Barreto ia na lancha e então o Alexandrino tinha mandado rumar para o São Paulo, e o Edmundo Williams Muniz Barreto - que era capitão-tenente e que era oficial-de-gabinete -, em vez de rumar para o São Paulo, rumou para o Minas, ele mandou o timoneiro tocar para o Minas, e o Alexandrino não prestou atenção - quando viu, estava subindo a escada do Minas. Estava subindo a escada de portal" do Minas e quando chegou no Minas foi muito bem recebido, a guarnição toda ao lado dele etc., a oficialidade toda: "Viva o almirante Alexandrino! Viva o almirante Alexandrino! - porque ele tinha muito carisma etc. E o Minas não se pronunciou, não se manifestou, quer dizer, o Minas já ficou isolado; o São Paulo já estava declarado, mas o Minas não. Se houvesse um movimento no Minas também de sublevação - que possível que houvesse, como em outros navios, - com o movimento gorado no Minas, o São Paulo ficou sozinho. E aí o São Paulo viu que o movimento estava perdido e resolveu se fazer ao mar para procurar asilo em algum lugar. E o almirante Alexandrino ficou a bordo do Minas e foi com o Minas e queria saber sempre onde que estava, onde que estava o São Paulo, mas não se encontrava o São Paulo. Até que o São Paulo foi parar em Montevideu e aí a guarnição, a oficialidade toda desembarcou e parte da oficialidade do Minas então tomou conta do navio e trouxe o navio, botou elementos da guarnição etc., e o navio veio já com outros elementos da guarnição etc., e o navio veio já com outros elementos.

P.R. - O Protógenes Guimarães também tomou parte nessa revolta, não tomou?

A.A. - Não, o Protógenes Guimarães não estava falado nesse... possível que estivesse, mas não teve tempo: com o movimento gorado, os elementos se retraíram todos. Porque o meu colega, por exemplo, o Amaral Peixoto, o Stélio Guaran Guia, o tenente Atila Soares e uns quantos que eram aspirantes estavam sabendo do movimento. E no dia do movimento, eles foram para o

cais *pharoux* para esperar uma condução que viesse do São Paulo para eles embarcarem para participarem do movimento. Mas as coisas se precipitaram, e a lancha não chegou, e o movimento gorou e eles tiveram que voltar para a Escola Naval. Eu não sei se eu já contei isso aqui: tiveram que voltar para a Escola Naval. Voltaram para a Escola Naval com o movimento gorado. E aí tinha uma torpedeira, Goiás, que estava atracada na Escola Naval que era para instrução de guardas-marinhas. Essa torpedeira Goiás, a própria guarnição se sublevou também e levantou ferros com torpedeira que estava... E foi o único navio ao lado do São Paulo que acabou se entregando. O São Paulo foi embora, a torpedeira não tinha mais... não tinha condições de se fazer ao mar etc., a guarnição foi presa etc. Mas esses elementos vieram para a Escola Naval. Vieram, o movimento do São Paulo gorou - inclusive um dos professores da Escola Naval embarcou no São Paulo, que era o Aurélio de Azevedo Falcão, que era nosso professor de hidrografia e topografia etc., ele resolveu largar lá a escola para ir se incorporar ao movimento anti-revolucionário¹² etc - e então esses aspirantes voltaram para a escola. E a coisa estava normal. O almirante Alexandrino soube, teve notícias de que tinha havido um movimento de aspirantes na Escola Naval. O almirante Isaías era o diretor da Escola Naval, e o almirante Isaías sabia que tinha havido esse caso desses aspirantes da Escola Naval [riso] que tinham se ausentado da escola para ir... E o almirante Alexandrino mandou apurar a questão, abrir inquérito etc. O almirante Isaías respondeu ao almirante Alexandrino que ele era o diretor da escola, o responsável pela disciplina na escola, e que na Escola Naval não tinha havido coisa nenhuma. E o almirante Alexandrino aceitou e ficou por isso mesmo, porque o almirante Isaías tinha uma autoridade muito grande, era contra-almirante, mas tinha um prestígio muito grande no meio dos demais almirantes etc. E entre nós também, porque ele se impunha realmente no meio dos aspirantes. Ele sabia todas as nossas notas, ele assistia a tudo quanto era aula, ele defendia os aspirantes nas questões contra o autoritarismo dos professores, ele exigia que o regulamento da escola, do grau de notas, tudo isso, fosse dado regularmente dentro do valor de cada aspirante; e também punia os aspirantes, não é? Mas isso nos dava um respaldo, uma confiança muito grande, uma admiração muito grande por ele. Inclusive esse fato que nós todos soubemos depois que tinha acontecido. E ele, uma ocasião... Ele foi diretor da escola duas vezes, ficou no nosso primeiro ano e mais um ano. Ai o almirante Alexandrino, não sei por quê, houve um problema qualquer, ele mandou retirar a banda de música da Escola Naval. O almirante Isaías saiu também, pediu demissão, largou a escola. Depois veio outro diretor, e só depois ele foi reconduzido, voltou novamente para a Escola Naval, para ser outra vez diretor da Escola Naval. Mas ele sabia a média que nós tínhamos, ele estava todo... Passava a noite, - porque ele morava na Escola -, ele jantava etc., depois ia passear pela Escola Naval, andava por ali vendo como que estava tudo na escola; ele dominava o corpo de alunos completamente.

P.R. - E a repercussão da revolta na escola, ela limitou-se a esse grupo do Amaral Peixoto?

A.A. - Limitou-se... A repercussão como?

P.R. - Eu digo assim: a adesão dos alunos com relação revolta de 24, a extensão dela dentro da escola...

A.A. - Não, não, ficou tudo calmo, porque naquela época nós sabíamos que cada um tinha suas idéias, mas não havia - hoje parece que há -, não havia delação. Cada um sabia, cada um tinha o seu ponto de vista, e cada um respeitava o outro, mas ninguém teria a coragem de chegar a dizer: "Esse aqui está tramando qualquer coisa." Ninguém tinha jeito disso; o coleguismo, a fraternidade era de tal ordem que não havia..., ninguém pensava nisso. Ninguém pensava nisso. Há avia discussões sobre movimentos, sobre isso, sobre aquilo, porque os tenentes que fizeram

¹² Certamente o entrevistado pretendia dizer "Movimento revolucionário" e não anti-revolucionário.

a revolução de 30, mais ou menos.

P.R. - exato.

A.A. - E essas coisas todas. Mas não transpirava no seio dos oficiais etc. Ninguém... Ninguém denunciava um oficial ou outro, não.

P.R. - E o senhor, como se colocou diante do movimento?

A.A. - Diante do movimento? Eu, contra o movimento também. Eu era a favor da manutenção da legalidade. Sempre fui a favor da manutenção da legalidade. Mesmo no movimento de 30, embora eu tivesse votado em Getúlio Vargas, eu me manifestava contra o movimento de 1930, que veio do Rio Grande do Sul, do Oswaldo Aranha, desse pessoal todo. E no fim acabei ajudante-de-ordens do presidente Vargas.

P.R. - O senhor saiu da Escola Naval em 1927 já no governo Washington Luís?

A.A. - Em 27, governo do Washington Luís.

P.R. - Nessa época o ministro da Marinha era o almirante Pinto da Luz.

A.A. - Era o almirante Armando Pinto da Luz.

P.R. - E como foi a administração dele dentro da Marinha?

A.A. - Quem?

P.R. - O almirante Pinto da Luz.

A.A. - Muito serena, muito cordata etc., com pouco... Administrativamente, quer dizer, com pouco rendimento, porque os recursos para a Marinha eram muito pequenos e não havia... Ele não tinha força talvez para conseguir que esses elementos fossem enfatizados, digamos assim. Mas ele, como era uma criatura muito conceituada na Marinha, pela serenidade dele, ele não se manifestava como perseguidor de a, b, ou c, nem nada disso... E houve uma passagem muito interessante: que quando houve o movimento de 30, houve a junta governativa, - não sei se o senhor se lembra. Quem foi escolhido para representar a Marinha? O almirante José Isaías de Noronha, e o Tasso Fragoso e um outro.

P.R. - Mena Barreto.

A.A. - Como era o nome dele?

P.R. - Mena Barreto.

A.A. - Mena Barreto. Muito bem. Ficaram os dois tomando a junta governativa,¹³ até a vinda da chegada do presidente Vargas para assumir o governo; o governo foi passado a ele. E nesse período de exaltação revolucionária, de grande força dos tenentes, digamos assim, o almirante Isaías assumiu o Ministério - nomeado pelo presidente Getúlio Vargas, assumiu o Ministério.

¹³ A junta governativa era formada pelos três militares mencionados, sendo os dois últimos do Exército, e Isaías Noronha, da Marinha.

Nessa época então de espírito de vindita, disse e daquilo etc., no Exército, o ministro da Guerra, que era o general Nestor Sezefredo Passos foi exilado, foi ordenado que ele fosse para a Europa exilado. Na Marinha, houve correntes de Marinha, alguns oficiais exaltados, que queriam que o almirante Isaías providenciasse com o presidente da República o exílio também, a determinação do exílio do almirante Luz, e o almirante Isaías foi intransigente: "Em absoluto, eu não faço isso! Largo isso mas não tomo essa providência!" E o almirante Pinto da Luz ficou no Brasil, não foi exilado, - mas providência enérgica do almirante Isaías de Noronha. Ele era um homem de uma retidão, de uma intransigência nos seus pontos de vista tremendas. E uma coisa curiosa: ele não participou do movimento do almirante Saldanha. Na Revolta da Armada, ele não participou da Revolta Armada.

P.R. - O almirante Isaías?

A.A. - O almirante Isaías. Ele ficou na [inaudível], não participou da Revolta da Armada. Ele seria tenente, ou coisa que o valha naquela época. Mas ele era uma figura muito respeitada por todos, muito admirado. Até hoje eu tenho uma admiração muito grande pela figura dele.

P.R. - A campanha da Aliança Liberal, ela começou a agitar o país por volta de 1929, não é? Por aí, porque as eleições foram em 30, então em 29 ela estava bastante adiantada, a campanha eleitoral. E aquelas agitações, aquela perspectiva de levante armado, qual era o reflexo daquilo dentro da Marinha? Porque dentro do exército se sabe que realmente ela caminhava com muita pressa, ela tinha bastante penetração, não é?

A.A. - Bom, com a formação da Aliança Liberal, evidentemente, houve aquela questão da morte do João Pessoa, - foi nessa época. Essa coisa exaltou muito os ânimos, os ânimos dos militares foram muito sensíveis a esse movimento todo, a essa situação. Então o que havia era uma corrente grande, não só do Exército como da Marinha, achava que isso tinha que acabar, mas tinha que acabar... Uma das coisas importantes era acabar com o eleitorado de cabresto, não é? Era o voto secreto, era ganhar realmente quem ganhava a eleição, porque a eleição era toda ela manipulada. Então daí a necessidade da derrubada desses princípios, e se chegava conclusão de que para que isso cessasse, com o governo do dr. Washington Luiz não ia acabar. Não ia acabar porque o Washington Luiz também era muito autoritário etc., e ele queria que aquela forma de governo continuasse. Então aí que... isso que propiciou o levante vindo do Rio Grande do Sul e que alimentou o fogo sagrado da rebelião. Inclusive o pessoal do São Paulo, que estava exilado lá em São Paulo,¹⁴ oficiais de Marinha, oficiais de Exército que depois foram exilados também, e por aí foi, daí que veio o levante. Ocasionado por quê? Porque o presidente Vargas candidatou-se à eleição de presidente da República e oficialmente foi derrotado, mas havia a crença de que na realidade ele não teria sido derrotado se o voto fosse livre, e não manipulado. Então isso que, para mim, na minha opinião alimentou a argumentação para que as forças armadas se levantassem.

P.R. - O senhor, até fevereiro de 1930, servia no...?

A.A. - Eu, até fevereiro, estava...

P.R. - No contratorpedeiro...?

A.A. - Eu estava no contratorpedeiro Pará.

¹⁴ Refere-se a integrante da revolta do couraçado São Paulo, que, após exilarem-se no Uruguai, retornaram clandestinamente ao país, estabelecendo-se no estado de São Paulo.

P.R. - Pará?

A.A. - É, que nós chamávamos de "dedo-dois".

V.A. - Rio Grande do Norte.

A.A. - Hein?

V.A. - Até fevereiro de 30, no contratorpedeiro Rio Grande do Norte.

A.A. - Depois eu passei para o Pará, em 30.

V.A. - Em fevereiro de 30?

A.A. - Fevereiro de 30.

P.R. - Ah, então a revolução estourou, o senhor...

V.A. - O dado que eu tenho aqui que o senhor passou para o contratorpedeiro Pará em fevereiro de 31. Não pode ser isso?

A.A. - Não, 30.

V.A. - 30?

A.A. - 30, eu estava a bordo do Pará.

V.A. - Quando eclodiu a revolução de 30, o senhor estava a bordo do Pará.

A.A. - O meu comandante, o comandante chamava-se Lopes Rego. Até houve uma situação muito interessante, me lembro do comandante Lopes Rego na Revolução de 30. Porque nós fomos para Santa Catarina e estava havendo um tiroteio muito grande. Eu, por exemplo, era legalista, mas um colega meu, como eu já disse, que tinha participado, como aspirante, já tinha querido embarcar no São Paulo, que era meu colega de turma, o Stélio Guaraná... Nós estávamos lá no canal de Florianópolis, e nós estávamos sendo hostilizados pela artilharia que não era de canhão, mas era de fuzil, metralhadora, essa coisa toda. E quando o primeiro tiroteio começou, tocaram os postos de combate, nós fomos para os postos de combate etc., para revidar o ataque, e eu estava no passadiço de serviço, e subiu o meu colega Stélio Guaraná. E o comandante Lopes Rego... O pessoal atirando de terra e o comandante Lopes Rego revoltado e descontando no pessoal que estava em terra: "Patife! Não sei o que etc. a palavras de baixo calão. E o meu colega Guaraná, que era favorável revolução, embora não tomasse parte, não estivesse... "Mas comandante, nós também estamos atirando!" Me lembro perfeitamente disso, ele disse: "Mas comandante, nós estamos atirando! [riso] Eles estão atirando mas...

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

A.A. - Stelio Guaran Guia foi o primeiro colega da nossa turma que faleceu; faleceu em, vamos dizer, em acidente, vítima de serviço, porque ele contraiu tifo no norte. Ele vinha do norte, tinha terminado a comissão dele, contraiu tifo lá na base, e, no trajeto, ele, maltratado - não havia aviação praticamente, ele vinha num navio -, e em decorrência da moléstia, ele faleceu e ficou... O corpo dele ficou guardado lá no Cear etc., depois que foi trasladado para o Rio, está sepultado no São João Batista. Foi o primeiro colega nosso que faleceu. Aliás muito meu amigo, me dava muito bem com ele porque ele gostava muito de música também. Era meu companheiro para assistir às óperas, assistir aos espetáculos de piano, [Brailowski]¹⁵ Rubinstein, essa coisa toda, quando nós estávamos no Rio nós íamos sempre juntos etc. Ele gostava muito de música, era um apaixonado pela música.

P.R. - Esse episódio do tiroteio em Santa Catarina, esse grupo, esse contingente que atirava no navio era do...

A.A. - Era da tropa que vinha do Rio Grande, que já estava na altura de Florianópolis, e nós fomos hostilizados várias vezes. E o curioso o seguinte: nós cruzávamos o canal - porque nós estávamos lá com um grupo de mais dois ou três contratorpedeiros para defender a ilha onde estava aquilo ali, o Desterro, a ilha de Florianópolis, a capital Florianópolis. O governador era Fúlvio Aducci e nós estávamos sediados ali para defender contra a tomada da ilha e a deposição do governo do governador Fúlvio Aducci. E nós ficávamos fazendo patrulha, e o primeiro tiroteio começou de forma seguinte: nós já estávamos com pouca água e íamos atracar no trapiche lá de Florianópolis para receber água. Quando nós estávamos passando as espias para terra, a fuzilaria começou do continente em cima de nós. A! nós tivemos que abrir e começar a caminhar. A! tocaram postos de combate, nós guarnecemos a artilharia, tudo isso, e aí passando pelo canal e abrindo fogo para cima da terra, não é? Mas nós com a artilharia. Ainda me lembro do espetáculo: o espetáculo assim, mais ou menos, para a minha época, eu tenente, achei meio dantesco, porque tinha uma estação no cocuruto de um morro, era uma estação telegráfica de terra, que era um prédio grande, e nossos canhões não eram lá de grande potência, eram canhões de cem milímetros. Mas nós estávamos atirando granadas de alto explosivo, e um tiro de granada de alto explosivo chegou assim - o negócio era perto, era coisa de 800 metros, um quilômetro de distância -, a granada estourou assim na parede. Eu vi abrir aquele rombo na parede assim, e vi lá o resto do prédio, telhado, tudo aquilo voou, com um tiro de granada de alto explosivo. E eles atirando sempre, mas eles atiravam muito para o costado do navio. Porque os navios eram pequenos, eram destróieres, e eles parece que tinham... Eles tinham a impressão de que o projétil deles de metralhadora e de fuzil podia furar o costado do navio para o navio alagar, para o navio submergir, mas não dava. De modo que o curioso foi o seguinte, - depois nós verificamos: que os projetis batiam no costado do navio e tiravam a tinta, e o navio ficou com o costado quase todo na chapa, tal foi a fuzilaria. E o projétil, - eu vi porque eu escapei de morrer numa ocasião dessas, porque o projétil bate na chapa assim, a capa do projétil, aquele invólucro parte e o chumbo derrete. Eu vi porque - a gente tem uma sorte nessas coisas, não é? - eu estava com um canhão de 47, com a guarnição, e o canhão tinha atirado e eu fui ver se com o tiro do canhão a alça... Porque às vezes a trepidação altera o que a gente chama de alça que a posição do canhão para atingir o alvo. Se aquilo altera, a gente tem que corrigir, botar na alça certa de 800 metros ou mil metros etc. No que eu me desviei assim para verificar a alça - porque o canhão estava carregado para atirar - no que eu desviei, eu ouvi aquele silvo, aquela coisa, e olhei assim, ouvi um barulho, então eu vi o projétil caindo da chapa, - uma chapa que tinha ao lado -, a capa do projétil rachada e o chumbo ainda derretendo caindo. Se eu não me desvio, se eu não me desvio, me pegava pela barriga, [inaudível]. A outra vez... Tocaram postos de combate outra vez, nós fomos correndo eu saí correndo para ir para o

¹⁵ Nome sujeito confirmação.

passadiço, que era o convés do navio: quando eu chego...

[FINAL DA FITA 9-A]

A.A. - Quando eu chego para subir uma escada para chegar no passadiço, tinha um salva-vidas, - porque os salva-vidas ficavam colocados numa espécie de cabide. Quando eu vou passando assim, eu vejo aquele negócio passar, e o salva-vidas cair. O projétil passou, cortou, cortou o suporte do salva-vidas e o salva-vidas caiu, e a bala passou pela minha frente. Quer dizer, são circunstâncias curiosas, não sei se a reza da mãe da gente, ou coisa que... Por que que a gente não está para morrer naquele dia... Mas duas vezes eu senti, senti que a morte estava me chamando, sabe? Mas não me levou, não.

P.R. - E esse destacamento da Marinha chegou a desembarcar?

A.A. - Qual?

P.R. - Esse do qual o senhor participava lá em Florianópolis?

A.A. - Não, nós éramos guarnição dos navios. Nós estávamos patrulhando, patrulhando o canal para evitar que eles passassem o canal para tomar conta de Florianópolis.

P.R. - Ah, não havia tropas de desembarque no navio?

A.A. - Não havia tropa de desembarque, não. Esse movimento nosso todo era porque quando iam ocasiões de, digamos assim, de estado de início de hostilidade, toca-se postos de combate, bate a campainha, a sirene convencional, e cada um vai para o seu lugar. Cada um, se está indo para um canhão, vai para um canhão, a guarnição também, a guarnição vai guarnecer canhão, vai para o posto de avaria, controle de avaria para ficar pronto para atender a feridos e tudo. Cada um tem o seu lugar, ninguém fica sem saber o que vai fazer, todo mundo sai correndo de onde estiver, sai em acelerado. Isso a gente já aprende a fazer nos exercícios. Todo dia, na Marinha, todo dia a gente chegava a bordo e todo dia toca postos de combate; toca postos de combate, a gente sai, aquele blém, blém, blém... aquela campainha, todo mundo sai correndo, cada um pro seu lugar. Se não, não dá certo, não. Vai ver agora para o que vai fazer...? Todo mundo já sabe o que vai fazer. Então para a gente aquilo de rotina já. Então a gente sai correndo para o posto que tem na oportunidade etc. E mesmo os marinheiros, todos eles... Quando chega num navio, ele vai servir num navio, se ele vai substituir um outro marinheiro, ele já sabe o lugar que ele tem na formatura, quando toca reunir, quando toca postos de combate, quando toca postos de colisão, quando toca postos de incêndio, tudo isso...

V.A. - Postos?

A.A. - Postos. São posições...

V.A. - Postos de combates.

A.A. - É, postos de combate, postos de incêndio, postos de colisão, tudo isso, todos nós... Há duas ordens de trabalhos a bordo, que nós chamamos de fainas, são as fainas normais e há as fainas de emergência. Faina de emergência são essas de colisão - um navio bate no outro, -

postos de incêndio, postos de combate. Nós chamamos esses trabalhos de fainas. Cada um sabe o que tem de fazer.

P.R. - Quer dizer, a missão da Marinha então ali era patrulhar o litoral?

A.A. - Era patrulhar aquela zona de Santa Catarina, principalmente protegendo a ilha, a ilha em que está a cidade.

P.R. - Florianópolis.

A.A. - Florianópolis.

P.R. - E houve só esse combate ou houve outros?

A.A. - Há ouve... Essas refregas?

P.R. - É.

A.A. - Há ouve umas quatro ou cinco; quatro ou cinco vezes eles nos atacaram e nós respondíamos.

P.R. - E o senhor ficou lá até o término da revolução?

A.A. - Até o término da revolução. Quando chegamos aqui, a revolução tinha vencido. Quando chegamos aqui houve a chamada comissão de sindicância, então houve a apuração dos, vamos dizer, contra-revolucionários, dos quais... Eu era contra-revolucionário, tinha trabalhado... Então eu fui chamado entre outras coisas para depor numa comissão de sindicância que tinha um oficial-general etc., uns auxiliares, para apurar o que havia sido feito. Então, a minha parte, por exemplo, a minha atuação - porque o meu depoimento foi o seguinte: "Bom, eu estava embarcado no contratorpedeiro Fulano de Tal, o destróier Pará, e toda, todas as atitudes pelas quais eu sou responsável e de que eu participei estão na minha caderneta de histórico." Porque estava tudo registrado. Porque nós temos uma caderneta da vida da gente, chama histórico, tudo o que se passa na vida do navio e de que a gente participa vai sendo registrado, entendeu? Até o número de tiros que nós dermos, a qualidade, estava tudo registrado na caderneta.

V.A. - E quem registrava isso? O comandante?

A.A. - Quem registra isso... vistoriado, aprovado pelo comandante, mas quem redige o imediato, um oficial secretário, qualquer coisa, que vai redigindo, e aquilo tudo impresso e posto na caderneta. Então eu tinha tudo escrito. Eu não posso mostrar porque a minha caderneta está no arquivo com a Celina Amaral Peixoto. Porque a minha caderneta de histórico... Um belo dia ela foi servir nesse negócio do arquivo e pediu a minha caderneta, que tem todo o histórico, desde que eu saí guarda-marinha até quando eu passei, fui transferido para a reserva. Então ela mandou me pedir para questões de arquivo, de documentos, mas até hoje não me entregou. E lá tem o histórico todo, até há pouco tempo um colega meu estava querendo fazer... A Marinha está publicando a história naval, pela qual eu me bati muito, porque nós não tínhamos um livro de história naval. Nós tínhamos coisas esparsas etc. E a Inglaterra tem, os Estados Unidos tem, a Argentina tem, o [Caill Bois]¹⁶ escreveu sobre a história naval argentina

¹⁶ Nome sujeito confirmação.

etc., e nós não estávamos... Eu até me bati por isso. E finalmente resolveram nomear uma comissão há uns três ou quatro anos para fazer a história naval. Ela hoje já está praticamente pronta, com quatro volumes. E um dos elementos dessa..., da história naval, veio pedir dados sobre o movimento revolucionário de 30. Eu disse: "Olha, eu tenho esses elementos todos, - o oficial era o almirante Leôncio Correia. Ele me pediu, eu digo: "Esses elementos todos em detalhes tem na minha caderneta mas tem que procurar a Celina para ver onde que está a minha caderneta." Depois ele conseguiu os elementos para registrar nos compêndios de história naval. Porque a idéia fazer, como está feito, uma série de volumes, e depois fazer um esforço menor para o alcance dos civis, da meninada que queira conhecer qualquer coisa da história naval brasileira - não vai pegar quatro volumes para ler, vai perder... Pega um resumo das coisas mais palpitantes, mais importantes da história. Mas graças a Deus nós já temos a nossa história naval muito bem feita, muito bem orientada etc., porque nós temos um oficial, que o Max Justo Guedes, que está no Serviço de Documentação da Marinha, que dinamizou muito esse serviço de memória naval. Ele ajudou muito nessa parte e já está trabalhando como diretor do Serviço de Documentação Geral da Marinha há uns quatro anos, e vai ficar lá porque ele já está um arquivo, está um arquivo sério. Mas eu tinha, a minha caderneta... Até hoje eu não tenho tido oportunidade de me encontrar com a Celina para ver que fim levou a minha caderneta.

V.A. - O senhor não adotou o hábito do pai do senhor, de escrever num caderninho particular as coisas, não?

A.A. - Não.

V.A. - Não?

A.A. - Não, eu detesto escrever!

V.A. - Ah, é?

A.A. - Escrevia para as minhas namoradas e muito pouco, muito pouco. O meu pai, não; o meu pai gostava de escrever, inclusive ele gostava de fazer discursos, tudo isso. Eu não herdei esse hábito dele. Eu detesto escrever e detesto prova escrita, eu sempre fui de conversar, de prova oral, de diálogo, de uma coisa puxa a outra, eu sou muito dispersivo, sou muito desorganizado, O único desorganizado da família. Eu só fiquei satisfeito quando eu soube que o barão, - barão do Rio Branco, ministro do Exterior -, era um completo acanalhado, desorganizado nesses troços. Diz que, quando ele faleceu, que a mesa de trabalho lá no Itamarati, era uma mesa que era uma desordem. Encontraram vários relógios, porque ele perdia os relógios, não sabia onde que botava, e encontraram parece que cinco ou seis relógios, mas ele era um anarquizado completo. Então eu digo: "Bom, pelo menos eu tenho um êmulo da anarquia." Porque meus irmãos são todos arrumadinhos; eu não, eu só... As minhas coisas, as coisas da minha profissão, da Marinha, isso eu procuro fazer, procuro ter, tinha tudo muito bem feito, mas o resto da minha vida uma desgraça; eu não sou poeta mas devia ser, muito destrambelhada mesmo. Não escrevi nunca nada [inaudível], tem falado: "Por que não escreve, não sei o quê etc." - Eu digo: "Não" Até o Max Justo Guedes me pediu, porque disse que ele tem muito poucos elementos da minha vida lá para o Serviço da Marinha. E eu então estou... Agora que eu estou arrumando lá uma coisas para entregar a ele da minha parte, - mais depois de ministro, da vida mais..., da minha atuação como ministro da Marinha etc -, e um relato inicial para entregar a ele para ele ter arquivado lá. Porque ele não tinha nada, não tem nada e já me pediu várias vezes. E eu estou lá, estou arrumando lá um pouquinho o arquivo.

P.R. - Mas ele agora pode recorrer fitas do Cpdoc.

A.A. - É, pode recorrer às fitas, isso mesmo.

P.R. - Mas o senhor então...

V.A. - Eu queria fazer...

P.R. - Não, eu só queria perguntar: a respeito... Porque o senhor começou a contar que foi depor numa comissão de sindicância da Marinha, logo que voltou da Revolução de 30. Era uma comissão de sindicância instalada dentro da Marinha para apurar os casos?

A.A. - Foi uma comissão de sindicância determinada pelo governo geral, e naturalmente foi específica para cada área do governo. Uma da Marinha.

P.R. - E tinha alguma almirante participando?

A.A. - Tinha almirante participando dessa comissão de sindicância.

P.R. - O senhor se recorda do nome dele?

A.A. - Não me lembro o nome dele, não. Oficial-general, mas não me recordo o nome. Talvez não seja difícil encontrar em algum outro apontamento, mas eu não me lembro do nome, não, porque eu era tenente, eu era primeiro-tenente, e os almirantes estavam muito longe de mim. Eu me lembro do almirante Isaías, do almirante..., do almirante Alexandrino etc., mas de modo geral os almirantes pairavam numa área muito afastada da minha, que era rabo de sardinha, - eles eram cabeça de tubarão.

P.R. - E como foi o depoimento do senhor nessa comissão?

A.A. - Foi esse que eu disse: "O que eu tenho que dizer que eu estava embarcado no contratorpedeiro Pará, participando do movimento contra-revolucionário, e todos os detalhes da minha atuação, da qual eu participei, estão na caderneta de histórico." - naquela época constava lá, qualquer um..., era só copiar o que estivesse lá. Eles se deram por satisfeitos. E eu não sofri nenhuma sanção, nenhuma... nenhuma punição, nada disso.

V.A. - E o comandante do contratorpedeiro sofreu alguma sanção?

A.A. - Sofreu. Ele sofreu, o comandante do contratorpedeiro, - ele não fez carreira mais. Ele parece que transferiu-se para a reserva como capitão-de-fragata, ele prejudicou a carreira dele.

P.R. - De qualquer maneira, eram bem diferentes do IPMs de 64, não?

A.A. - De...

P.R. - De 64.

A.A. - De 64? Ah, muito diferentes! [risos] Foram muito diferentes. 64 foi muito impiedoso, muito radical, muito radical e muito injusto. Pelo menos na minha opinião, não é? Pode ser que outros achem que não, mas eu acho que foi muito extremado.

P.R. - A minha opinião é a mesma do senhor.

A.A. - Foi muito, foi um movimento muito extremado. Podia ter sido muito mais brando, e talvez o Brasil tivesse tido mais sorte no pós-64 se não tivesse havido esse radicalismo tão profundo.

P.R. - E aí o senhor voltou para o contratorpedeiro Pará?

A.A. - Eu voltei para o contratorpedeiro Pará e depois passei para outro navio, porque a minha movimentação continuava.

P.R. - Paraíba?

A.A. - Acho que foi Paraíba; não posso precisar os nomes dos navios porque não me lembro bem. Mas para um outro contratorpedeiro. Porque eu tinha predileção pelos contratorpedeiros, eu gostava muito de embarcar em navio pequeno, não gostava de navio grande, não. Porque em navio pequeno a gente tem mais autoridade. Eu não sou autoritário, mas gosto de ficar mais em cima, de ter mais o que fazer como manobra. E a vida me deu muitas oportunidades curiosas, porque eu sempre gostei de... Não sei, na Marinha se chama aptidão para mando. Eu não sei se eu sabia mandar bem, mas que eu gostava de mandar, eu gostava. Eu servi várias vezes em função de posto acima, interinamente, mas era nomeado interinamente para posto acima.

P.R. - Logo depois da Revolução de 30 o senhor foi promovido a capitão-tenente, não é?

A.A. - Eu fui promovido a capitão-tenente... Eu fui promovido a capitão-tenente em 32 ou 33.

V.A. - Novembro de 32.

A.A. - 32, é. Porque quando eu estava... já estava embarcado no Rio Grande do Sul, e nós subíamos para ir para Tabatinga, para aquela zona da Tabatinga, para aquela zona da Tabatinga do conflito do Peru com a Bolívia, uma coisa qualquer, que nós tínhamos que manter a nossa neutralidade, e ficamos estacionados em Belém do Pará, que eu creio que eu já disse isso. Então eu estava embarcado no navio, e aí então fui promovido a capitão-tenente.

V.A. - Antes disso o senhor serviu como ajudante-de-ordens do Diretor de...

A.A. - Almirante Armando César Martins Burlamarqui.

V.A. - Burlamarqui. O que ser um ajudante-de-ordens? Ele ajuda o quê?

A.A. - O ajudante-de-ordens é um elemento..., uma espécie de secretário. Ele o elemento que o chefe, quando quer fazer qualquer coisa, chama o ajudante-de-ordens. O ajudante-de-ordens faz mil coisas: toca um telefone, toma nota de um negócio, vê o que ele tem que fazer a tal hora, vê o que foi feito, ele pergunta: "Tem dúvida sobre alguma coisa?" A gente procura dizer o que está havendo aqui ou ali, um elemento de informação; isso tudo o ajudante-de-ordens faz.

P.R. - O senhor disse que não gostava de escrever, mas sempre exerceu uma atividade na Marinha em que era obrigado a escrever, não é?

A.A. - Alguma coisa, eu não sou de escrever muito; fui de escrever muito livro de quarto.

V.A. - Livro de...?

A.A. - Livro de quarto.

V.A. - De quarto?

A.A. - É, livro de quarto. O livro de quarto o seguinte: é um caderno impresso com uma porção de dias, e esse caderno que a Marinha dá, fornece, os oficiais que estão de serviço na ocasião, que são responsáveis pela manutenção geral da rotina de vida do navio, ele fica... O quarto porque são quatro horas, por isso que chamam quatro horas, geralmente se revezam - porque cansa, não é? -, se revezam de quatro em quatro horas. Então a gente vai descrevendo naquele livro todas ocorrências no período de quatro horas em que exerceu a função. Então essa folha tem vários itens: tem item um, tem item dois, tem item três, item quatro e tal. Então, para que a gente não se esqueça das coisas...E a catalogação daquilo tem... Por exemplo, o item um: a situação do tempo. Então a gente bota: tempo bom", "tempo mau", "mar tranquilo," "mar de vagas", "vento de sudoeste", não sei mais o quê etc., "pequenas vagas", isso tudo a gente escreve.

V.A. - mais a rotina do navio.

A.A. - Do navio.

V.A. - Quer dizer, em terra não existe livro de quarto?

A.A. - Em terra existe também, mas aí o livro de quarto não é... Geralmente o oficial não faz serviço de quatro horas, faz serviço de 24 horas. Mas no navio, principalmente o navio em movimento, de quatro em quatro horas porque cansa; inclusive de quatro em quatro horas porque pega a noite corrida. A gente pega de meio-dia às quatro, quatro às oito, oito meia-noite, meia-noite às quatro, que o pior, quatro às oito da manhã - que era o que eu gostava, porque a gente vê o amanhecer. Todos nós temos um bocado de poeta, sabe: o nascer do sol, a aurora, aquilo tudo muito bonito, não é? O desaparecer das estrelas, aquelas constelações que a gente vai namorando sempre, tudo isso. Então esse o quarto mais bonito e a guarnição vai despertando etc; e começa a vida ativa do navio em tempo e paz, não é? Porque em tempo de guerra etc. o navio dividido, a rotina dividida em várias condições: condição um a condição de postos de combate etc., a condição dois de alerta - conforme a condição, conforme o serviço de vigilância que o navio tem.

V.A. - E além do tempo, o que o senhor escrevia no livro de quarto?

A.A. - No livro de quarto? Ah, pois é, isso o item um. Item dois: se tem preso bordo, o que foi feito, se foi cumprida a rotina de postos de combate, disso e daquilo, tudo o que vai... Embarcações que chegam a bordo, autoridades que estiveram a bordo, se o comandante saiu, se ausentou de bordo, tudo isso vai... Todos os itens vêm por ali. Situações de... Se o navio está fundeado, se não está, se está amarrado, condições em que ele está atracado ao cais, tudo isso vai sendo posto e tudo isso tem um numerozinho, de modo que a gente procura... Tem um indicezinho, a gente sabe onde que vai encontrar. Nos dias e nas horas.

V.A. - Nós estávamos conversando hoje, eu o Plínio, e vimos que o senhor, pelo menos até ser

ajudante-de-ordens do Getúlio, viveu a maior parte da vida embarcado.

A.A. - Embarcado; e era obrigatório até.

V.A. - Era obrigatório?

A.A. - É. Porque até primeiro-tenente a função normalmente era embarcado. O oficial até primeiro-tenente não pode servir em terra. E eu preferia o contratorpedeiro, eu gostava mais, acho um navio mais gostoso.

V.A. - Eu queria perguntar ao senhor como é... Porque nós, que não vivemos embarcados, achamos que o normal viver assim na cidade, nessa confusão. Como que uma pessoa passar grande parte da vida embarcada?

A.A. - Eu gostava.

V.A. - O que o senhor sentia ao desembarcar?

A.A. - Desembarcado sentia satisfação de ir terra, de ver os amigos, de ver a cidade, esses atrativos que a terra oferece. Mas a vida embarcada, a vida profissional também muito atraente. De modo que gente... elas se equivalem. Não para quem passa a vida toda embarcado, porque aí quem passa a vida toda peixe mesmo, não é? O mar foi feito para peixe, já dizia um colega nosso, almirante Nogueira da Gama: o mar foi feito para peixe, mas a gente se acostuma com ele. Mas a vida muito... O ambiente sendo bom, a vida muito atraente. Muito atraente e a gente tem sempre muito o que fazer a bordo de um navio, tem que cuidar de muita coisa, tem que cuidar do aprimoramento da guarnição, tem uma porção de obrigações a cumprir, tem que tratar do material, porque aquele se desgasta com o ar do mar, com tudo isso, aquilo tem que estar sempre muito limpinho. Eu tinha uma professora - eu estudava inglês para não esquecer -, ela era inglesa, e chegava na casa dela e uma ocasião ela me disse...

V.A. - Quando isso?

A.A. - Isso já há alguns anos atrás, eu já estava na reserva. E ela disse assim: "Quando o senhor chega a gente vê logo que oficial de Marinha." Porque eu estava chegando lá para entrar, eu estava limpando os pés no capacho. Ela disse: "A gente vê logo que o senhor oficial da Marinha, porque tem mania de tudo muito limpo." [riso] Porque a gente procura não deixar sujar nada, sabe? A gente não quer sujar o convés, que aquilo limpinho. Porque inclusive a guarnição deita no convés para descansar, tudo isso. A gente pode deitar num convés de navio que aquilo está tinindo de limpo. Então a gente procura não sujar, não é? Procura manter aquilo muito limpinho. Aliás, os japoneses..., a gente tira até o sapato quando entra em casa, não é? o japonês não entra em casa de sapato, tira os sapatos.

V.A. - Quando o senhor desembarcava, a casa do senhor era a casa da sua mãe, não é?

A.A. - Da minha mãe e meu Pai.

V.A. - E era... Porque a impressão que dá que uma residência às avessas: a residência era o navio?

A.A. - A residência não era o navio, mas era muito arrumadinho.

V.A. - Não: a residência do senhor era o navio e o senhor ia para casa para visitar?

A.A. - Não, não, porque quando a gente está... A gente está no Rio de Janeiro, por exemplo, a gente pernoita, pode pernoitar em terra, quer dizer, mora em casa. Mas a gente de três em três dias, de quatro em quatro dias, ou de dois em dois dias, conforme o número de oficiais a bordo, a gente fica a bordo. Fica 24 horas a bordo, sai de tarde, volta no dia seguinte, sai de tarde, no outro dia entra de serviço, fica as 24 horas a bordo. Nunca a semana toda corrida sem dormir a bordo, não. E os comandantes, por exemplo, que não tem certas obrigações... Mas os comandantes e os oficiais que não fazem esse serviço diário, eles são obrigados a pernoitar a bordo pelo menos uma vez por semana. E isso eu nunca relaxei: uma vez por semana, quando eu era comandante eu estava a bordo, eu ficava... Vinha para bordo e ficava a bordo até o dia seguinte etc., para participar da vida do navio, para não ficar alheio vida do navio fora das horas de serviço normais. Porque tem as horas do serviço normal e tem as horas de um relativo descanso. Porque descanso total nunca se tem, porque o navio uma... um flutuante que a gente não sabe se vai de repente ter que atender a algum vazamento, algum incêndio, alguma coisa dessas, e tem que correr, pedir socorro, tudo isso. A vida muito bonita, a vida de Marinha muito linda.

V.A. - Porque o que eu estava pensando que o senhor mora mais no navio do que em casa, não isso?

A.A. - Quando está viajando é.

V.A. - Porque viaja mais

A.A. - Viajava mais.

V.A. - Pelo menos até ser ajudante-de-ordens do Getúlio, o senhor...

A.A. - Ah, viajei. Depois também.

V.A. - Depois ainda viajou.

A.A. - Depois saí e viajei muito, viajei muito. Viajei. Eu, por exemplo, o meu último comando como capitão-de-fragata foi a bordo do Barrosinho, eu chamo Barrosinho, o meu navio era o Barroso Pereira, mas eu chamava de Barrosinho porque eu gostava muito dele. Eu tenho o retrato dele lá em casa. Era um transporte de tropas. E eu passava... Eu chegava aqui, ficava cinco dias aqui e saía, passava 20, 24 dias fora do Rio, e voltava, vinha, ficava aqui oito dias, dez dias, saía outra vez. Passei todo o tempo viajando, e quando já estava para fazer a viagem, eu fui promovido a oficial-general. Mas eu não disse nada, fui promovido a oficial-general... Porque oficial-general não comanda navio, só comanda força, grupo de navios. E o navio estava preparado para sair, e o navio pronto para sair dois dias depois. Quando chegou na véspera do navio sair, eu digo: "Eu vou sair com o navio assim mesmo." Quando chegou na véspera do navio sair, chegou o comandante da força para me botar de lá para fora. Chegou o comandante da força, veio com o ato então... A! se lembraram, com o decreto da minha exoneração etc., e eu passei então, não ao meu novo comandante, passei o comando do navio ao imediato com a guarnição formada etc. Me despedi do navio, e aí eu vim embora para terra.

V.A. - E nunca mais comandou um navio?

A.A. - Navio não, oficial-general não pode comandar navio. Depois também não comandeí força, comandeí força destacada quando era capitão-de-mar-e-guerra em exercícios, comandante de grupo de navio, mas depois eu saí... Os comandos de oficial-general no mar são muito poucos. Porque comandante da Esquadra eu nunca fui, nomeei comandante de esquadra como ministro, mas eu nunca fui comandante da Esquadra.

V.A. - Eu queria perguntar, voltando um pouco para a família do senhor... Porque a família do pai do senhor tem uma tradição na Marinha, desde o lado paterno...

A.A. - É, meu avô, meu pai, meus tios, tenho vários primos, tudo isso na Marinha.

V.A. - E do lado da mãe, tem uma tradição?

A.A. - a mesma, a mesma, porque meu pai era primo-irmão de minha mãe.

V.A. - Quer dizer que o pai da mãe do senhor também era da Marinha?

A.A. - O pai da minha mãe não, esse não era, esse era funcionário...

[FINAL DA FITA 9-B]

A.A. - Esse era funcionário dos Telégrafos; era cearense... O meu avô materno era cearense e era - na época o Telégrafo era um coisa nova - diretor do Telégrafo em Santa Catarina, em São Francisco do Sul.

V.A. - Mas em geral, na família da mãe do senhor, também havia uma predileção pela Marinha?

A.A. - Como predileção? A família da minha mãe...?

V.A. - É.

A.A. - Há avia porque os parentes dela, os meus primos e os primos dela eram todos oficiais de Marinha. Eram primos de todos os tempos, vários primos na Marinha. E ainda há pouco tempo ainda tinha; hoje parece que parente meu na Marinha... Parente meu não tem mais, eu não tenho mais nenhum parente na Marinha, porque...

V.A. - Sobrinho, nenhum sobrinho?

A.A. - Nenhum sobrinho, os meus sobrinhos estão se formando em engenharia, porque eram filhos do meu irmão de São Paulo.

V.A. - O engenheiro?

A.A. - É, teve três filhos, um formou-se agora em engenharia, no Mackenzie, o outro está para se formar em engenharia, todos eles estão estudando engenharia, nenhum quis adotar a carreira naval. [pausa] Talvez por morar em São Paulo, se morasse aqui... Mas a filha do meu irmão, a filha do meu irmão de São Paulo, casou com um oficial de Marinha. E eu dizia para a minha

cunhada - a minha cunhada tinha horror Marinha, a minha cunhada de São Paulo, casada com meu irmão. Ela dizia: "A Marinha uma carreira horrorosa, a gente tem marido e não tem marido, vive fora, não sei mais o quê." Eu disse para ela: "Não fala, não fala, você ainda vai pagar pela língua. Olha, você tem filhas, tem filhos..." Ela disse: "Ah, Deus me livre, Deus me livre!" A minha sobrinha vinha para cá, passava tempos aqui no Rio, eu levava ela às festas de Marinha, ela namorou um oficial de Marinha e casou com ele. Resultado: essa minha sobrinha que morava em São Paulo

veio morar no Rio; esse meu sobrinho por afinidade chegou a oficial-general, foi comandante-de-esquadra, Roberto Monerat. Chegou a oficial-general, chegou a vice-almirante, comandante da Esquadra. Ela namorou um oficial de Marinha, e ela... muito curioso porque ele gosta muito de navegar, então ele comprou um barco vela, mandou buscar até um iatezinho nos Estados Unidos, na época pagou uns 20 mil dólares para mandar buscar, veio. Ele tinha um iate muito bonito, ele sócio do Iate Clube. E a minha cunhada sempre dizia: "Olha, a gente larga os filhos, mas não larga o seu marido. Segura o seu marido." Então ela, com esse conselho, ela não larga o meu sobrinho. E ele sai para velejar. Depois ele já trocou o barco, vendeu e comprou um saveiro, mandou construir um saveiro lá na Bahia. Depois foi buscar o saveiro, para arrematar a parte de mordomias aqui etc., foi buscar o saveiro. Mas ele sai, ele vai velejar, ela vai atrás, vai com ele. Ela deixava os filhos aqui etc., já maiores, e está sempre agarrada com ele, não larga o marido - seguiu o conselho da minha cunhada. [risos]

P.R. - Em novembro de 35, quando houve o levante comunista, o senhor estava onde, almirante?

A.A. - Qual levante?

P.R. - De 27 de novembro de 35.

A.A. - De 35... Espera aí, deixa eu ver onde que eu estava. [pausa] De 35, eu estava num destróier; foi quando houve o levante ali da praia Vermelha.

P.R. - Exatamente.

A.A. - É, eu estava embarcado num destróier.

P.R. - Aqui no Rio?

A.A. - Aqui no Rio. Eu fui chamado de madrugada, de manhã, porque tinha havido um movimento, de 35, e eu fui... Eu cheguei - parece que eram sete e meia - cheguei no cais para embarcar no destróier que era o Piauí, e o comandante... se não me engano era o comandante Benjamin Sodré, depois foi almirante, um oficial de grande valor etc. E nós ficamos então... suspendemos e fomos policiar aquela zona onde a Marinha tem o depósito de combustível, da Armação etc., mas o movimento há tinha sido debelado. Eu estou fazendo confusão com o movimento de 35, estou fazendo confusão com o movimento de... Aquele movimento integralista, não foi o movimento comunista...

P.R. - Em 38. Eu me refiro ao de 35.

A.A. - Em 35... Deixa eu ver se eu me lembro onde que eu estava... Mas eu estava embarcada, não me lembro em que navio, eu estava embarcado.

P.R. - A Marinha não teve participação nenhuma naquilo? Nem do ponto de vista da repressão, não é?

A.A. - Não, não, o movimento de repressão foi todo do Exército mesmo. Embora o ministro da Marinha tivesse participado junto, porque todo o primeiro escalão da Marinha se reuniu etc., mas não tivemos participação nenhuma; na repressão do movimento, não tivemos. Aquilo se limitou, na época, aqui no Rio de Janeiro, ao batalhão, o 3º Regimento.

P.R. - Foi. E por outro lado também a Marinha não teve problemas lá dentro, do ponto de vista disciplinar?

A.A. - Não, problemas... Problemas comunistas a Marinha teve vários, de alerta, de movimentos partindo da guarnição, partindo de precaução, de receio que elementos da guarnição se sublevassem para procurar imitar o movimento daquele do *Potemkin* lá na Rússia etc. Esses movimento ali nós vivemos várias vezes: um serviço de prontidão rigorosa, ficar sem poder sair de bordo, em estado de prontidão para a eventualidade da erupção de um movimento em que a gente tivesse que combater a guarnição a bordo.

P.R. - Agora, 38 que a situação se inverteu, não é? Porque em 38 era muito grande a influência integralista dentro da Marinha, não?

A.A. - Era grande a influência integralista na Marinha. Eu também, eu, não fui integralista. Eu não... Eu achava o movimento explicável, mas, para mim, não atendia ao meu... ideal. Cantar o Hino Nacional, eu sei cantar o Hino Nacional; respeitar a Constituição, eu sei; querer uma Constituição limpa, querer esse troço todo, eu sei. Então não preciso de um movimento, digamos assim, que queira derrubar o governo, de uma militarização, e de transformar a população numa força; não era o governo do povo para o povo, era o povo para o governo. Eu não tinha assim... Admirava a organização deles, mas não me seduziu, o movimento nunca me seduziu.

P.R. - Agora, quando houve o ataque ao palácio Guanabara o senhor estava onde?

A.A. - Quando houve o ataque ao palácio Guanabara eu estava embarcado também, eu estava embarcado no contratorpedeiro Piauí. Fui chamado de madrugada, ao amanhecer, para ir para bordo, porque houve um chamamento de oficiais, porque o movimento irrompeu parece que foi noite, nove horas ou dez horas da noite. - E foi aquele movimento integralista, eu acho que aquele movimento teve uma... O que salvou aquele..., o que fez fracassar aquele movimento, pelo menos na parte da segurança do presidente da República, foi o fato da insurreição às ordens dos fuzileiros navais que estavam no palácio. São aqueles fuzileiros navais que estão sepultados no cemitério São João Batista; de vez em quando eu passo lá para levar umas flores, porque eles evitaram que se mudasse o rumo da história do Brasil. Porque com aquele tiroteio que eles se insurgiram... Houve tiroteio entre os fuzileiros, aí houve o alarma, a guarda do palácio se alarmou etc., e o presidente Vargas conseguiu se defender com aquele pessoal que estava lá, inclusive... de que eles tomassem conta do palácio, se não, não sei o que teria acontecido, se ele teria sido fuzilado etc. E depois o general Dutra veio, entrou pelo portão do Fluminense - o Fluminense tinha um portão que ligava com o palácio Guanabara, pelo qual o pessoal passava para assistir aos jogos do Fluminense, os contínuos etc. Tinha aquele portão. E o general Dutra quando veio com a tropa, não podendo vir pela frente, veio pela retaguarda do palácio. E aí abafou o movimento.

P.R. - Agora, na Marinha o movimento foi bastante intenso, não é? Porque vários oficiais...

A.A. - Teve vários oficiais, geralmente de procedência integralista. Teve vários oficiais. Teve um navio que foi dominado, o movimento também, que foi o Bahia. O Bahia... Porque o movimento do Bahia foi abafado pelo almirante Castro e Silva, que era chefe do Estado-Maior. O almirante Castro e Silva acompanhado de um oficial, que se não me engano chamava-se Carvalho Rego, pegou a lancha e soube que o Bahia tinha se sublevado, e foi para bordo do Bahia. Disseram a ele que não se aproximasse, ele encostou no navio e subiu a escada; quando subiu a escada do navio, a escada que a gente chama de portaló, ele acompanhado desse oficial, chegou em cima, o oficial de serviço não teve coragem de atirar nele. Não teve coragem de impedi-lo, e aí ele deu voz de prisão ao oficial. Chega um almirante dentro de um navio assim e começou a gritar, a mandar tocar, reunir a guarnição etc., e o pessoal ficou sem poder agir.

V.A. O senhor estava falando da possibilidade de haver um levante comunista num navio, não é? Essa ordem desse almirante, que apaziguou os ânimos...

A.A. - Não, aí não movimento comunista, aí integralista.

V.A. - Não, eu sei, mas juntando essas duas coisas, eu estive pensando na disciplina dentro de um navio. Como a disciplina? Porque, para você controlar qualquer sublevação dentro de um navio, a voz do almirante tem que ser forte, todo o mundo tem que acatar a voz. Como que comandar um navio, tendo em vista a disciplina que tem que ser mantida para não haver esse tipo de sublevação, seja comunista ou integralista.

A.A. - Bom, isso aí, o problema difícil de dizer o como, porque se não a gente... não havia movimento. Os movimentos são sempre baseados na surpresa, na surpresa e, digamos assim, na coincidência da perplexidade de um comandante ser momentânea, para ele ter tempo ainda de controlar o movimento. Isso questão de instantes, possivelmente, não é? Mas ninguém pode saber se vai sublevar ou não. Em casos especiais, em casos especiais, há providências, quando a gente tem uns avisos muito... tem avisos muito cedo, com certa antecedência, a gente pode tomar certas providências. Nós tivemos uma ocasião, eu estava de serviço, estava de meia-prontidão, e eu estava a bordo, eu era imediato do navio, do contratorpedeiro, e chegou um oficial do comando da Esquadra para avisar que parecia que ia haver um movimento militar comunista nos navios, e que isso ia irromper ao anoitecer, ou noite etc.

V.A. - Quando foi isso, o senhor se lembra?

A.A. - Eu não me lembro do ano.

V.A. - Mais ou menos.

A.A. - Devia ser, devia ser... De 35 para cá, de 40, por aí, 38,37, por aí. Mas eu me lembro que então eu mandei telefonar para o comandante para dizer que ele viesse a bordo, porque eu tinha tido essa denúncia. Aí eu fiz o exame da situação com os oficiais que estavam... A guarnição naqueles navios daquela época, a guarnição sempre fica alojada na proa, e na parte da popa fica a parte de alojamento de oficiais.

V.A. - A proa...

A.A. - o bico do navio.

V.A. - Atrás?

A.A. - Não, a proa onde o navio corta a água, e a popa a parte da retaguarda, a parte de trás. Geralmente nas construções inglesas os suboficiais ficavam na popa, porque tem os camarotes etc., e ficavam ali também uns paióis de munição e armamento portátil. Nessa parte da popa tinha um canhão, tinha um canhão de 101 nessa plataforma, e tinha mais dois canhões de 47 logo a seguir. Então quando chegou o comandante, eu digo: Há essa notícia de sublevação da guarnição, então a providência que eu tomei foi essa: eu já tenho tudo preparado para subir a munição e para guarnecer os fuzis etc., com os oficiais que nós temos aqui, e guarnecer o canhão de 101 e o de 47. Porque tem o oficial de serviço no convés, quando houver qualquer coisa nós recuamos, guarnecemos os dois canhões de 47 e o canhão de 101 e atiramos para a proa."

V.A. - Mas não tem perigo do navio afundar?

A.A. - Ah, bom, isso não tinha problema, não tinha importância maior, a importância era sublevar o movimento, não é? E não...

V.A. - Acabar com o movimento?

A.A. - Acabar com o movimento. Não atiraria para o fundo do navio, atiraria para a parte do navio que a parte ali na altura da linha por cima da linha d'água, que a parte que podia causar impacto e dominar a guarnição. Então o meu plano foi esse, eu digo: "Está tudo preparado assim, se houver movimento, nós guarnecemos os canhões, já estamos preparados para guarnecer o canhão, carregar e agüentar a coisa com fuzil. E guarnecer os dois canhões daqui que para atirar..." Porque um quarto talvez do navio ficava conosco, e o resto era ocupado pela guarnição, então aí nós atiraríamos para a guarnição que viesse nos enfrentar, embora nós estivéssemos em minoria, mas nós estávamos de posse da munição do navio.

V.A. - Mas não aconteceu nada?

A.A. - Não aconteceu, não houve nada felizmente, foi só o alarme etc. e tudo continuou como estava.

V.A. - Esse tipo de aviso era comum?

A.A. - Houve várias vezes de sobreaviso.

V.A. - De onde partiam esses avisos?

A.A. - Esses avisos vinham do serviço de informações que havia, que eu não sei qual é, e vinha do comandante da Esquadra, vinha do Estado-Maior, aquilo vem em cadeia até os escalões que se sucedem. O que nós chamamos escalões a cadeia de comando, primeiro vem o ministro, depois vem o chefe do Estado-Maior, vem o almirante menos graduado, e vem até o comandante, até o oficial, isso chama-se cadeia de comando.

V.A. - E no navio a guarnição fica sempre na parte da proa?

A.A. - Ficava, ficava.

V.A. - Hoje em dia...?

A.A. - Mas hoje as construções navais são diferentes, hoje está tudo misturado.

V.A. - E como que a disciplina, muito rigorosa?

A.A. - Eu não acho rigorosa, não, eu não acho rigorosa. A disciplina muito solidária. Porque todos nós dependemos uns dos outros. Nós dizemos o seguinte: nenhuma corrente mais forte do que o mais fraco dos seus elos. Não está de acordo? Então num navio, a gente tem que ter todos os elos igualmente fortes: nós temos que ter os comandantes, os oficiais fortes e os marinheiros fortes. Então nós temos que saber que tudo que tem no navio, tudo de capital importância, porque senão vai estourar o elo mais fraco, não é? Todos esses elos que são necessários eles têm que ser suficientemente fortes para corresponder aos objetivos que nós temos, que manutenção do estado de eficiência de um navio numa ação, seja em que circunstância for. Então, numa emergência, numa faina qualquer, numa dificuldade qualquer, ninguém vai dizer: "Não, eu não vou fazer isso porque eu sou o capitão, isso coisa de marinheiro." Não, todo mundo pega no pesado, não é? Todo mundo tem que pagar.

V.A. - Até o comandante?

A.A. - Até o comandante, se for preciso. Não há negócio de: "Ah, eu não faço isso porque eu sou o comandante." Não, aí o salve-se quem puder. O que há é, por exemplo, num naufrágio: o comandante o último a deixar o navio.

6ª Entrevista: 23.04.1986

P.R. - O senhor estava contando aí que tinha transportado flagelado, almirante?

A.A. - Eu transportei quatro mil flagelados. Não sei se eu já contei. Eu comandava um navio transporte de tropas, o Barroso Pereira, e um belo dia eu recebi uma ordem do Estado-Maior, dizendo que eu tinha que me preparar para suspender uma semana depois para prestar socorro aos flagelados que estavam lá no Ceará, em Fortaleza. Eu tinha que levar flagelados de Fortaleza para Belém do Pará, eu tinha que levar flagelados para Santarém, tinha que levar flagelados para Paranaguá. Então eu nunca tinha transportado flagelados, nem sabia direito o que era flagelado.

V.A. - Quando foi isso?

A.A. - Foi em novecentos e cinqüenta e poucos, 57, por aí. Foi no governo do Juscelino. Eu então fui ver o que que eu precisava para transportar quatro mil flagelados - eles eram quatro mil flagelados, eram quatro mil seres de todas as idades e ambos os sexos, velhos, velhas, crianças, crianças recém-nascidas. Então, em atenção ao pedido do Estado-Maior, eu fiz um pedido de uma série de coisas, e relacionei, para que eu pudesse desempenhar aquela tarefa que me estava sendo determinada. E eu fui chamado ao Estado-Maior, pelo chefe do Estado-Maior, com o meu pedido de recursos, e ele estava muito admirado, estava me achando um exagerado na ordem de elementos que eu pedia. Então tem coisas muito interessantes. Ele chegou e disse -

estavam relacionadas lá as críticas sobre o que eu tinha pedido. Ele disse: "O senhor pede cinco médicos, no entanto, o seu navio um transporte de tropa, e ele já tem um médico. O senhor pede cinco médicos além do médico que o senhor tem?" Eu fui e disse: "É, realmente eu peço cinco médicos, porque o meu navio, eu sei que um transporte de tropas, com um médico, tem sala de cirurgia, tem enfermaria, tem todos os elementos para transportar uma tropa. Mas eu estou preparado no meu transporte de tropas para transportar a fina flor da mocidade brasileira. Agora, o senhor me dá uma ordem para transportar o que há de pior nos seres humanos do Brasil, que são os flagelados. Eu não sei o que vai acontecer, não sei se os cinco médicos vão chegar. Porque o que eu vou transportar o pior, e eu quero transportar essa gente, e acredito que vossa excelência também queira, de forma mais humana possível." Ele aí disse: "Claro que é." "Então por isso que eu peço esses médicos todos, porque eu tenho a impressão que vou precisar deles todos." Ele foi e disse: "Ah, está bem, está bem." Botou lá um... no negócio, e eu disse: "E eu não completei ainda, não botei no meu pedido um médico parteiro." Ele olhou para mim muito admirado, eu disse: "Sim, um médico parteiro, porque vai até nascer criança bordo, com certeza." Disse ele: "Mas o médico do meu navio, esse médico que o senhor está invocando, esse médico era obstetra na vida civil quando fez concurso para a Marinha, de modo que eu conto com ele para resolver as questões de parto que apareçam." Ele disse: "O senhor me pede 40 fuzileiros navais?" Eu disse: "É, eu peço 40 fuzileiros navais, porque eu não quero transportar os nossos irmãos como presos a bordo do navio nos alojamentos, sem licença para subirem, para virem ao convés para se arejarem etc. Então, como eu já disse, eu vou levar crianças, velhos, velhas, moços, de todas as idades, e eu quero que os fuzileiros navais, de períodos de duas horas em duas horas, um grupo de fuzileiros fique na borda do navio para evitar que um flagelado que está passeando no convés - o navio tinha um convés muito grande - ficar passeando no convés para tomar sol, para conversar etc., e um desses homens caia n'água, dessas mulheres caia n'água, que uma criança corra e caia n'água, então eu tenho que ter essa gente vigiando permanentemente, por isso eu peço 40 fuzileiros navais." "Ah, está muito bem. O senhor pede cinco balas de oxigênio." Eu digo: "É, eu peço oxigênio porque eu vou ter que talvez gastar muito oxigênio para atender os doentes que eu vou encontrar." "Mas o senhor pede trezentos contos - eram trezentos e tantos contos de réis, trezentos e tantos mil cruzeiros, naquela época era muito dinheiro - de medicamentos." Eu disse: "Também, porque essa gente toda vai precisar." "O senhor pede mais um dentista!?" Eu digo: "Eu peço, porque também vai ter que atender parte dentária do pessoal." No fim, ele concordou com todos os exageros que pareciam exageros que eu tinha pedido a ele. E eu então suspendi em viagem, e na viagem então telegrafei para Fortaleza, e pedi ao capitão dos portos que me contratasse duas assistentes sociais, porque eu ia levar meninas, mocinhas, senhoras etc., e os enfermeiros - que eu pedi mais também enfermeiros... Mas ainda não sabiam como que esse pessoal do sexo feminino ia enfrentar o ser tratada por um homem, então eu pedi as assistentes sociais para atender ao sexo feminino. E quando cheguei em Fortaleza então, recebi duas pessoas ótimas, duas moças maravilhosas como assistente social, então elas prestavam assistência social a toda parte do sexo feminino. E aí então, da! peguei mil e tantos flagelados, levei mil e tantos flagelados para deixar em Belém do Pará. Quando chego em Belém, veio o médico alarmado, porque em Belém tinham feito um lugar para receber os flagelados. A desordem era muito grande, e o médico disse que já tinha mais de mil flagelados lá; ele tinha que receber esses mil, ele disse: "Eu não tenho nem medicamentos para atender essa gente. O senhor sabe o que eu tenho para atender esses flagelados aqui? Eu tenho 30 mil cruzeiros." Eu disse: "Olhe, eu trago aqui para atender o transporte, eu trago trezentos mil. Agora, eu não posso ceder isso porque isso para o uso do meu navio que está absorvendo tudo. Mas eu, só para transportar os flagelados..., imagino como eu o senhor está. Mas esse não um problema meu, o problema que eu ganho da Marinha, de transportar os nossos flagelados."

E estava lá em Belém desembarcando o pessoal, quando chega um médico e me diz:

"Comandante, uma situação muito séria aí." Eu digo: "O que é?" Diz ele: "Tem um menino aí que está com uma doença que chamam de doença azul; ele tem um problemzinho no coração, um problema no coração que não há... um fenômeno da hematóse do sangue, e ele tem que fazer uma operação do coração, porque senão ele vai morrer. Ele vai chegar... Daqui a uns dois, três anos, quatro anos, essa criança vai morrer porque não se resiste." E chamou o menino, chamava-se Francisco, e disse: "O senhor quer ver a mãozinha dele?" Então me mostrou; um do sintomas dessa doença que os dedinhos da criança, a cabeça do dedo vai ficando, parece assim sabe plaqueta de tambor, aquele negócio que tem aquela parte cilíndrica e depois tem aquela cabecinha... Os dedinhos da criança ficam saltados, ficam com uma cabeça mesmo. Eu digo: "Então o que podemos fazer?" "Bom, o que tem que fazer comandante..." - o comandante tem que fazer milagres, tem que resolver, tudo vem para cima do comandante. "O que tem que fazer que esse menino precisa ser operado. Mas, então não pode desembarcar aí." Eu disse: "Bem, não pode desembarcar, então tem que ir para o Rio?" "É, esse menino deve ir para o Rio." Então eu fui e disse: "Bem, eu não tenho autorização para trazer ninguém para o Rio, eu tenho autorização para desembarcar os flagelados todos." E eu com aquela criança ali, aquele menino, Francisco, de uns seis, sete anos, e eu disse: "Bom, vamos telefonar, vou telefonar para o comandante da Força..."

[FINAL DA FITA 10-A]

A.A. - ... telefonar para o comandante da Força, explicar a ele toda a situação, e então eu peço licença para trazer a criança para ser atendida às expensas do governo:." Falei com o comandante da força, ele disse: "Não, não traga não, não dou autorização para trazer a criança de jeito nenhum." Eu fiquei revoltado com aquilo, eu digo: "Mas então, e se eu assumir a responsabilidade?" " Ah, se o senhor assumir a responsabilidade, pode trazer." Eu fui e disse: "Então eu vou trazer a criança." E resolvi trazer a criança.

P.R. - Essa pessoa para quem o senhor telefonou era quem, o comandante...?

A.A. - Era o comandante da Força de Transporte, a quem eu estava subordinado. Que era um contra-almirante, Ivano da Silva Guimarães. Era o contra-almirante comandante da força. Eu disse: "Então eu assumo a responsabilidade e trago a criança. "E falei com os médicos: "Olha eu vou levar a criança. E o que que tem que fazer no Rio?" "Bom, a criança tem que chegar no Rio e vai ter que ser operada." "E quem que opera. quem que pode operar essa criança?" Diz um dos médicos: "Bom, quem pode operar essa criança..." Nós tínhamos na Marinha um médico, que já saiu da Marinha, mas que especialista em operações de coração etc. o dr. Gernstein." Eu conhecia de nome, eu já tinha visto, ele tinha feito um curso nos Estados Unidos por conta da Marinha, e tinha trazido uma série de filmes das intervenções que ele tinha praticado etc., e eu havia sido do gabinete do almirante Guillobel, então assisti aos filmes etc. "Bom, então eu vou telegrafar para o dr. Gernstein." Então mandei fazer um telegrama para o dr. Gernstein, dizendo que havia aquela circunstância, aquela situação triste, e se ele operava o menino. Ele disse que não tinha importância nenhuma, que ele operaria gratuitamente, com muito prazer, estaria pronto a qualquer hora para fazer a intervenção na criança. Aí essa parte já estava resolvida, o menino seria operado etc.

Mas tinha uma parte que eu achei interessante que uma parte que as psicólogas que devem ver. O nosso problema... Nós estávamos imaginando que o temperamento, a vida afetiva dos flagelados fosse muito igual nossa. Então nós imaginávamos o seguinte: Bom, eu assinei a responsabilidade de trazer essa criança, mas não posso trazer a família toda, tenho que trazer só

a criança. Como que os pais dessa criança vão reagir? Tinham oito ou nove filhos. Como que a criança vai reagir para se separar dos pais? Também para ficar sozinha no navio para vir comigo. Então era um outro problema para resolver. Então os médicos conversaram com os pais, os pais concordaram em trazer a criança, então não havia problema para vir a criança, mas havia o problema da criança em si, e isso só se constatou na hora. Aí que a parte bem curiosa. Então quando nós chegamos em Belém, que desembarcamos os flagelados, chegou o dia de desembarcar os flagelados, os flagelados vão saindo pela prancha e sai a família do Francisco. E o menino estava na borda do navio, debruçadinho, olhando o pessoal sair. Os pais saíram, não se despediram do filho, não olharam para trás, não deram um adeus para o filho. O filho viu os pais saírem, viu os irmãos saírem etc., não derramou uma lágrima, continuou naquela contemplação, naquela vida infantil, de criança, completamente alheia a tudo o que se estava passando, sem sentir que ia ficar..., uma criança de dois, três anos, que vai ficar sem o pai, sem a mãe. Não, não teve a mínima emoção. E para nós foi um descanso.

E nós suspendemos e o Francisco ficou a bordo. Nós já tínhamos, quando chegamos em Belém... E o pessoal vinha praticamente sem roupa, as crianças, todo o mundo em estado andrajoso, e nós tínhamos já comprado roupas: comprei roupas de abrigo, comprei cobertores, comprei esses elementos todos que eram necessários para manter essa gente carente de tudo. E o Francisco ficou brincando a bordo conosco, todo o mundo fazia carinho no Francisco, tudo isso, e fez assim a viagem toda. E o Francisco para cá..., Quando chegamos em Santarém o Francisco desembarcou, porque a marujada queria levar; leva para aqui para passear e tal e coisa. E eu sei que quando chegou a horas tantas - isso levou um mês mais ou menos -, o Francisco estava dentro do navio, andava para um lado e para o outro, todo mundo cuidando do Francisco, transportamos os outros flagelados para Santarém, um médico teve uma crise de nervos porque nunca tinha visto... Médico, imagine! Médico está acostumado a ver coisas terríveis, não é? Pois bem, o médico teve uma crise nervosa de ver o estado de indigência daquela gente. Os dentistas faziam extrações às dezenas, quando o pessoal chegava. Mas, voltando ao caso do Francisco: então o Francisco ficou a bordo conosco. No meio da viagem, quando nós já vínhamos para a última leva de flagelados, que íamos para Paranaguá, um dos médicos, o dr. Marciano, chegou para mim e disse: "Comandante, eu queria fazer um pedido ao senhor." Eu era solteiro, eu ia ficar com um problema sério de manutenção da criança, inclusive de adoção, porque eu tinha um papel de adoção. Eu disse: "Mas o que é?" "Eu queira ficar com o Francisco, eu queria adotar o Francisco como filho meu. O senhor prepara tudo, eu fico com ele como meu filho. Eu gostei tanto dele, queria ficar com ele, queria adotar." "Ah, se você quer adotar, você tem família etc., então não tem problema, você fica com o Francisco." "Ah, então muito obrigado." Resolveu ficar com o Francisco. Mas quando nós chegamos ao Rio... O Francisco estava pra lá, pra cá, e quando chegamos ao Rio, que foi de tarde assim, chegou a hora do pessoal que não estava de serviço ir para terra etc. O dr. Marciano ia levar o Francisco para casa. A criança, que nunca tinha derramado uma lágrima, a criança tinha se humanizado, então o Francisco não queria mais sair do navio. O Francisco se agarrava nas minhas pernas, nas pernas do meu imediato, nas pernas do dr. Marciano, não queria, queria ficar no navio, tinha adquirido amor àquela convivência, e chorava lágrimas de esguicho! E foi uma luta para convencer o Francisco a ir com o dr. Marciano. "Não, mas você vai, amanhã você volta, depois você vai, volta, até acostumar, o dr. Marciano vai levar você para casa etc." E assim o Francisco foi, entre lágrimas, mas foi direitinho para casa. E ficou, o Francisco ficou lá, me disse o dr. Marciano que ficou lá uns dias meio tristonho, depois se acomodou. Mas foi a primeira vez que a criança chorou. E o tempo passou, aquela minha tarefa de flagelados, aquilo tudo terminou, tinha que ir para outra comissão, e passaram-se uns três anos. Eu nunca mais soube do Francisco. Um dia eu encontrei o dr. Marciano na rua do Ouvidor. "O[^], como que vai o Francisco?" "Está ótimo, comandante. O Francisco está ótimo. Ele já está todo preparado, já fizemos um tratamento preparatório nele, com o dr. Gernstein, ele vai ser operado." E disse que

ele ia ser operado - está muito bem. Tempos depois encontro o dr. Marciano. "E o Francisco? Como vai?" "Ih, o Francisco o senhor não conhece, já está da altura do senhor. O dr. Gernstein já operou, o Francisco já consertou o coração, está vivendo muito bem."

E foi a última notícia que eu tive, eu nunca mais falei nesse menino, porque eu fiquei com e nem procurei. Porque eu não sei qual foi a forma que o dr. Marciano adotou para criar a criança, se contou alguma história, que era filho legítimo dele. Porque às vezes cria trauma, não é? O filho começa a querer saber quem era o pai, essa coisa, de modo que eu nunca mais procurei. Mas eu sei que o Francisco deve estar vivo, deve ser um homem de uns quarenta e tantos anos e ele foi salvo pela proteção divina, vamos dizer assim. E um belo dia... Eu fiquei com uma admiração muito grande pelo dr. Gernstein, e quando foi um dia eu vejo no jornal o falecimento do dr. Gernstein. Ele era judeu, era israelita, e eu vi o convite lá para a sinagoga, para uma cerimônia religiosa. Então eu fui cerimônia, era num domingo. Eu fui e pela primeira vez entrei numa sinagoga para assistir a uma cerimônia. Então uma série de... Várias pessoas falam sobre o extinto etc., e horas tantas então perguntaram: "Tem mais alguém que queira falar?" Eu disse que eu desejava, então contei a história do tratamento caridoso do dr. Gernstein a esse menino, que estava carente de recursos e que tinha vindo nessa situação. E assim eu prestei a última homenagem ao dr. Gernstein. Mas, voltando ao transporte dos flagelados. Uma coisa que me emocionou muito foi o seguinte: que eu deixei flagelados em Belém do Par na forma mais ignominiosa possível; não tinham a menor assistência, o menor preparo para atender. Em Santarém, a mesma coisa, também não se sabia o que havia de fazer com os flagelados. E uma coisa curiosa: os flagelados já tinham o complexo da falta d'água, e todos eles querendo levar um recipiente qualquer com água, com medo de falta d'água - eles tinham um complexo. Embora Santarém fosse uma cidade em que não haveria falta d'água, mas eles queriam estar seguros de levar pelo menos água para matar a sede por uns dias. E assim deixei levando a água e comida, porque eles também não tinham comida, e não havia mantimentos em terra - preparava todos aqueles farnéis para eles levarem. Quando eu vou fazer a última entrega de flagelados, que era em Paranaguá... Paranaguá já era um lugar mais frio, e eu ainda comprei mais uma leva de cobertores porque digo: "Essa turma toda vai chegar lá num clima mais frio como eles nunca sentiram, então vai chegar lá em Paranaguá, não sei para que lugar do estado vai ser mandada, essa gente pode até morrer de frio." Então mandei preparar tudo, equipados com roupa de todo jeito etc., e preparei a parte da comida, de mantimentos, de comida para eles, já a refeição feita para eles levarem quando desembarcassem, não ficassem surpreendidos nem ao Deus dará. O navio fundeu, aí me diz o oficial de serviço: "Comandante, vem uma lancha se dirigindo para bordo. Permite que atraque?" Eu digo: "Permito que atraque, lógico." A lancha chegou, uma lancha muito bonita, chegou e encostou na escada do portal" do navio e saiu um grupo de senhores e senhoras. Subiram, eu recebi, eles se apresentaram etc., e eu então perguntei o que podia fazer, o que que eles desejavam. "Não, nós viemos buscar os flagelados." Eu disse: "Então façam o obséquo." Levei para o que nós chamamos de praça d'armas, que no Exército chamam de cassino, e normalmente aí fora living do navio. Eles então sentaram junto mesa, eu então puxei a relação dos flagelados, nominal, sexo, tudo aquilo, para entregar a eles como fazia sempre em todo lugar e disse: "Os flagelados são esses assim, assim, e eles já estão com roupa de abrigo e levam as refeições, as primeiras refeições para serem atendidos." Então uma senhora disse: "Bom, as roupas de abrigo nós podemos aceitar, está muito bem, mas a parte de refeição perfeitamente dispensável, embora nós agradeçamos muito, mas perfeitamente dispensável, porque nós já temos tudo preparado. Vai encostar no cais uma composição, vem um trem com vários vagões, tem um vagão-restaurant para eles, e tem os vagões... Nós vamos distribuir pelos determinados vagões, então já vamos fazer a seleção para as duzentas fazendas para onde eles vão ser distribuídos." E assim foi feito. Quer dizer, foi o único lugar que parecia que não era o Brasil. Eu disse: "Parece que eu estou nos Estados Unidos, vendo um quadro completamente diferente do que eu tinha visto antes." Eles embarcaram no trem, então foram

sendo distribuídos pelas diversas fazendas, onde muitos devem estar vivendo até hoje.

P.R. - Essas pessoas que vieram ao navio buscar os flagelados, quem eram essas pessoas? Eram fazendeiros?

A.A. - Ah, não sei o tipo de gente. Era de uma associação qualquer beneficente, uma associação qualquer da cidade, incumbida de assistência para isso. Mas eles providenciaram, fizeram um estudozinho de estado-maior muito correto e muito bem feito, e prestaram toda a assistência a essa gente. Mas eu tinha dito que eu havia dito ao chefe do Estado-Maior que podia nascer crianças - nasceram oito. Nasceram oito crianças. E várias delas - nasceram oito. Nasceram oito crianças. E várias delas tiveram os nomes dos médicos que estavam embarcados no navio, as mães deram o nome. E as assistentes sociais que preparavam as parturientes etc. e vestindo as crianças com a roupa que nós tínhamos, elas tiveram parece que um parto muito diferente daqueles que teriam sido na aridez em que eles se encontrariam em outras circunstâncias. E eu diariamente passava uma mensagem para o chefe do Estado-Maior relatando o que havia sido feito no navio. Os atendimentos, a parte clínica, a parte médica, quantas pessoas tinham baixado às enfermarias, as crianças que iam nascendo etc., - aliás, perdemos também umas crianças. Houve crianças que morreram também, nós tivemos que sepultar no mar etc., mas com uma cerimônia religiosa à noite para não impressionar o pessoal; nós tivemos até que lançar crianças ao mar. Mas nasceram oito criancinhas, algumas tomaram os nomes dos médicos. E as senhoras, as parturientes todas tiveram uma assistência muito grande e muito solícita etc. Isso tudo eu fiz um relatório que mandei para o Estado-Maior, não sei que fim levou, até com fotografias de cenas no navio, as parturientes na enfermaria, tudo isso. Depois o fim do relatório eu não soube, nem quais foram as providências posteriores que o governo tomou, mas mostrando como se maltratava, como não se atendia bem ao recebimento dos flagelados, numa circunstância, numa emergência dessas. Mas graças a Deus, pelo menos na Marinha, os nossos irmãos flagelados, eu tenho certeza que nós demos o máximo que podíamos dar para assistir àquela gente carente. E uma outra coisa curiosa que eu soube o seguinte: naquelas zonas do flagelo em que tinham que erradicar os flagelados era comum chefes políticos mandarem vir e manterem na região os flagelados que eram eleitores daquela corrente política. Esses ficavam ali, sujeitos a todas as intempéries. Os outros que eram, digamos, de partido mais fraco, de oposição, que vinham embora, mas outros ficavam lá, para eles garantirem os votos nas eleições futuras. São coisas da nossa politicagem brasileira.

P.R. - Mas a finalidade desse deslocamento, qual era exatamente? Era alocar o flagelado nordestino em zonas onde ele pudesse trabalhar?

A.A. - Era para fugir daquela zona de seca e para ir para lugares onde eles pudessem ser aproveitados em outras fazendas ou coisa que o valha. Aí que iam... a aptidão deles, onde que podiam botar. A não ser em Paranaguá, onde já havia um projeto de...

P.R. - Um esquema de aproveitamento.

A.A. - Um esquema. Nos outros lugares não havia, não. O sistema era tirar do lugar em que eles estavam morrendo de sede... E como o Cear era zona da seca, foi para o Pará, que era um lugar que não estava sujeito à seca, que é parte amazônica. Agora, o fim que deram a esses flagelados, eu não sei.

P.R. - Não sabe, esses que desembarcaram em Belém e Santarém, não sabe o destino que eles tomaram?

A.A. - Eu não sei o destino que eles tomaram, qual foi o destino que foi dado. E eram muitos flagelados, porque eu estou contando o fato do... Porque não foi só o meu navio que transportou, não; a seguir ao meu navio um outro transporte ainda foi levar mais flagelados, e os detalhes do transporte desse outro navio eu não soube. Eu só sei que o comandante, valendo-se da minha providência, também requisitou duas assistentes sociais para botar a bordo. Porque o navio tinha acomodações para transporte de tropas, ele tem as acomodações para guarnição comum, e tem essas acomodações para tropa que transportada, inclusive na área de oficiais, tem os camarotes dos oficiais, tudo isso, com escalão até de comandante de batalhão, tudo isso. Então as moças ficaram perfeitamente alojadas, com todo o conforto nos seus camarotes, com todas as suas instalações necessárias. E assim foi uma das ... Talvez a pior comissão que eu tive foi transportar flagelados. tristíssimo a gente ver os nossos irmãos aí como sofrem no interior do Brasil. A gente vive assim nas cidades etc., não tem, a não ser vendo, o que é, o que de triste o Brasil tem aí pelo interior. A carência de instrução, de recursos, de assistência, a carência de tratamento do homem - precaríssima, era precaríssima, acredito que ainda seja. Mas aprendi muito nessa... Porque conheci muito da tristeza, da parte triste do Brasil, sabe? O Brasil um país de grandes recursos minerais etc., uma população de 140 milhões de habitantes, mas tem uma população que uma massa que um peso, um elemento consumidor só de energia, porque não tem... Ninguém se mobilizou para preparar essa gente, para dar um futuro melhor a essa gente, não. Parece que há mais preocupação de explorar. Não há, a preocupação não há humanitária, não. Esse dia a minha vida mudou muito; depois que eu transportei esses flagelados, eu passei a ver a vida do Brasil diferente do que a poesia "Minha terra tem palmeiras onde canta o sabiá", essa coisa toda. Mas isso muito da poesia, sabe?

Eu acho que a parte dos flagelados, eu não sei se há alguma dúvida ainda que possa...

P.R. - Não, não.

A.A. - Que possa ter alguma pergunta sobre os nossos flagelados. Agora o fenômeno o inverso, não é? Agora são as enchentes. Agora são as enchentes, não sei como que nós estamos preparados para enfrentar isso e como que os poderes públicos reagem.

P.R. - É, e as enchentes estão ocorrendo exatamente nas zonas que antes eram tidas como flageladas, não é?

A.A. - Dos flagelados. Porque tinha regiões de gente que nunca viu chuva, não é? Tinha criança que nunca tinha visto chuva, depois veio esse período de enchentes etc., aquela terra toda estalando etc., e gente que nunca tinha visto chuva. E tem muita gente, há muita gente no Brasil que nunca viu o mar, não é? Mas isso natural: no interior do Brasil o sujeito não v o mar. O máximo que pode ver o rio mesmo, não sai dali, quando chega aqui na praia de Copacabana, v esse mundo d'água, deve ficar extasiado, não é?

P.R. - Mas o que eu presumo que a seca no Brasil, a seca do Nordeste, por exemplo, uma seca muito localizada. Ela dá em determinadas áreas. Ela foi muito explorada para vários objetivos de enriquecimento ilícito, e vários outros fins, mas hoje em dia, com o alcance dos meios de comunicação, parece que esse mito está desaparecendo. Evidentemente que existe uma seca periódica, há pouco tempo houve em Irecê, na Bahia, como há em outros lugares e tal, mas não aquele fenômeno constante e permanente que vinha sendo alardeado antes para levar verba do Banco do Brasil e depois pedir moratória ao Banco do Brasil, aquela coisa.

A.A. - Não, porque a seca, havia até a exploração da seca.

P.R. - Pois é, exato.

A.A. - E a exploração da seca, o que ia para os flagelados parece que era migalha, o resto era esbanjado com outras finalidades - não aquela de socorrer evidentemente o flagelado.

P.R. - Pois é. E os fazendeiros que se prevaleciam da seca, o seguinte: eles que manipulavam essa distribuição...

A.A. - Manipulavam essa gente, toda essa gente humilde, completamente desorientada, gente sem... analfabetos completos, não tinham instrução nenhuma de coisa nenhuma, verdadeiros seres humanos em estado de início do mundo, praticamente. Coisa tristíssima.

P.R. - E depois pediam, faziam movimentos para pedir moratória ao Banco do Brasil, quer dizer, em perdão da dívida que eles tinham, sob a alegação de que a produção deles foi devastada pela seca, não é? Mas todos eles apareciam com apartamentos novos na praia da Boa Viagem em Recife, na praia de Pajuçara em Maceió, enfim...

A.A. - Eles se serviam, se serviam do fenômeno. E o flagelado não chegava lá, o efeito [inaudível] consumia toda a energia.

P.R. - Almirante, nós hoje havíamos programado, eu e a Verena, de pedir ao senhor que nos falasse a respeito de uma figura muito discutida, e muito comentada dentro da Marinha, que foi o almirante Protógenes Guimarães. Ele foi ministro da Marinha desde 1931 até 1935, quer dizer, foi um bom período que ele passou no Ministério.

A.A. - Foi, ele saiu para governar...

P.R. - O estado do Rio de Janeiro. É, e ele era um almirante, pelo que nós sabemos da história dele, era um militar com vinculações políticas, com atividades políticas, e exercia evidentemente uma liderança de pelo menos uma parte da Marinha.

A.A. - Essa parte política, eu, quando entrei para a Marinha, ele já estava afastado da Marinha, porque ele já tinha sido... Tinha havido os movimentos revolucionários etc., ele tinha sido transferido como capitão-de-mar-e-guerra, tinha sido transferido para a reserva. De modo que eu conheço mais de história do que de assistência. Porque ele que liderava mais ou menos os movimentos que tendiam a derrubar os governos, para acabar, para modificar a forma eleitoral, acabar com o eleitorado de cabresto, com o voto de...

P.R. - A descoberto?

A.A. - O voto a descoberto, aquela coisa toda. Queria o voto secreto, queria que realmente o voto fosse computado etc. Aquelas urnas a fraude nas urnas, os eleitos eram pré-fabricados, o negócio era mais ou menos assim. J se sabia quem ia ser eleito e quem não ia ser etc. E o almirante Protógenes fazia parte de uma corrente da Marinha que liderava e se insurgia nisso. Ele se caracterizava por dois aspectos: um aspecto, político-revolucionário, e o outro aspecto interessante dele era o entusiasmo que ele demonstrava sempre pela parte da aviação naval. Ele sempre foi um entusiasta pela aviação naval, naqueles primórdios da aviação nacional, que em determinada época nós chamávamos de arco e flecha, porque o primitivismo da aviação, os perigos, as dificuldades, aqueles aviões de armação de madeira forrados de pano, aquele troço

todo era um negócio de arco e flecha mesmo, porque o risco andava, acompanhava...

[FINAL DA FITA 10-B]

A.A. - ... risco andava, acompanhava, geralmente acompanhava os aviadores. Porque o sistema de propulsão, os motores não tinham a perfeição que hoje já têm, e que assim mesmo ainda causam surpresas não é? Mas naquela época eram freqüentes. Então o aviador estava preparado, sempre preparado esperando ter que pousar de emergência; como pousar, quando pousar, tudo isso era chamada aviação de arco e flecha. E o almirante Protógenes, que era capitão-de-mar-e-guerra, parece que comandou inclusive a aviação naval. E da! o entusiasmo que ele tinha. E como ministro da Marinha também ele procurou enfatizar o auxílio aviação naval e foi por ação do almirante Protógenes que foi criado então o quadro de aviadores, porque não havia. Os aviadores eram selecionados como candidatos etc., dos quadros normais de aviação e faziam aquilo como especialidade. Uma especialidade como havia a de artilharia, como havia a de máquinas, como havia a de navegação, - uma série de especialidades e tinha a especialidade de aviador. Mas com o almirante Protógenes... Havia sido guindado, já então com um aspecto político, porque foi no governo do Getúlio Vargas que ele então foi chamado para o serviço ativo, foi promovido e oficial-general e assumiu o Ministério. Então aí que ele criou o quadro de aviadores navais, fez uma coisa completamente separada do resto das especialidades, enfatizou a profissão mesmo de aviador orientada para o sentido da proteção naval etc. De modo que foi o almirante Protógenes. Agora, ele no decorrer da vida dele de ministro... Porque geralmente os ministros de Marinha são mais técnicos do que políticos e o almirante Protógenes enveredou um pouco para a área política - tinha mais jeito, mais formação de diálogo com elementos estranhos Marinha etc. E da! que então ele acabou... Depois quando o presidente Vargas precisou de uma interventoria no estado do Rio, então nomeou o almirante Protógenes para governar o Estado do Rio.

P.R. - Mas ele, como ministro tinha alguma dificuldade assim, por exemplo, na preservação da disciplina, vamos dizer assim, no exercício do comando?

A.A. - Dificuldades?

P.R. - É.

A.A. - Não, não teve. Ele teve... As dificuldades, pequenas dificuldades que ele apresentou foram no meio da oficialidade, foi procurar ser muito simpático ao corpo de pessoal subalterno da Marinha. Porque ele tomou providências melhorando consideravelmente a parte do pessoal subalterno da Marinha nos escalões superiores, quer dizer, os escalões que nós chamamos de sub-oficiais e sargentos. Ele então deu uma série de vantagens a esse pessoal. Mas o que chocou um pouco os oficiais foi ele ter feito o seguinte: para adornar o título do suboficial, ele deu um uniforme muito semelhante ao dos oficiais. Inclusive o seguinte: ele fez com que os suboficiais usassem no boné o mesmo emblema que os oficiais usavam. Isso gerou um descontentamento grande, e então, para apaziguar os ânimos, para contornar a situação, ele determinou que o corpo de oficiais tivesse um emblema diferente do que os suboficiais tinham passado a usar. O outro problema foi o problema da espada: a espada dourada era uma característica de... inclusive, parece, de uma convenção em Viena etc. A espada dourada era um

tipo de espada cuja cor do metal dourado era característica das classes mais nobres, das personalidades que tinham o tratamento de excelência. Então essa espada dourada, que só os oficiais usavam, o almirante Protógenes também concedeu aos suboficiais.

P.R. - Aos sargentos?

A.A. - Os suboficiais, não sei se sargentos também, mas pelo menos os suboficiais; o uso da espada dourada igual nossa. Isso foi uma das coisas que também causaram impacto no meio da oficialidade. Então houve uma solução: a espada dos oficiais tinha a empunhadura da espada, a parte que anteriormente dos oficiais era preta, passou a ser esmaltada de branco. Então essa foi a diferença que passou a caracterizar a espada do oficial da do suboficial. Mas continua sendo a mesma e até hoje a mesma, mas só que tem que a nossa espada tem o punho, a empunhadura, em branco, e a dos suboficiais escura, marrom escura, ou preta. Havia uma convenção em Viena, parece, em priscas eras, que estabeleceu uma série de formas no trajar de certos elementos. Então uma delas era o porte da espada dourada; outra quando chegava a generalato, a primeiro escalão, era o uso do arminho no chapéu, o arminho branco no chapéu, que nós temos até hoje. Está suspenso o uso, mas até hoje os oficiais gerais ainda têm, naquele chapéu de dois bicos, chapéu romano, têm um arminho branco que esvoaça por cima do chapéu. E a espada dourada era uma característica. Há uma série de coisas que são estabelecidas e tradicionalmente mantidas, e isso estava quebrando. E nós temos na Marinha uma formação muito de conservação, de tradição, e isso chocou um pouco os oficiais etc. E esse foi o ponto, digamos assim, de desgosto de oficialidade com a atitude do almirante Protógenes, e foi só. No resto, não: ele era um grande amigo da Marinha, apaixonado, e procurou desenvolver a Marinha como pôde, enfatizar os recursos da Marinha no tempo em que ele esteve como ministro etc. Mas essa parte de uniforme chocou um pouco, porque nós somos muito apegados tradição, forma de ser, muito... - influência talvez portuguesa e inglesa na nossa formação naval.

Nós somos muito apegados a essas coisas, somos meio refratários às inovações que são feitas com muito cuidado, muito bem ponderadas, não há repentes nessa coisa. Nós temos coisas curiosas, por exemplo: em determinada época, o governo resolveu criar a ordem do Mérito Naval, e então foi criada a Ordem do Mérito Naval. As insígnias foram preparadas, o desenho etc - não me recordo quem fez, um técnico qualquer -, mas a fita, as cores da fita, são as mesmas cores da fita comemorativa que agaloardava os oficiais, na época, e a guarnição, da Passagem do Humaitá. uma fita de três faixas - duas faixas de um vermelho, e a faixa do centro azul. Essa era a fita da Passagem do Humaitá. Então a do Mérito Naval... Como a passagem de Humaitá..., as insígnias, não havia mais portadores etc., a fita passou a ser essa. Outra: quando o almirante Guillobel resolveu que a medalha da Força Naval do Nordeste..., para ser usada pelos oficiais que iam participar da Força Naval do Nordeste na Segunda Guerra... Então quem fez o desenho da medalha foi um diplomata, Guerreiro de Castro. O almirante Guillobel disse que as cores da fita seriam da batalha naval do Riachuelo - que uma fita branca, totalmente branca, com duas faixazinhas verdes nos cantos. a mesma cor da fita da batalha do Riachuelo. E assim nós vamos conservando as coisas como podemos.

V.A. - O senhor falou que o almirante Protógenes, ao contrário dos outros ministros da Marinha, era mais político do que técnico.

A.A. - Não ao contrário, porque o almirante Protógenes, fora...

V.A. - Aliou...

A.A. - Se destacava mais como um homem também dado parte política, digamos assim, do que os outros ministros. O procedimento dos outros ministros mais recolhido. Os demais ministros, de um modo geral na história da Marinha, são muito mais técnicos do que... até um pouco avessos política. Eles aprimoram muito a parte técnica, mas a parte política muito fraca.

V.A. - A que o senhor atribui isso?

A.A. - Eu atribuo talvez nossa forma de vida, muito afastada de terra. Agora, eu acho que nós temos que ter uma faixa de mentalidade política, acho que temos. Eu quando fui ministro eu procurei abordar um pouco essa parte, essa faixa. Porque nós só podemos obter os recursos, num regime normal, num regime, vamos dizer, como dizia o Roberto de Campos do Churchill: "A democracia o pior dos regimes, mas não há melhor."... Então no regime democrático nós necessitamos do meio político para conseguir as coisas, as coisas técnicas, mas nós temos que convencer o meio político porque quem vai propiciar os elementos. Então nós temos que ter uma faixazinha de permeabilidade política, e eu como ministro peguei uma faixa muito interessante, que foi o parlamentarismo. No parlamentarismo, então, a coisa era mais evidente, não é?

P.R. - Exatamente.

A.A. - E eu então tinha... Quando chegava em Brasília, eu saía do avião, o primeiro passo que eu tomava era ir para o Congresso; eu já tinha o meu assessor, um oficial que me assessorava no Congresso, e ele me dizia mais ou menos... Um oficial de grande valor, um oficial-de-gabinete, Enio Moura Vale. E esse oficial de gabinete meu, no fim de pouco tempo de nomeado para essa função de representante, de interlocutor meu junto ao Congresso, já conhecia praticamente todos os deputados e senadores e já tinha trânsito com todos eles e já dialogava com eles. Então ele já me dava o rascunho, digamos assim, de todos os pontos nevrálgicos da questão que eu tinha que apertar. Aí então eu ia, como ministro, dialogar com os deputados que estavam com os problemas mais pendentes, pra conseguir convencê-los etc., da necessidade da Marinha de obter aqueles elementos.

V.A. - Os ministros do Exército e da Aeronáutica, o senhor acha que são diferentes nesse sentido?

A.A. - Eu acho que os ministros... Os da Aeronáutica, eu não tenho bem idéia, mas os ministros do Exército, os do Exército são muito mais permeáveis. Em todos os sentidos, inclusive até na imprensa. A senhora pega o jornal, vê as notícias militares: são mais do Exército do que da Marinha e da Aeronáutica. Praticamente eles enfatizam a parte militar, a parte do Exército, porque a que está mais ligada população de um modo direto. De modo que eles têm a formação e estão em contato com a população - todos os dias, toda a vida do oficial do Exército, da praça etc., em terra, com o meio civil. Nós, não: nós ficamos isolados. As nossas comissões em terra são todas elas com os olhos voltados para o mar. Porque a razão de ser das funções em terra para alimentar aquela força, força flutuante. Flutuante é o submarino agora, com mais ênfase ainda. [risos]

V.A. - E na Aeronáutica seria o caso no ar?

A.A. - No caso do ar. Mas a Aeronáutica tem, vamos dizer, tem um programa político melhor, maior do que o da Marinha. Nós não temos um programa assim político etc. Eu falo assim porque eu, na minha vida militar, tive muita ligação com o meio político, eu fui ajudante-de-

ordens do presidente Vargas quatro anos. Eu fui subchefe de gabinete do almirante Guillobel um ano, ou dois anos, depois fui chefe do gabinete. Eu fui chefe do gabinete como capitão-de-fragata. De modo que eu era, eu sempre me senti muito permeável a toda essa parte política. Evidentemente quando eu falo em política a são política, não é? a filha da moral e da razão. Não a politicagem, não é? De modo que eu senti isso, sentia: nós temos que ser permeáveis política, e temos que fazer uma..., adotar uma política de conduta, nossa conduta junto com elementos, com sustentáculos da democracia, sustentar o elemento político. Agora, eu tive essa oportunidade de conviver muito com o meio político, conviver muito com o meio político e com o meio diplomata também, porque na Presidência da República as ligações da Presidência são muito grandes com o meio diplomático. E eu tinha conhecimento grande de muitos embaixadores, desses homens que tratam da nossa política externa etc. - secretários de embaixada etc. Eu fui adido naval duas vezes.

V.A. - Nós vamos chegar lá.

A.A. - Um dia chego lá, não é?

V.A. - Aqui, nós vamos chegar lá.

P.R. - O senhor falou que o almirante Protógenes tinha uma tendência assim de elevar o status do pessoal suboficial da Marinha. Quais os pontos que correspondem ao suboficialato da Marinha?

A.A. - Hoje tem no Exército, suboficial. O Exército tinha parece que até primeiro sargento. Mas o Exército tinha a carreira... A carreira militar do pessoal subalterno no Exército parece que era muito limitada. Porque quando chegava a cabo, ou coisa que o valha, o pessoal ia embora. E o Exército, a infra-estrutura do Exército era de oficial, de tenente, de aspirante para cima, mas para baixo não tinha. Então, depois, eles acharam que era preciso ter também na parte do pessoal subalterno uma série de elementos que se conservassem na profissão, para facilitar a ajuda do oficial, e não começar a abaixar a ação do oficial para os níveis intelectualmente inferiores. Então eles criaram, acredito... Não posso afirmar, mas eu tenho a impressão que o Exército tem o suboficial também; tem o primeiro-sargento, tem praças do Exército, que vão fazendo a carreira dentro do Exército e chegam a suboficial etc. E na Marinha hoje, já numa evolução maior, há grumetes, há homens que como grumetes vão embora, vão fazendo carreira de suboficial, e depois ingressam no que nós fizemos, o "quadro de oficiais auxiliares". Esse quadro, os suboficiais, digamos, os primeiros-sargentos... Esse quadro Está organizado, e aqueles que se julgam aptos, fazem um concurso e ingressam no quadro de oficiais. Então eles são nomeados segundo-tenente e vão até capitão-de-mar-e-guerra.

E eu conheço um caso muito interessante: eu comandava o Barroso Pereira, esse navio transporte de tropas, e tinha um menino que era meu ordenança; ele era grumete de 3ª classe etc. O ordenança é uma pessoa, é um subalterno que está sempre atendendo ao oficial, ao comandante, para mandar um recado, para mandar chamar fulano, para fazer essas coisinhas pequenas. E esse rapaz, eu procurava facilitar a ele para estudar em terra, dava licença para sair mais cedo, para pegar o curso, porque ele queria estudar. E quando foi... Os anos se passaram, eu já era oficial-general, e fui a um sepultamento de um almirante que tinha sido meu oficial-de-gabinete até, que era o chefe de operações navais da Marinha e faleceu repentinamente etc. No sepultamento, vem um rapaz, muito bem apessoado, vem falar comigo e virou-se para mim e disse: "Almirante, o senhor não Está se lembrando de mim?" Eu disse: "Não, não estou me lembrando, não." "O senhor não se lembra de mim? Eu fui seu ordenança, fulano de tal." Eu disse: "Mas o que que você agora?" Ele disse: "Eu agora sou capitão-tenente do corpo de

oficiais auxiliares, e estou trabalhando no gabinete, sou oficial-de-gabinete do almirante Geraldo Henning. O Geraldo Henning era ministro da Marinha. E esse menino, que foi meu ordenança, era capitão-tenente, oficial-de-gabinete dele. já tinha entrado para o quadro, já tinha tido acesso de segundo-tenente, primeiro-tenente e era capitão-tenente.

[INTERRUPÇÃO DE FITA]

A.A. - Mas há um outro também, um outro exemplo do acesso daqueles que se distinguem na profissão. Eu, quando era ministro, tinha um suboficial escrevente muito bom profissional, José Luís da Silva. Era um suboficial escrevente exemplar, moço, muito moço, e eu deixei o Ministério, o tempo passou, ele fez concurso para oficial subalterno, e ingressou no quadro de oficiais subalterno.

V.A. - Qual a diferença do suboficial para o oficial subalterno?

A.A. - É que o oficial, o oficial do quadro de oficiais... do quadro... Eu já tinha dito...

P.R. - Auxiliares.

A.A. - Auxiliares. Há três categorias de oficiais: há o oficial subalterno, há o oficial intermédio, há o oficial superior, há o oficial-general.

V.A. - E o suboficial?

A.A. - O suboficial de carreira... carreira de... Como que se chama na Marinha, meu Deus?

V.A. - Dos marinheiros?

A.A. - Dos marinheiros, dos inferiores.

V.A. - E corresponde a que posto, o suboficial na carreira dos marinheiros?

A.A. - Na carreira, ao último posto.

V.A. - Depois de sargento?

A.A. - Depois de primeiro-sargento vai a suboficial. Depois o suboficial, o primeiro sargento, querendo, havendo vaga no quadro de oficiais auxiliares, faz concurso e admitido. E esse José Luís da Silva, ele era suboficial, escrevente, fazia trabalhos lá no meu gabinete. Ele depois fez concurso, foi nomeado oficial auxiliar. E foi subindo. Uma determinada época ele trabalhava até no Almirantado, era capitão-tenente, e foi até capitão-de-mar-e-guerra, e hoje Está na reserva, Está trabalhando no Lóide. E uma coisa muito interessante: que ele quem faz o meu imposto de renda, desde o tempo em que ele estava no gabinete como escrevente. Porque eu nunca soube fazer imposto de renda, não quero saber, então eu entregava todos os meus elementos a ele, e então ele batia imposto de renda, eu assinava e mandava entregar. E até hoje, quando recebo aquela maçarocada toda, eu assino tudo que tenho a assinar, boto num envelope e mando entregar a ele. Agora, mando entregar no Lóide, que ele está trabalhando no Lóide; ele capitão-de-mar-e-guerra na reserva e trabalha no Lóide Brasileiro. Então ele pega aquilo, faz o

negócio todo muito direitinho, conhece aquela legislação toda do imposto de renda que eu não conheço, e então manda entregar no banco e depois manda, restitui a cópia batida máquina para, se houver alguma dúvida etc., eu poder prestar esclarecimentos ao Leão. Agora não o leão, agora uma gatinha. [riso] Então ia para o Leão, e eu guardo então os impostos de renda - tem que guardar cinco anos, não é? Tem que guardar cinco anos porque podem chamar, no meio de cinco anos pode aparecer uma figura aí que queira esmiuçar mais ainda e chamar. aí eu tenho que estar com os elementos para saber, porque eu não me lembro de coisa nenhuma. Eu só me lembro o que eu digo: eu recebi tanto, tenho tanto aqui, tenho tanto dali etc., ele faz aquela coisa toda e então ele entrega e me dá o recibo e eu guardo com a cópia. Porque ele bate tudo aquilo máquina direitinho. Mas um outro exemplo de um subalterno que foi a oficial e galgou todos os postos e saiu como capitão-de-mar-e-guerra.

P.R. - O senhor acha, por exemplo, que o almirante Protógenes quando fazia essa barretada para os suboficiais, no sentido de elevar o status deles, a mudança de emblema, a espada, essa coisa toda, ele fazia isso com objetivos políticos?

A.A. - Eu não sei, não posso dizer. Eu acho o seguinte: se era política, era... Ele era um homem muito bom. Talvez fosse muito por benevolência e aquilo fosse aproveitado para qualquer fim político, ou por uma circunstância decorrente talvez de elementos a quem ele tivesse certo afeto, durante a vida de ostracismo que ele levou, por quem ele tivesse sido atendido com uma consideração muito especial. Porque às vezes, quando a pessoa se afasta da vida, do serviço ativo, fica numa situação diferente em tratamento de uma série de elementos da profissão, que fogem, que se afastam etc. Acontece isso no ser humano, o ser humano muito falho nessa coisa toda, não é?

P.R. - Ele foi interventor no estado do Rio em 35 e logo depois morreu, não é? Morreu em 38, se não me engano.

A.A. - Ele faleceu... Não; ele foi... Ele foi interventor no estado do Rio, depois foi exonerado, ele saiu do estado do Rio, aí assumiu o Ernâni Amaral Peixoto, que tinha sido ajudante-de-ordens do presidente Vargas. Mas acontece uma coisa curiosa: quando o meu colega Amaral Peixoto... Quando nós saímos guardas-marinha, o padrinho da espada do Ernâni Amaral Peixoto foi o almirante Protógenes, que estava no ostracismo, que era capitão-de-mar-e-guerra. Foi quem ele escolheu para padrinho da espada dele. já naquela época o Amaral, o Ernâni, já tinha o gérmen da revolução, da revolução que estava para vir vitoriosa a algum tempo. Influenciado talvez muito pelo irmão dele que estava exilado no Uruguai, Augusto. O Augusto parece que prestou também depoimentos aqui, Augusto Amaral Peixoto.

P.R. - O Ernâni também.

A.A. - Ah, o Ernâni também?

P.R. - Também.

A.A. - Mas o Augusto ficou exilado lá seis anos! Aliás essa passagem dos exilados no Uruguai me faz lembrar uma passagem muito interessante: nós éramos guardas-marinhas nossa viagem de instrução..., o lugar a que nós fomos foi Montevidéu. Nessa época o pessoal estava exilado lá, no Uruguai. E então nós fomos procurar os exilados. Inclusive o Amaral, meu colega, teve um irmão lá, o Augusto, que nós chamávamos de Nonô, exilado. E acontecia o seguinte: nós estávamos...

[FINAL DA FITA 11-A]

A.A. - ... nós estávamos em terra e vínhamos, vínhamos para bordo, e eles também, para matar saudades, vinham ver o navio, mas ficavam na borda, no cais, na beira do cais. Nenhum ousava entrar no navio, porque o navio era território nacional, e podia haver lá um elemento qualquer, um espírito de porco que resolvesse prender, porque já era aprisionado, não é? Mas então ficavam conversando na beira do cais, e nós conversando também ali do lado de fora, conversando com eles, ficávamos horas ali batendo papo com os exilados.

P.R. - E o comando do navio sabia?

A.A. - Sabia.

P.R. - Ah, sabia.

A.A. - Sabia. Sabia, o comandante era uma flor, era muito boa pessoa. Tanto o comandante como o imediato, a oficialidade era muito boa, mas podia dar uma coisa qualquer, o cumprimento do dever e não sei o quê etc. Essas coisas que aparecem aí. De modo que nós passamos uns... Aliás, passamos uma semana ou dez dias lá em Montevidéu, muito agradável, muita festa, muita alegria, uma recepção muito bonita para o navio.

P.R. - O almirante Lúcio Meira foi colega de turma do senhor, não foi?

A.A. - Foi colega de turma, um oficial de elevado mérito, e o número um da nossa turma. E nós dizemos sempre com muito orgulho, - Há ocasiões em que o orgulho não pecado, não é? - mas, nós dizemos que ele podia ser número um de qualquer das turmas que estavam na Escola Naval. Superava qualquer dos números um das outras turmas. Ele era um privilegiado de inteligência, de raciocínio, de estudo etc. Ele era número um e o número dois era o Paulo Antonio Teles Bardy. Parece que italiano o nome. Tem um Bardy aí ligado muito à parte artística etc.; não sei se parente dele. Mas o Paulo uma ocasião disse: "Olha, eu posso tirar dez em tudo o resto da minha permanência na escola que eu não alcanço o Lúcio." Porque as diferenças de pontos, de notas do Lúcio... O Lúcio só tirava grau dez. Parece que só tirou uma plenamente com o Falcão em artilharia, porque o Falcão era desses que não queria dar dez a ninguém, e planificou com grau nove o Lúcio Meira, mas o resto era tudo distinção. E o Paulo Bardy tirava distinções etc., mas tirava grau nove, grau oito às vezes, e ele então disse: "Eu não posso, não posso nunca pegar o Lúcio. Eu já fiz os cálculos todos de hipóteses, ele ganha disparado - não por cabeça, nada disso." E era um ótimo oficial, o Paulo Bardy.

P.R. - O Lúcio Meira, em 35 - nós verificamos aí pelos dados que nós temos -, ele foi presidente de uma comissão de inquérito para apurar ligações supostas de marinheiros - eu suponho que seja de marinheiros e sargentos, porque não acredito que tenha oficial envolvido na coisa - na revolução de 35.

A.A. - Sei. Eu me lembro que ele foi nomeado para fazer parto de um elemento desses, de apuração, de esclarecimento sobre elementos de infiltração comunista etc. Eu me lembro disso sim.

P.R. - O senhor sabe alguma coisa a respeito do transcurso desse inquérito?

A.A. - Não, não tenho idéia, não. Eu soube por alto dessa passagem, mas não tenho idéia assim do transcurso desse inquérito, não.

P.R. - Nessa época o senhor estava servindo onde?

A.A. - Eu em 35...Eu acho que eu estava embarcado no destróier.

P.R. - Destróier. [pausa] Nós falamos aqui da vez passada, de uma maneira assim um pouco rápida, a respeito da infiltração integralista entre a oficialidade da Marinha. Isso teria tido uma influência muito grande no levante de 38.

A.A. - Levante de 38...

P.R. - É , 38, foi o assalto ao palácio Guanabara.

A.A. - Sim, mas havia um grande número de integralistas na Marinha, no corpo de oficiais.

P.R. - É , um dos participantes era o Hasselmann, não é?

A.A. - Arnold Fairbairn Hasselamnn¹⁷ .

P.R. - Depois ele retornou Marinha?

A.A. - Depois retornou e foi promovido por merecimento pelo presidente Vargas, que estava no palácio quando ele atacou o palácio. E o almirante Guillobel contou ao presidente: "Eu trago aqui a promoção desse oficial, que foi o oficial que mandou o destacamento atacar o palácio Guanabara." E o presidente não apresentou o menor obstáculo.

P.R. - Isso já no segundo governo?

A.A. - No segundo governo. O movimento foi em 38, não é?

P.R. - Em 38.

A.A. - Agora, depois ele foi deposto e voltou, voltou eleito já em...

P.R. - Ele voltou em 51.

A.A. - Em 51. Mas aí o almirante Guillobel era o ministro dele, e o Hasselmann foi anistiado etc., e voltou a fazer carreira na Marinha. E aí chegou a ocasião da promoção, o almirante Guillobel levou o decreto da promoção do Hasselmann por merecimento, que era um oficial de valor.

P.R. - E aquele outro que foi tenente também, Júlio Régis do Nascimento, como é...

A.A. - Júlio...

¹⁷ Em pesquisas no Almanaque da Marinha encontrou-se Arnold Hassmann Fairbairn.

P.R. - Júlio do Nascimento, que era um oficial de Marinha que estava comandando a guarda do palácio.

A.A. - Júlio Régis... Eram dois irmãos, eram engenheiros navais. Qual era o nome?

P.R. - Tem Nascimento no nome, não tem?

A.A. - De quem?

P.R. - Esse oficial que comandava a guarda de fuzileiros navais no palácio?

A.A. - Ah bom, esse era um tenente, se não me engano fuzileiro, creio que era fuzileiro naval.

P.R. - Era fuzileiro naval.

A.A. - Do corpo de fuzileiro naval, mas era oficial.

P.R. - Era oficial.

A.A. - Comandava a guarda.

P.R. - Comandava a guarda, e que estava também acumpliciado com os integralistas.¹⁸

A.A. - Estava, estava, pois aí que houve o movimento combinado com o Hasselmann, que levava a maior tropa para atacar o palácio Guanabara, aí que houve a insurreição de alguns soldados navais. Houve a insurreição dos soldados navais e saiu tiroteio no corpo da guarda. Quando se vai pelo palácio Guanabara, no campo ali perto daquela parte de pedra, tem uma construção que era o alojamento do pessoal que fazia a guarda do palácio. Ali que estourou a coisa. Os fuzileiros navais, eram cinco ou seis, eu não me lembro o nome deles agora, mas eu vejo sempre - porque eu vou muito ao cemitério vê-los lá. Eles se insurgiram e morreram em ação. aí surgiu o tiroteio, veio o alarma. Por isso a família presidencial não foi apanhada de surpresa. Porque aí veio o alarma, a guarda civil pessoal estava lá, se mobilizou, e a família do presidente... Começaram a fazer resistência. Fazer resistência, comunicaram ao Ministério de Guerra na época - não era do Exército -, e o general Dutra etc... E conseguiram manter a resistência, até que chegou a tropa do Exército, que entrou por um portãozinho que ligava o palácio Guanabara ao Fluminense Futebol Clube - passou por ali e guarneceu o palácio pelas costas do palácio e aí fez frente tropa que estava lá, atacando o palácio.

P.R. - E, na Marinha, como que o movimento se esvaziou na Marinha?

A.A. - O movimento se esvaziou porque parece que alguns oficiais... Porque houve um navio também que se revoltou, foi o Bahia.

P.R. - Cruzador?

A.A. - Cruzador Bahia, cruzador Bahia. Esses oficiais foram todos transferidos para reserva; se não todos, alguns - os integralistas que participaram do movimento etc. E outros oficiais que eram tidos como integralistas e que pelo inquérito haviam participado da ação de derrubada do

¹⁸ O comandante da guarda de fuzileiros navais do palácio Guanabara, responsável pelo plano de ataque, chamava-se Júlio Barbosa do Nascimento.

governo. Os oficiais todos foram transferidos para a reserva, e depois então, muitos anos depois, veio a anistia desses oficiais. Os que estavam em condições foram reconduzidos Marinha. Teófilo de Faria... Tinha um irmão desse Paulo Teles Bardy, Tito Ângelo Teles Bardy, que estava bordo do Bahia, era revolucionário etc. - diferente do modo de pensar do irmão. Mas a vida como tem coisas curiosas, não é? Dois irmãos, - um conservador e o outro influenciado pelo movimento integralista.

P.R. - Mas quem enfrentou os revoltosos na Marinha foi o almirante Castro e Silva, não é?

A.A. - Foi o Castro e Silva, que foi a bordo do Bahia. E ele, embora... a lancha não se aproximar, ele encostou a lancha e subiu a escada correndo. O oficial de serviço se atordoou, não teve coragem de impedir. Não teve coragem de impedir, ele prendeu e mandou formar a guarnição, quando o resto da oficialidade que estava, - muitos estariam presos, não é? - mas a oficialidade integralista não teve mais como fazer e o movimento foi debelado no nascedouro. Foi a perplexidade que causou aquele estado de coisas e o navio não se levantou.

V.A. - A que o senhor atribui esse grande número, ou razoável grande número de integralistas na Marinha?

A.A. - Eu atribuo pregação. A pregação integralista era essencialmente nacionalista, não é? E tinha um programa que geralmente foge... Porque o Plínio Salgado, ele apresentava um programa. Os nossos partidos, a gente nem sabe direito quais são os programas dos nossos partidos políticos, não é? De um modo geral não sabemos direito. Nós sabemos que o Partido Comunista tem um programa, mas o resto a gente não sabe direito, eles se confundem: tudo democrata, social, não sei o quê, social democrata, só se fala em socialismo e democracia. Mas que o programa de manutenção, de constituição? Não se tem o programa. A coisa parte mais dos homens, dos homens para o partido do que o partido para os homens. Não há essa idéia de entra para aquele partido porque aquele partido tem um programa assim. Não temos ainda. a impressão que eu tenho, eu digo o que eu sinto, pode ser que eu esteja completamente errado. Mas a gente não entra para um partido porque aquele programa tem mais atrativos. E nós temos então hoje, como está, essa pluralidade de partidos. Ser possível que haja tanta forma de salvar o Brasil, boa, que a gente no fim fique sem saber por qual partido vai optar? Mas o Partido Comunista a gente sabe qual é. Agora, o Partido Integralista, ele apresentava um programa de soerguimento nacional, de forma, de fazer isso, de fazer aquilo, alguma coisa. O Plínio Salgado tinha uma expressão no meio naval. Eu não fui influenciado por isso, mas outros eram. Ou porque acreditavam naquilo, ou porque achavam que a democracia era um regime irre recuperável no Brasil, uma forma qualquer. Eu não, eu sempre achei, eu sempre tive a formação mais palpável, porque eu achava que nós podemos resolver os nossos problemas dentro do regime democrático. A cúpula, seja monarquista, seja o que for, mas o governo tem que ser democrata, isso que eu acho. Mas outros elementos acharam que não dava, tinha que virar a mesa para conseguir fazer alguma coisa.

V.A. - E o golpe de 37? Como que o senhor viu o golpe de 37?

A.A. - Qual o ...

V.A. - Do Estado Novo.

A.A. - Do Estado Novo? Agora o caso, eu vou dizer que eu vi... Eu vi pelos jornais, como diria o nosso amigo - tinha um deputado mineiro muito engraçado, que perguntaram como que ele

tinha recebido a notícia da renúncia do Jânio Quadros. "Eu recebi pelo telefone."

P.R. - Era o José Bonifácio?

A.A. - Não, não, foi antes. Ora ele foi uma figura de muito... Foi ministro até do Juscelino, ministro da Fazenda.

P.R. - O Alkmin?

A.A. - Alkmin. O Alkmin que disse, perguntaram a ele como tinha recebido a renúncia do... Ele disse: "Eu recebi pelo telefone." [risos] Aliás, sobre o Alkmin há uma história muito engraçada. Os jornalistas entrevistando o Alkmin fazendo a pregação do consumo dos artigos nacionais, não é? - os elementos similares nacionais etc. Então diz o repórter: "Sua excelência tirou do bolso uma carteira de cigarros *Lucky Strike*; acendeu com um isqueiro *Dupont*, o cigarro; a gravata era *Cartier*; o terno era de tropical inglês." [riso] Fazia uma descrição do Alkmin completamente vestido com traje eminentemente internacional, e ele pregando o consumo do similar nacional. Ele tinha tiradas engraçadíssimas.

V.A. - Eu estou perguntando... porque o senhor falou que sempre foi mais democrático, não é? E o senhor foi ajudante-de-ordens do Getúlio, em pleno Estado Novo. Em 39, não é? E eu queria saber então como que o senhor recebeu a notícia do Estado Novo, do golpe do Estado Novo.

A.A. - Eu estava... Com surpresa, eu não sabia de nada, nada. Eu vi botarem uns telefones, - eu estava no Clube Naval -, estavam botando uns alto-falantes. Quando foi de repente então, ouvi uma fala que eu não me lembro qual foi, dizendo que tinha sido alterada a Constituição, tinha havido uma nova Constituição. Eu nem sabia qual era, depois que eu fui ver. E o que não tem remédio, remediado está, não é? Não podia fazer nada, tinha vindo aquela forma de governo, restava a esperança de chegar a uma forma mais liberal. E com a convivência com o presidente Vargas, de quem eu fui ajudante-de-ordens, e em quem eu tinha votado...

V.A. - Por que o senhor votou em Vargas?

A.A. - Votei em Vargas porque eu achava que ele tinha sido... Entre os dois candidatos, ele era o candidato que para mim reunia maiores elementos de alteração do regime que estava, que era um regime mais ou menos, digamos assim, de radicalismo, que era do Washington Luís. O Washington Luís era muito radical, e aquele negócio de café-com-leite - Minas-São Paulo, Minas-São Paulo, Minas-São Paulo -, era um negócio... O Brasil entrando pelo cano, dilacerando o café, todo o mundo plantando café e nós querendo valorizar o café, estimulando o plantio de café nos outros lugares. E hoje temos esse problema, como aconteceu com a borracha no Norte. E era aquela dupla, Minas-São Paulo: um dia de Minas, outro dia de São Paulo etc. E aquele voto de cabresto, tudo isso. Então tinha aquela Frente Liberal, eu achava que aquilo ia dar uma nova forma de exercício do poder sob a égide da democracia.

V.A. - E no entanto o senhor combateu em Santa Catarina os revolucionários?

A.A. - Combati os revolucionários em Santa Catarina, depois fui ser ajudante-de-ordens dele.

P.R. - Como que ocorreu o convite, a escolha do senhor, para ajudante-de-ordens do presidente Vargas?

A.A. - Sem eu saber; inesperadamente. Eu era chefe... Foi uma coisa muito curiosa: eu era chefe do departamento de máquinas do contratorpedeiro Piauí, e eu sempre gostei muito de mandar fazer e fazer também. E a vida, as atividades no departamento de máquinas são um pouco pesadas, e eu queria manter o meu navio, na parte de propulsão, num estado que eu considerasse mais perfeito possível; não o mais perfeito, o mais perfeito possível dentro das circunstâncias. E o navio tinha chegado de uma viagem e a primeira coisa que eu pedi ao comandante era que me desse os elementos para eu manter o estado de limpeza daquele material todo que tinha sido usado, a parte de caldeiras, parte de máquinas, deixar tudo em condições de o navio estar pronto para sair outra vez. Então eu prendi a minha guarnição... Quando o navio chegava, o licenciamento era até duas horas da tarde, eu prendia a minha guarnição, os meus comandados, até quatro horas, quatro e meia da tarde. Porque eu queria preparar o navio; também depois que o navio estava pronto eu falava com o comandante e dizia: "Agora vocês podem passear." Mas eu queria ter o navio pronto. A produção de vapor num navio se faz no que nós chamamos caldeiras; essas caldeiras são uns tubulões grandes, são três tubulões: um na parte de cima, como se fosse um vê invertido, e dois tubulões em baixo. Então eu tinha mandado os marinheiros para dentro dos tubulões para fazer a limpeza, porque a água deixa sal etc., deixa umas coisas impregnando e roubando o calor do aquecimento do feixe tubular da caldeira que corre ao redor, ao lado desses tubulões. E eu mandava a minha guarnição, os meus homens fazerem o serviço, mas eu ia lá para dentro para ver também, e eu botava um macacão, e estava lá dentro com eles e as lanternas acesas para eles verem aquilo lá direitinho, eu fiscalizando aquilo. E aí eu fui chamado por um telegrama do comandante, o comandante estava me chamando no convés, lá na popa do navio.

P.R. - O senhor era imediato do navio?

A.A. - Eu era, eu tinha... Fui ser imediato depois, eu fui ser imediato de outro navio. Eu era chefe do departamento de máquinas desse navio. Eu substituí interinamente várias vezes o imediato. Então eu saí! e fui saber o que o comandante queria. Então o comandante me disse que tinha vindo uma mensagem do gabinete do ministro dizendo que eu comparecesse com urgência ao gabinete do ministro. Ele me disse aquele negócio, [eu pensei]¹⁹ : "O ministro queria falar comigo no gabinete do ministro, que troço esse...?"

P.R. - O senhor era capitão-tenente?

A.A. - Era capitão-tenente. Bom, fui tomar banho, mudei a roupa, me aprontei, botei o uniforme branco que o uniforme... Na Marinha nós temos o uniforme do dia, que uniforme ou branco ou flanela, uniforme de lá quando faz frio. Botei o uniforme branco e me toquei lá para falar com o ministro, que era o almirante Guilhem. Cheguei lá, falei com o chefe-de-gabinete, entrei para ser recebido pelo almirante Guilhem e estava lá um ajudante-de-ordens do presidente Vargas, que era o Mário de Freitas Alves - tinha sido revolucionário do São Paulo, tinha sido exilado e ia deixar de servir, ia deixar de ser ajudante-de-ordens. Então o ministro da Marinha, almirante Guilhem disse: "O ajudante-de-ordens do presidente mandou o capitão-tenente Mário Alves para lhe convidar para ser ajudante-de-ordens." Eu esperava coisa muito diferente, não sabia o que era, não podia imaginar que com aquela circunspeção... um convite para ser ajudante-de-ordens de um homem em quem eu apenas tinha votado, tinha visto em fotografias etc.

V.A. - O senhor não tinha conhecido ele antes?

¹⁹ Acréscimo feito durante o processamento do texto.

A.A. - Conheci de fotografias, de ver.

V.A. - Mas nunca tinha estado com ele?

A.A. - Vi umas duas ou três vezes numas marchas de tenente. Uma vez fui ao palácio, palácio do Rio Negro porque houve uma reunião grande dos tenentes para prestar uma homenagem ao presidente, uma coisa qualquer. Então eu fiz parte, porque os meus amigos todos eram revolucionários, os meus colegas de Marinha. Então eu fui também guindado e fomos lá e lá então ele recebeu aquela tenentada toda, porque tinha o Clube 3 de Outubro.

P.R. - O 3 de Outubro, sei.

A.A. - A tenentada do Clube 3 de Outubro, eu não fazia parte do 3 de outubro, mas foi aquela tenentada toda. Fomos lá, houve uma solenidade muito grande, ele fez um discurso etc., aí eu vi pessoalmente. Teve cumprimento formal de [inaudível] e pronto, e vim me embora. Acho que foi a única vez que eu tenho idéia de tê-lo visto antes.

Aí então eu disse: "Eu acho o lugar muito honroso, mas eu desejaria pedir um tempo porque eu queria conversar com meu pai, e pedir a autorização dele." E pronto, ficou assim. "Então amanhã eu dou a resposta." aí cheguei e contei ao meu pai o que tinha havido, o meu pai me disse uma porção de coisas, inclusive disse, uma das recomendações que ele disse: "Olha, você vai ser ajudante-de-ordens, você tem que estar imbuído da seguinte situação: você dever ter vergonha de sobreviver a atentado a seu chefe, ajudante-de-ordens protege o chefe em qualquer circunstância. E, no mais, quando a gente assume tudo muito bonito. Você tem que se preocupar de como você vai deixar o lugar. Porque para assumir muito bonito, festas etc., agora ver a dignidade com que você vai deixar o lugar." E eu aceitei a missão de ser ajudante-de-ordens. Muitos anos depois eu vi um fato muito, muito triste, muito curioso, que me fez lembrar a recomendação do meu pai. Quando houve a revolução, foi o movimento de 30 mesmo, se não me engano... Não,... É, foi. Essa passagem foi verificada antes até de eu ser ajudante-de-ordens. O general Wanderley era comandante da Região...

P.R. - Lavenére Wanderley?

A.A. - Lavenére...

P.R. - Na Paraíba?

A.A. - Na Paraíba, não, em Recife.

P.R. - Em Recife, é.

A.A. - E nós havíamos estado lá a bordo do Minas, nós éramos tenentes e tínhamos sido recebidos lá. O navio levava até o ministro Pinto da Luz, e houve várias homenagens para o ministro do Exército e eu tive oportunidade de conhecer o general Wanderley e o ajudante-de-ordens dele, que era o Sílvio Silveira. E o Sílvio Silveira teve um entendimento muito grande conosco e nós fizemos muitas festas, muita coisa junto com ele. Mal eu havia de imaginar que tempos depois, no movimento de 30, o general Wanderley, descendo a escada lá da Região, o Sílvio Silveira foi baleado na frente, que era ajudante-de-ordens. Quando o meu pai me falou isso, eu me lembrei desse quadro, que o ajudante-de-ordens morreu com o general Lavenére Wanderley, que era pai desse que foi ministro da Aeronáutica e pai de um oficial de Marinha, o

Gilberto Lavenère Wanderley, que era o número um da turma abaixo da nossa, que acabou cursando Engenharia etc... porque ele não podia... As condições físicas dele, ele tinha um problema hepático etc., e ele não agüentava a vida marinheira. Então ele depois fez concurso para engenharia naval e fez-se engenheiro naval. E morreu cedo em decorrência desse problema que ele tinha de fígado. Mas foi uma flor de oficial, um oficial muito bom.

V.A. - Almirante, por que o doutor Getúlio o escolheu para ajudante-de-ordens?

A.A. - O doutor Getúlio escolheu por obra e graça do Espírito Santo. O Espírito Santo se chama Ernâni do Amaral Peixoto. Eu acho que foi ele quem...

P.R. - Fez a indicação.

A.A. - Quem fez a sugestão; porque era muito ligado a mim. Aliás o presidente Vargas tinha coisas interessantes. O meu pai tinha dito: "Veja como você vai sair." Quando eu fui promovido, que eu tinha que deixar a função de ajudante-de-ordens, ele chegou e me disse...

[FINAL DA FITA 11-B]

A.A. - Ele chegou e me disse assim: "O senhor veja um oficial para lhe substituir na ajudância de ordens." Ele me disse que eu escolhesse o substituto, o meu substituto. E eu escolhi o substituto que foi ser ajudante-de-ordens, se chama Artur Orlando Gusmão - eu até fui padrinho de casamento dele, até hoje sou muito ligado a ele. E escolhi e estou certo de que ele serviu muito bem ao presidente Vargas. E uma outra situação muito curiosa: eu ainda estava lá como capitão-de-coveta, e ele descia do almoço, ele descia pela rua Paissandu a pé, e o ajudante-de-ordens que entrava de serviço ao meio-dia, que no caso era eu, acompanhava, descia, pegava a pasta dele, levava. Quando chegamos para ele pegar o carro na escada embaixo no palácio Guanabara, ele me disse assim: "A Darci não cansa de me pedir para que tu te mantenas aqui como ajudante-de-ordens. Eu já disse a ela que isso vai prejudicar a sua carreira, mas disse a ela que vou lhe dar uma comissão que você escolha." E ele me disse assim: "Que tal se você fosse nomeado adido naval na Argentina?" Eu disse: "Presidente, a comissão desejada por tudo quanto oficial. Todos oficiais de um modo geral aspiram chegar a essa função de adido naval em qualquer nação etc., ; uma comissão altamente honrosa, eu ficarei altamente honrado com essa..." "Está muito bem." Então depois ele mandou fazer o decreto me nomeando. E tem uma outra passagem muito interessante com a dona Darci, que eu não sei se vale - vale a pena contar...?

V.A. - O senhor disse, há umas entrevistas atrás, que o dr. Getúlio o chamava de filósofo. Por quê?

A.A. - Não sei o que ele... Porque me achava... Eu acho... Depois eu vou lhe contar. Mas o fenômeno da dona Darci muito interessante. Uma ocasião, eu era ajudante-de-ordens, e o presidente ia receber em audiência o Nelson Rockefeller, e essas audiências assim mais complicadas, ele não recebia no palácio do Catete, ele recebia quando chegava no palácio Guanabara, onde ele tinha mais sossego para despachar, e recebia. E veio o Nelson Rockefeller. E o palácio do Catete estava com... A sala que o Nelson Rockefeller tinha que passar, tinha que abrir uma porta, tinha que passar por essa sala para chegar ao gabinete dele. Bom. Esta sala que ligava sala do ajudante-de-ordens tinha as portas de cristal, e eram protegidas com um negócio

de linho todo bordado, para não ser visível de um lado ao outro, mas aquilo estava com um aspecto heróico já, andrajoso, tudo caindo aos pedaços, tudo arreventado. Eu disse: "Vem o Nelson Rockefeller visitar o palácio da Presidência da República, vai passar, vai ver esse troço todo esmolambado aí." Eu chamei o contínuo e disse ao contínuo: "Pega um banco, tira esse..." - chamava [vire-brise]²⁰ - "Tira esse vire-brise daí..." Tinha uns envelopes grandes de despacho - "Bota isso tudo dentro desse envelope e me dá." Ele chegou timidamente, tirou tudo, eu mandando tirar... Tirou aquele negócio todo, botou no envelope e eu meti na gaveta do ajudante-de-ordens, que era uma mesa assim com três gavetas. E aí eu recebi! o Nelson Rockefeller e o conduzi lá para conversar com o presidente Vargas etc., depois vim embora e o tempo passou. Uns 15 dias ou 20 dias depois, eu estava de serviço, passa dona Darci - que ela tinha vindo da cidade, uma coisa dessas, subiu a escada - e passa pela sala do ajudante-de-ordens, que dava acesso também parte da família. Passa, eu me levantei para cumprimentá-la, ela virou-se para mim e disse assim: "Foste tu que mandaste tirar os vira-brises da janela?" Eu disse: "Fui eu, sim senhora, estão aqui na gaveta." Eu pensei que ela queria, estivesse reclamando, reclamando do negócio. Ela foi disse assim: "Meu filho, fizeste muito bem. O Getúlio não se emenda, ele corta todas as verbas do palácio, fica a gente passando essas vergonhas!" E era. Quando chegava o ministro da Fazenda, que era o Artur Sousa Costa, e tinha que fazer corte para reduzir o orçamento... "Vamos ver o palácio." aí cortava tudo o que era do palácio, tudo o que era elemento que ele achava, ia cortando, deixava o palácio míngua de qualquer coisa. Então as coisas ficavam nesse estado. Então ela veio me cumprimentar, dizer: "Meu filho, fizeste muito bem, o Getúlio deixa o palácio nesse estado." [risos] E ela era uma senhora que tratava os ajudantes-de-ordens como filhos, pelo menos eu me sentia... Ela não podia ser minha mãe, mas ela tratava com um carinho extraordinário. Os ajudante-de-ordens faziam as refeições com a família no palácio, o almoço, jantar, com a família, e ela às vezes sabia... Eu, por exemplo, eu era muito afeito a pegar resfriado, estava resfriado mas vinha fazer o serviço porque eram quatro ajudantes-de-ordens.

V.A. - Quatro?

A.A. - Quatro oficiais ajudantes-de-ordens, cada um fazia um quarto de 24 horas por dia ao lado do presidente da República, entendeu? Então, se eu faltasse, um outro tinha que ir fazer o serviço com um espaço de folga menor. Então eu ia assim mesmo, às vezes um pouco febril, mas ia fazer o serviço. E ela sabia, umas três vezes ela soube que eu estava gripado. Quando chegava a hora que o presidente se recolhia, onze horas, onze e tanto, eu ia para o quarto dos ajudantes-de-ordens porque os ajudante-de-ordens todos tinham quarto lá no palácio. E quando eu estava no quarto chegava o contínuo com uma bandeja com chá e um antigripal: "Dá licença, seu comandante? A excelentíssima dona Darci mandou trazer esse chá para o senhor tomar com esse comprimido. Para o senhor não deixar de tomar o comprimido." Era assim que ela me tratava. Para que eu não ficasse pior do resfriado, ela - que eu era apenas um ajudante-de-ordens - tinha preocupação com a saúde dos auxiliares do presidente.

Eu acho que a parte da filosofia, que me chamava de filósofo, eu acho que porque algumas vezes houve umas coisas curiosas. Uma ocasião eu estava jantando e estávamos conversando etc., e não sei o quê... "Ah, eu queria ter isso assim, assim." Cada um queria ter uma coisa extraordinária, uma coisa que não estivesse bem ao seu alcance. A Alzira queria isso, não sei quem, a Jandira queria aquilo, não sei quem queria aquilo. Por fim, perguntaram - não sei quem, se foi a Alzira: "E tu, o que que querias?" Eu disse: "Olha, eu queria ter uma cama enorme, bem grande, uma cama enorme, muito grande, em que, até para me encontrarem quando fossem me procurar, tivesse bem lá dentro da cama enroladinho. Isso que eu queria." Todo o mundo achou gozado aquela aspiração minha de ter uma cama enorme. O presidente

²⁰ Palavra sujeita confirmação.

riu, ele ria de qualquer coisa que a gente dissesse. Quando acabou o jantar, nos levantamos etc., ele chegou, virou-se para mim: "Por que essa idéia dessa cama assim?" Eu disse: "Presidente, eu passei a minha vida toda na Marinha, tenho passado, como aspirante, dormindo em maca. E em navio, dormindo em beliche, com os joelhos dobrados, para, o navio jogando eu não cair do beliche, e não tendo lugar para me virar. O senhor acha que eu podia querer uma coisa mais gostosa do que uma boa cama desse tipo?" Ele riu beça, então ele naturalmente achou que aquilo era altamente filosófico. E uma série de outras coisas. Outra vez ele estava bordo do Almirante Saldanha, que ia sair em viagem de circunavegação depois do almoço de despedida etc... Eu tenho até um retrato, um retrato que tiraram: eu, perto dele, falando com ele, ele com um charuto na mão e dando uma bruta gargalhada. Ele tinha mania de casar a gente, eu era solteiro. aí ele foi, virou-se para mim e disse assim: "Tu precisas te casar; por que que não te casas?" Eu fui e disse assim: "Presidente, eu prefiro ser um bom namorado que ser péssimo marido." [risos] Com isso vamos encerrar.

P.R. - Vamos sim.

A.A. - Mas então eu disse a ele: "Prefiro ser um bom..."

V.A. - Por isso ele deu aquela gargalhada?

A.A. - É, estava rindo da minha explicação. Realmente era uma explicação muito sadia, porque realmente ser um mau marido uma maldade, não é? Pegar uma moça, tirar uma moça fora de casa para ser um mau marido... Pelo menos, namorado eu acho que eu era bom.

7ª Entrevista: 30.04.1986

P.R. - Almirante, da vez passada o senhor contou a forma como o senhor foi convidado para assumir as funções de ajudante-de-ordens do presidente Vargas. E eu estive conversando com a Verena sobre esse assunto e nós verificamos que o convite que o senhor recebeu foi numa época assim muito significativa, porque foi num período em que era deflagrada a guerra na Europa.

A.A. - Antes da guerra...

P.R. - Um pouco antes, não é?

A.A. - Ah, bom, deflagrada a guerra não.

P.R. - Mas o ambiente belicoso já estava em desenvolvimento, não é?

A.A. - É, em convulsão geral.

P.R. - Exatamente. E evidentemente essas coisas refletiam no Brasil e muito mais particularmente dentro do palácio do Catete, na intimidade do presidente da República, de seus auxiliares. Então o que nós estávamos pensando, em iniciar a nossa pergunta - não foi Verena? - era qual a impressão que o senhor teve ao chegar ao palácio, o seu primeiro contato com o presidente, com os auxiliares do presidente, com os ministros do presidente, e a expectativa em que vivia o palácio naquela época, diante da possibilidade de uma deflagração imediata de

guerra, e de uma futura participação do Brasil, porque seria inevitável, não é?

A.A. - , a guerra já havia sido declarada, entrou em 43...

P.R. - Em 39.

A.A. - Em 39, a guerra foi em 38, se não me engano.

P.R. - Não, 39.

A.A. - Então, foi na época da guerra.

P.R. - É, foi no ano.

A.A. - Mas eu, como sensação, eu não tive grande sensação de surpresa daquilo, porque na nossa vida militar nós já estamos acostumados muito à convivência com esses escalões superiores, pela razão das manifestações, das festas, das festas cívicas etc., em que nós, pela posição de oficiais, temos muita ligação com as autoridades superiores. Estamos sempre acostumados a ver em formaturas, em funções que a gente exerce em muitas circunstâncias. A gente tem muita vista, a gente vê muito os ministros, enfim, os escalões superiores, de modo que eu não tive assim uma surpresa muito grande. Eu já sabia que os ministros não eram um bicho-papão, que eram criaturas perfeitamente acessíveis, tudo isso, porque nós mesmos na vida militar, em que a hierarquia é uma constante, uma lei praticamente, mesmo a gente tem acesso até aos oficiais-generais com a devida licença de se aproximar e de manifestar os seus pensamentos e tudo. De modo que eu não tive assim... O que me surpreendeu mais, no Catete, no palácio enfim, foi aquela acolhida, que era dada aos oficiais como eu, que era um simples ajudante-de-ordens, uma acolhida muito familiar. Nós nos sentíamos, eu, por exemplo, me sentia muito vontade, muito tranqüilo, a começar pelo presidente, que era uma criatura altamente acessível, muito conciliador em tudo, um espírito muito cordato. Tranqüilidade, reinava uma tranqüilidade naquele palácio desde o início, que não havia grandes agitações. Não se notava tumultos nem coisas desse tipo. Pelo menos na época em que eu fui ajudante-de-ordens - eu fui ajudante-de-ordens quatro anos, e cada vez a gente ficava mais dentro daquele sistema, não é? Era um sistema de muita cooperação, de muita participação, todos para uma situação comum, que era a solução dos problemas do chefe, que era o presidente da República. Mas todo o gabinete, quer civil, quer militar - aliás eram pequenos, eram constituídos por poucas pessoas -, eram todos muito solidários no sentido de proporcionar ao presidente da República as condições para ele, dentro do que dependia de nós, de ele poder administrar com tranqüilidade. Essa foi a sensação que eu tive, desde o começo etc., que eu comecei a tomar pé naquilo e no decorrer dos quatro anos em que eu estive lá.

P.R. - E o presidente, como ele era? Como eram os hábitos dele no tratamento com seus auxiliares?

A.A. - Com muita, muita delicadeza, com muita compreensão. Aliás não era só conosco, não; com todo o mundo que se dirigia a ele de um modo geral. Eu vou é lhe contar uma outra curiosidade muito interessante. Havia um diplomata, Teffé, era um corredor de...

P.R. - De automóvel.

A.A. - De automóvel. E ele, além de ser diplomata, se dedicava corrida de automóvel etc. E um

belo dia esse Teffé, que era segundo secretário - ou não sei qual era o escalão mais inferior da carreira diplomática na época que ele exercia -, ele cometeu um engano qualquer e foi um expediente para o presidente Vargas que não devia ter ido da forma que foi etc. E o Itamarati ficou em cólicas com aquela situação, e ele foi chamado e alguém, não sei quem, um ministro daqueles do Itamarati disse: "Não, o senhor fez essa confusão, vai ao palácio para resolver o assunto." E ele chegou lá, muito nervoso, muito tímido, eu era ajudante-de-ordens de serviço, ele me contou então o apuro em que ele estava. Eu disse: "Está bem, eu vou ver o que é." Ele me deu as indicações.

V.A. - Qual foi a confusão que ele aprontou?

A.A. - Eu não me lembro, era um expediente cujo assunto eu não me lembro qual era. Mas enfim, eu fui lá e procurei ver no meio daqueles assuntos que o presidente estava despachando etc., o tal papel que interessava ao caso. Então eu disse: "Presidente, está aqui um secretário muito nervoso, esperando isso assim, porque houve esse engano dele." Expliquei a coisa toda que tinha passado, e ele disse: "Ah, é? Então providencie isso aí." E disse: "Como o nome dele?" Eu disse...Não me lembro...

P.R. - Manuel de Teffé.

A.A. - Manuel de Teffé. "Manuel de Teffé." Ele disse: "É um que corre de automóvel, anda em corrida de automóvel?" Eu disse: "É, sim senhor." "Ah, então manda ele vir aqui que eu quero conversar com ele." Então eu mandei, disse a ele: "O assunto está resolvido, agora o presidente quer falar com você." Então ele foi lá, e então o presidente começou a conversar com ele, a saber, queria saber detalhes do preparo de um corredor de automóveis, o que que tinha que fazer para se especializar, para se dedicar a corridas de automóveis, qual era a infra-estrutura que um homem necessitava. Então ele estava explicando uma porção de coisas, eu me lembro que ele tinha, praticava remo, praticava corrida, fazia um preparo físico muito grande, para depois sentar no automóvel. Quer dizer, o corredor de automóvel não um simples camarada que se sinta num banco daqueles, pega o volante e faz as mudanças e quem corre mais, chega - independente da parte toda mecânica do carro etc., que ele chega a isso depois. Ele tem que estar preparado, tem que ter um preparo físico, como hoje a gente vê no jogador de futebol etc. O corredor de automóvel tem que ter uma disposição física e psicológica etc., muito grande para ele poder sentar num desses Fórmula 1, ou Fórmula 2 etc., para correr. O negócio muito sério. Na época, em escala menor evidentemente, mas havia um tratamento muito especializado disso. Então ele ficou lá um bocadinho de tempo conversando. E deve ter - quando voltou para o Itamarati, deviam ter imaginado que ele podia ter sido admoestado, qualquer coisa que o valha -, ele deve ter se vangloriado de ter batido um papo com o presidente da República. [risos] Mas ele era uma pessoa assim sempre muito tranqüilo, muito cordato, muito sereno, nunca vi o presidente irritado, não. E muito observador. Muito observador. Eu não sei, ele chegava... A convivência com o ajudante-de-ordens, por exemplo, ele... Um dia eu estava de serviço, e de manhã cedo, eram oito horas da manhã, chegou o substituto do ministro da Justiça, que era o Leitão da Cunha que depois foi ministro do presidente...

P.R. - Castelo Branco.

A.A. - Castelo Branco. Chegou - ele era diplomata, chegou a embaixador - Leitão da Cunha que queria falar com o presidente, oito horas da manhã, disse: "Eu queria falar com o presidente." E eu ainda estava me preparando para levantar porque eu fazia serviço de 24 horas. Então foram chamar no meu quarto etc., e eu vim atendê-lo. E aí subi, porque a parte de habitação da família

ficava no andar superior do Guanabara. E cheguei e disse a ele que estava lá o embaixador Leitão da Cunha, que tinha urgência para falar com ele etc. Ele ainda mexeu comigo, disse: "Acordou cedo, hein?" Porque ele sabia que eu não gostava de acordar cedo, e disse: "Manda entrar." Aí ele chegou, entrou e contou, enfim, a crise que tinha sido gerada, entre ele, que era ministro da Justiça no impedimento, e o chefe de Polícia que era o...

P.R. - Filinto Muller.

A.A. - Filinto Muller. Tinha havido uma conversa telefônica, e o Filinto Muller tinha destratado o Leitão da Cunha. No impedimento ou não, ele era o ministro da Justiça, mas com certas acomodações de política, ou disso ou daquilo, o fato que o presidente despachava muitas vezes diretamente com o chefe de polícia, que era o Filinto Muller, porque o Filinto Muller tinha sido revolucionário de 30, aquela coisa, tinha uma certa ascendência. De modo que aquela hierarquia... Porque a chefia de Polícia devia ser subordinada ao Ministério da Justiça na época. E o ministro da Justiça, que era o Leitão da Cunha, quis saber qualquer coisa a respeito da polícia com o Filinto Muller, e o Filinto Muller respondeu grosseiramente a ele, aliás de forma muito pesada.

P.R. - Só interrompendo um instante: não era uma coisa relacionada com uma passeata de estudantes?

A.A. - Não me lembro, o assunto eu não me lembro mesmo. Não sei o que foi, se foi passeata de estudantes, o que foi. E então a situação estava difícil, porque tinha havido um atrito sério entre o ministro da Justiça e o chefe de polícia. Ao meio-dia eu passei o serviço, o meu substituto assumiu lá e eu fui para casa almoçar e depois eu fui para o Clube Naval, como era habitual - nós, oficiais de Marinha, geralmente, de tarde etc., passávamos pelo Clube Naval, que é na avenida Rio Branco. Eu estava no Clube Naval, devia ser o quê? Umas três e meia, quatro horas, e chegou um daqueles *boys* do clube e me disse: "O telefone oficial do palácio Guanabara está chamando o senhor." Eu fui atender, o Clube tinha telefone oficial. Fui atender, era a Alzira que estava no telefone, e ela disse: "Aqui Alzira, meu filho." - ela me chamava de meu filho - "Escuta, pega um táxi, pegas um táxi e venhas aqui para o palácio, porque o patrão quer falar contigo." Eu disse: "Está bem." Desci, peguei um táxi e fui para o palácio Guanabara. Cheguei no palácio, fui lá para o gabinete dele, onde ele estava, e estava a Alzira. A! ele chegou, virou-se para mim e disse assim: "Eu mandei lhe chamar porque tu és o meu ajudante-de-ordens mais discreto." [riso] Por que ele achava que eu era o mais discreto, eu não sei, eu posso contar essas coisas porque são passados 20 anos, mais de 20 anos de todas essas coisas, mas ele disse: "Mandei chamar porque tu és o meu ajudante-de-ordens mais discreto. Eu quero que pegues um avião, vás a São Paulo procurar o ministro da Justiça - que era o Francisco de Campos - "e diga a ele que está uma situação difícil aqui e que eu preciso da presença dele com urgência, para reassumir o Ministério." Eu peguei, saí, fui ver a questão da passagem de avião, peguei o avião, fui lá a São Paulo, fui falar com o ministro da Justiça e só consegui falar com ele noitinha, sete horas, sete e meia, e contei a situação a ele, que o presidente precisava da presença dele etc. Porque o presidente tinha dito: "Porque eu não quero desarticular a constituição do meu gabinete." Porque eu imagino que ele achava que, vindo o ministro e assumindo, o Leitão da Cunha passava a ser somente o chefe de gabinete do ministro da Justiça. Então o problema ficava entre o chefe de polícia e o chefe do gabinete do Ministério da Justiça, mas a parte já do primeiro escalão da crise com o ministro deixava de existir, porque ele era um espírito altamente conciliador. Então ele disse: "porque eu não quero mudar nada." E então eu contei ao ministro Francisco Campos a situação, e quando me despedi disse: "Eu posso informar a que horas o senhor pretende voltar para o Rio?" Ele não disse nada: "Não, depois eu

vejo isso." Eu peguei o avião no dia seguinte, porque não havia essa ponte-aérea. No dia seguinte de manhã peguei o avião de São Paulo para cá - aliás estava um frio, e tinha até neve, uma espécie de granizo tinha caído no campo etc. Cheguei e disse ao presidente o que tinha passado e disse: "Eu transmiti..."

[FINAL DA FITA 12-A]

A.A. - "Eu transmiti a sua mensagem ao ministro da Justiça, mas eu acho que ele não vem, porque eu insinuei para saber a provável chegada dele no Rio, e ele desconversou etc." E não veio mesmo. Não veio e então o resultado disso foi o seguinte: foi que caiu o ministro da Justiça, foi exonerado o ministro da Justiça, foi exonerado o Filinto Muller, o chefe do gabinete saiu também, o Lourival Fontes, que era do DIP, não sei quem que foi mais... Vendo a história sujeitos que saíram mais ou menos na mesma época. Saiu o Lourival Fontes, e ele nomeou parece que o Amílcar Menezes... Um capitão do Exército, não me lembro...

P.R. - Para o DIP?

A.A. - Para o DIP. Eu não me lembro qual foi.²¹ Mas saiu o Lourival Fontes. Quer dizer, houve um desequilíbrio grande daquele gabinete etc. Mas assim foi, o negócio foi feito carta de jogar que vai caindo assim... Caíram três ou quatro, em decorrência desse atrito com o chefe de Polícia. Quem assumiu, parece, a chefia de Polícia foi o general Etchegoyen, creio que foi o Etchegoyen que substituiu o Filinto Muller. Mas isso estava contando para ver como ele achava que era o mais discreto - por quê, eu não sei. Me chamava de filósofo: "O, filósofo, como vai, está bem?" Eu não tenho assim uma idéia de por que ele chegava a essa conclusão, só pelas conversas que eu tinha, às vezes as respostas que eu dava etc.

P.R. - O senhor atribui essa desconversa do Francisco Campos a quê? J havia uma incompatibilidade?

A.A. - Eu creio que devia haver. Porque não tinha, eu não senti a explicação para um ministro da Justiça estar em São Paulo, e estar o chefe de gabinete respondendo pelo Ministério. Ele não estava doente, não tinha obrigações de maior importância do que as do cargo de ministro. Tenho a impressão que já tinha havido..., o ministro da Justiça já não estava sincronizado com o funcionamento do gabinete.

P.R. - Eu tenho a impressão de que isso já foi... Bom, certamente foi agosto de 1942, na época de declaração de guerra, e o motivo disto eu tenho a impressão que foi uma passeata de estudantes.

A.A. - De estudantes, uma passeata?

P.R. - É , que o Filinto Muller queria proibir, e o Vasco Leitão da Cunha queria garantir. Quanto a isso o senhor não está lembrado?

²¹ Lourival Fontes foi demitido do cargo em julho de 1942, sendo substituído pelo major Antônio José Coelho dos Reis. Amílcar Dutra de Menezes sucedeu a este último em abril de 1943.

A.A. - Não, não estou lembrando. Eu não me lembro da relação mesmo, da relação de datas dessa saída do ministro da Justiça para a declaração de guerra do Brasil. A declaração de guerra do Brasil foi...

P.R.- Às potências do Eixo.

A.A. - Foi em agosto.

P.R. - Agosto.

A.A. - Foi em agosto, mas não me lembro se foram próximas, porque havia uma coisa muito curiosa, havia uma... A opinião pública de um modo geral era pré-aliados, era toda ela formada no sentido, digamos, de um manifesto apoio às forças aliadas que estavam combatendo. E o governo se mantinha numa neutralidade, que não era, digamos assim, do gosto da opinião pública, mas o presidente, o governo tinha suas razões para não se meter numa aventura daquelas como se fosse jogo de futebol. E eu me lembro de uma ocasião... E havia uns certos, umas certas defasagens entre os Estados Unidos, o governo americano e o brasileiro, que era dirigido por ele. E uma daquelas saídas do palácio, que ele ia pela Paissandu, ele chegou e virou-se para mim e desabafou:

"Não sei o quê, porque estão querendo que o Brasil entre na guerra, que a gente entre na guerra, do lado dos Estados Unidos..." E fez um relato do que ele sentia na opinião nacional.

V.A. - O dr. Getúlio?

A.A. - É , contando a mim, ajudante-de-ordens, então ele disse: "Eles não entendem, a gente, entre nações, como a situação atual, a gente namora os Estados Unidos, mas não casa com eles. [risos] Me lembro perfeitamente disso: ele achava que se o Brasil fosse cegamente ao lado dos Estados Unidos, nós íamos perder a capacidade de uma série de reivindicações etc. Não entrar assim gratuitamente num conflito... Então ele achava que o Brasil devia continuar namorando os Estados Unidos, mas não casar.

P.R. - Agora, o pessoal mais íntimo do Getúlio, no segundo governo...

Por exemplo, nós temos aqui uma entrevista do Cleanto Paiva Leite, que foi da Assessoria Econômica...

A.A. - No segundo governo?

P.R. - Já no segundo governo.

A.A. - Bom, aí eu já não estava mais.

P.R. - Eu sei. Mas ele conta como sendo um dos hábitos do Getúlio, assim no final de tarde, ele sentava numa varanda para tomar o whisky dele assim, fazer um *relax*, uma coisa qualquer. Eu não sei se no período também do primeiro governo ele tinha esse hábito. Se tinha, então eu queria saber o seguinte: se ele chamava os ajudantes-de-ordens, ou os auxiliares mais íntimos para conversar, para uma conversa mais descontraída.

A.A. - Não, ele não tinha esse hábito, não. Eu vou dizer a rotina dele: ele acordava, isso diariamente - a não ser domingo, que ele saía para jogar golfe -, mas todos os dias ele acordava,

tomava chimarrão, lia os jornais, largava os jornais no chão do escritório dele, folheava os jornais todos, tomava chimarrão de pijama ainda etc. Depois se preparava para almoçar, fazia o seu tratamento, a toalete etc., e nós víamos o presidente na hora do almoço. A! já ele saía, ia a p pela rua Paissandu, andava a rua Paissandu quase toda e pegava o carro na avenida Beiramar para ir para o Catete. No Catete, ele chegava, era recebido, e começava os despachos - porque já tinha fila de audiência e os ministros com os quais ele tinha que despachar. Ficava lá até cinco horas, cinco e meia. Terminado aquilo, ele apertava o botão e chamava o ajudante-de-ordens e dizia que ele ia se retirar. Então ele descia, pegava o carro que já estava pronto, descia com o ajudante-de-ordens com a pastazinha dele etc., e o expediente volumoso que vinha já ia também embarcado atrás do carro. Quando chegava no palácio Guanabara nós subíamos a escada - que o palácio Guanabara tem dois pavilhões -, entrava pelo pavilhão do palácio Guanabara dando... Quem olha para a rua Pinheiro Machado, do lado direito, aquele pavilhão tem uma escadaria que dava então para a entrada mais ou menos de acesso a ele etc., que a família entrava por trás, pelo jardim de inverno. Subia, e ele quase que diretamente ia para o gabinete que ele tinha do outro pavilhão, um lugar também fresquinho, semelhante a esse que tinha acesso - porque tinha duas escadarias, uma de um lado... E ali tinha uma mesa etc., e aquele expediente todo ia para aquela mesa. E ele aí despachava, começava a despachar com os oficiais-de-gabinete aqueles expedientes que ele tinha recebido do palácio do Catete. Depois, terminada aquela coisa, vinha uma fase de descanso, aí depois vinha o jantar. Jantava; se tinha uma sessão de cinema, ele praticamente assistia sessão de cinema, e depois voltava para o gabinete e ainda despachava uma porção de coisas etc. E depois, onze horas, onze e tanto, ele ia deitar. Isso ele fazia religiosamente todos os dias, a não ser sábados, que então ele pegava o carro e ia fazer visitas a vários lugares, coisa do Rio de Janeiro que tinha para ver de obras etc., ou com o prefeito, com uma outra autoridade qualquer, saía para isso. E no domingo, ele saía de manhã, pegava o carro, ia para o Itanhangá, para um clube daqueles de golfe, com uma turma de conhecidos dele etc. Iam para lá, ele ia com aquela roupa de esporte, e passava o dia ali até de tarde, até ele almoçava lá, e voltava de tarde. A! então ele se recolhia lá ao gabinete dele, o ajudante-de-ordens tinha pouca ação etc., ele ficava com a família, e noite, então - essa era clássica -, era uma sessão de cinema no jardim de inverno. E aí ele com a família e uma porção de conhecidos, de convidados etc., assistia sessão de cinema. E quando acabava a sessão de cinema, eram onze horas, meia-noite etc., o ajudante-de-ordens acompanhava ele lá para dentro, ele se recolhia aos aposentos e ia dormir. Mas ele não tinha assim reunião com os oficiais de gabinete, não tinha esse hábito. E era despachando o dia todo. Uma ocasião até eu achei interessante, tinha esse... Como que se chama, o Instituto do Petróleo...

P.R. - Conselho Nacional do Petróleo.

A.A. - Conselho Nacional do Petróleo, e era um general que despachava com ele.

P.R. - Horta Barbosa?

A.A. - Horta Barbosa. E uma ocasião ele chegou lá para despachar com o presidente, não no palácio do Catete, dentro do Guanabara, e, quando ele saiu de despachar lá com ele, eram sete horas da noite, sete e tanto. Ele saiu e então eu fui levá-lo até embaixo ao carro, que ele ia tomar para levar, e ele disse assim: "Mas como o presidente trabalha, hein?" Foi a expressão dele. [risos] Que ele sabia que tinha havido aquela rotina etc., e ele estava admirado. Isso ele fazia todas as semanas. Só mudava o regime quando ia para o Rio Negro no verão. Havia o seguinte às vezes: quando fazia calor no Rio, ele, então, o que fazia? - época em que ele ainda não tinha ido para Petrópolis. O palácio Guanabara tinha uma subida e tinha um mirante lá no fundo do palácio. Então lá tinha um pavilhão pequeno, onde o expediente era levado e ele

despachava lá durante a tarde para aproveitar a fresca da tarde; quando ele mudava, em vez de despachar dentro, ele ia lá para cima. Depois, quando estava na hora de ele ir embora, descia para o carro, pegava e descia. Mas isso era...foram praticamente os quatro anos assim. A não ser a época em que ele foi acidentado, que aí ele ficou meses, meses com a perna esticada.

P.R. - E quando ele ia para o palácio Rio Negro em Petrópolis, por exemplo, os ajudantes-de-ordens iam junto?

A.A. - Os ajudantes-de-ordens iam e se substituíam de três em três dias.

P.R. - Em Petrópolis?

A.A. - Em Petrópolis. Quem quisesse ficava lá, quem não queria, vinha e voltava, e no dia de entrar de serviço pegava o trem - porque tinha estrada de ferro na época. O carro oficial pegava a gente em casa, levava para o trem, e lá na estação do trem, na cidade, então, o carro oficial me pegava, levava para o palácio.

P.R. - Quer dizer, em Petrópolis, também, a rotina não mudava, era a mesma?

A.A. - A rotina não mudava, era aquela mesma coisa, só que tem que ele fazia o seguinte; quando ele acabava de almoçar ele saía para passear em Petrópolis. A! ele andava por aquelas ruas todas, acompanhado do ajudante-de-ordens, havia aquelas crianças, vinham, paravam para conversar com ele, ele gostava muito de conversar com as crianças, perguntar coisas às crianças etc. E ia andando. As vezes uma pessoa parava, e queria falar com ele, pedir uma coisa qualquer, ele dizia: "Fala aqui com o meu ajudante-de-ordens." Então era para entregar uma carta, o ajudante-de-ordens pegava aquele negócio todo e depois explicava a ele. Houve até uma passagem muito curiosa que vale a pena relatar para ver as circunstâncias às vezes de um funcionário mais humilde, pressionado por um chefe de serviço. Uma ocasião eu saía com ele, e quando chega... Nós saímos na porta do palácio, e uma moça muito aflita quis falar com ele. Dirigiu-se para ele e disse: "presidente, eu queria falar com o senhor." Ele disse: "Fala aqui com o meu ajudante-de-ordens." Era eu que estava de serviço. Então ele foi andando, ela foi a meu lado e eu disse: "A senhora faz o seguinte: eu vou acompanhar o presidente, estou acompanhando o presidente, a senhora diria que tem ordem minha de me esperar lá no recinto dos ajudantes-de-ordens, que eu vou lhe atender e saber o que está se passando." Continuamos o passeio etc. Quando voltamos a tal moça estava lá, então fui saber o que ela queria falar com o presidente, Ela me disse: "Eu estou desesperada, eu estou servindo numa repartição e eu sou... Eu tenho direito de ser honesta, e o chefe da seção..." - era no Ministério da Fazenda - "o chefe de seção não me deixa. Fica de perseguição em cima de mim e reivindicando coisas que eu não quero proceder etc." Me contou toda a história em detalhes dos apuros dela. "Eu só quero que me tirem dessa seção, que eu não consigo sair, quero ir para outra chefia." Eu fui, preparei uma explicaçãozinha do caso dela e contei a ele: "Dá-se isso, presidente, esta moça está sendo assim perseguida pelo chefe da seção." Ele tomava, pegava aqueles papéis e fazia uma coletânea que a gente entregava a ele. Então, quando era dia de despacho com o ministro da pasta, ele protegia aqueles papéis. Então o despacho do ministro da Fazenda, que era o Artur Sousa Costa... Então ele levou o negócio e eu soube que a moça foi transferida de seção. Mas vê o desespero: a moça veio do Rio, foi para Petrópolis para esperar o presidente, sabia que ele saía - era uma vantagem que existia do presidente ter acesso população. Porque aqueles passeios, muita gente, vamos dizer, podia ter acesso direto ao presidente da República e os ajudantes-de-ordens então tomavam por termos aquelas declarações etc. E isto na segunda vez em que ele foi presidente, a situação mudou muito. A situação mudou muito, o presidente ficou muito coberto

de proteção, porque havia uma... "Isso vai aborrecer o presidente." O presidente dizia: "A gente está na chuva pra se molhar." O presidente queria, queria ter uma certa permeabilidade junto população, mas no segundo governo dele ele não teve. E eu vou lhe contar uma passagem muito curiosa, eu não sei se eu já disse aqui. Antes de ele deixar o governo, um ano antes talvez, eu estava apreensivo com a situação difícil que eu estava sentindo de ataques ao governo etc. E o Ernâni Amaral era governador, governador do...

P.R. - Estado do Rio.

A.A. - Estado do Rio. E no palácio do Catete, no palácio presidencial eu já ia, porque eu era chefe do gabinete - era subchefe, depois fui chefe do gabinete. E eu mandei fornecer a lancha e fui lá a Niterói

falar com a Alzira. E cheguei para a Alzira e disse: "Alzira, eu vim falar contigo porque eu estou vendo a situação muito tensa, muito difícil para o governo." E ainda disse a ela: "Vocês estão no camarote, mas eu estou na gafeira, eu estou vendo a situação como que está. O presidente atacado por todos os lados, atacado no Congresso, ninguém defende o presidente, ninguém toma uma providência. Todos, todos todos. Só se vê ataque pessoa do presidente e não aparece nenhuma coisa para desfazer as críticas que estão sendo feitas etc." E a Alzira foi e virou-se para mim, e disse assim: "Tu vêes que eu estou aqui, eu não posso abandonar o meu marido, eu tenho os meus problemas aqui no palácio do estado do Rio. Agora, tu pensas que o palácio do Catete aquele do nosso tempo?" Quer dizer, era o tempo em que havia...

V.A. - O senhor já contou.

A.A. - Hein?

V.A. - O senhor já se referiu a esse episódio.

A.A. - Descrevi? Ela me disse isso. Aí, dias depois, o Sarmanho me telefonou, eu relatei tudo isso, eu disse: "Mas não feito isso, quem que tem que fazer?" Ele disse: "o Lourival." Mas o Lourival não faz, Sarmanho! Quem tem que fazer isso no Congresso?" "Ah, o ..."

P.R. - Capanema.

A.A. - "o Capanema." "Mas o Capanema não faz. o líder da maioria, tinha que defender o presidente, não faz!" E por aí foi. E a coisa foi se intensificando etc., até que chegou a essa situação de ele ter que deixar o governo e se matar. Quando eu fui nomeado adido naval na Espanha eu fui me despedir dele. Isso foi um mês antes, ou dois meses antes de ele falecer. E eu cheguei para me despedir dele etc. e ele disse: "E então, está satisfeito?" Eu digo: "Eu vou, mas eu vou muito apreensivo, presidente. Eu estou muito preocupado com esta situação." Ele disse: "Ah não, não tem com que se preocupar!" E cheguei na Espanha, um mês depois veio aquela crise e ele acabou tendo que se matar. Eu também não via outra situação, não via outra saída. Na situação dele, um homem como ele foi etc., não podia ter uma saída melancólica.

P.R. - Exato. Agora, o senhor se referiu a esses passeios que ele fazia depois do almoço, tanto aqui no Rio, quanto em Petrópolis. Nesses passeios que ele dava assim, com um certo acesso população, ao público...

A.A. - Ele atendia a quem vinha para falar com ele, atendia e às vezes - dependia da forma da pessoa etc -, ele às vezes conversava. E tinha pessoas que vinham, que já o conheciam e

conversavam, iam acompanhando ele e conversando. Agora, casos de certas reivindicações etc., ele passava para o ajudante-de-ordens. O ajudante-de-ordens então entregava a ele as reivindicações, as queixas, lá o que fosse.

P.R. - Não havia esquema de segurança?

A.A. - Havia sistema de segurança, contra o qual ele se insurgia, mas às vezes ele via, dizia: "Manda tirar essa gente daqui." E a segurança então ficava bem afastada etc. Mas a segurança sempre acompanhava ele; distância, mas acompanhava. Ele reclamava etc., mas o pessoal, lá o serviço do chefe de gabinete não dispensava a segurança, não. E eu acho que não podia dispensar. Não era uma situação como a de hoje, desse extremismo etc., mas de qualquer jeito a pessoa do presidente da República um tanto vulnerável, embora tivesse o ajudante-de-ordens ao lado dele. Mas a gente não sabia qual era o tipo de agressão que podia haver, se podia ser coletiva, ou coisa que o valha.

P.R. - O senhor, quando saía com ele nessas ocasiões, ficava apreensivo com alguma coisa?

A.A. - Eu não, não estava apreensivo, mas eu tinha obrigação de estar com atenção. Eu não estava apreensivo, mas as coisas essas coisas são sempre de surpresa, de modo que eu estava sempre preparado para reagir e para ficar na frente.

P.R. - Quer dizer, havia sempre uma certa preocupação?

A.A. - Ah é, sempre fica... E estava armando sempre, eu tinha a minha arma aqui do lado esquerdo - porque eu sou canhoto -, tinha com o coldre aberto para não pensar duas vezes. Agora, preparado para ficar na frente, não é? Que o ajudante-de-ordens acho que para isso; para defender o seu chefe.

P.R. - Agora, ele não se preocupava?

A.A. - Não, ele ia tranqüilo.

P.R. - Nem nunca tocou nesse tipo de assunto com o senhor?

A.A. - De agressividade a ele? Não.

P.R. - Nessa época o chefe da Casa Militar era Francisco José Pinto, não é?

A.A. - Francisco José Pinto. Foi um tempo, depois ele faleceu e então ficou interinamente o subchefe, que era o comandante Otávio de Medeiros. E eu, que era o ajudante-de-ordens mais antigo, fiquei como subchefe interino durante uns três meses, ou quatro. Só depois de uns três ou quatro meses que ele então resolveu me chamar para pedir o comparecimento do general...

P.R. - General Firmo Freire.

A.A. - General Firmo Freire. O general Firmo Freire veio, então ele foi conversar com o general Firmo no jardim lá no palácio, lá no fundo. Lá conversou e depois, daí já, o general Firmo Freire aceitou a chefia do gabinete e passamos a servir sob as ordens do general Firmo Freire. Ambos eram ótimas pessoas: eu gostava muito do general Pinto e o general Firmo Freire, também me dei muito bem com ele.

P.R. - Mas havia alguma diferença assim do ponto de vista de chefia, entre um e outro?

A.A. - Como?

P.R. - Assim, por exemplo, cada um tem a sua prática pessoal de exercer o...

A.A. - Ah, bom, havia uma diferença: o general Pinto era um homem doente, e não tinha tanta presença como o general Firmo Freire, que era mais presente. O general Pinto era um homem cardíaco, teve várias crises etc., e praticamente, em certas situações, quase que se arrastava no exercício da função. Um espírito de sacrifício muito grande, mas acho que profundamente condenável, porque eu acho que ele não tinha, não devia continuar, devia pedir transferência para a reserva etc. Mas não sei o grau de vaidade, de ambição que a pessoa tem, de apego ao cargo, isso muito humano, que levava o general Pinto a suportar aquela situação. Se nós estivéssemos no regime, digamos assim, de seriedade militar como têm os Estados Unidos, ele não estaria, não poderia exercer mais a função de chefia do Gabinete Militar. Porque o rigor nos Estados Unidos muito grande na inspeção de saúde dos oficiais generais. Eu sei porque eu participei... Não sei se eu já contei aqui, eu fiz exame de saúde...

P.R. - É, o senhor falou.

A.A. - Nos Estados Unidos, anual e rigorosíssimo. Rigorosíssimo. O oficial que não está em condições 100%, ou temporariamente eles afastam, ou então ele transferido para a inatividade. E o caso do general Pinto era um caso desses de preservação da vida dele, a possibilidade maior que ele teria era de entrar em descanso completo etc. Porque ele era altamente cardíaco. Ele havia tido até parece que um derrame.

P.R. - E quanto aos ministros que freqüentavam o palácio? Por exemplo, aquele problema de guerra: a guerra devia gerar discussões.

A.A. - Ah, a guerra?

P.R. - É.

A.A. - O problema da guerra, o maior entusiasta pelos aliados era o dr. Osvaldo Aranha.

P.R. - uma pessoa que eu conheci muito e convivi com ele, já fiz entrevistas com ele, então uma pessoa que eu admiro muito. Então eu queria que o senhor falasse um pouco sobre ele.

A.A. - Ah, era uma grande figura! Uma grande figura, um democrata completo, uma figura doce mesmo. Um homem de uma sensibilidade espantosa, era altamente inteligente...

P.R. - Extrovertido?

A.A. - Ilustrado, extrovertido. De modo que a convivência era muito grande. Eu me lembro até de uma ocasião em que ele apostou, não me recordo com quem foi, durante a guerra, noite, lá nas antessalas dos ajudantes-de-ordens - que depois tinha acesso ao presidente. Naquelas conversas, uma ocasião ele apostou, eu creio que estava lá... Não me recordo quem era que estava lá com ele. Então o dr. Osvaldo era completamente favorável aos aliados, e otimista em relação à vitória dos aliados. E quando começou a haver o bombardeio de Londres, não sei o

quê, então este alguém que eu não me lembro agora quem era, achava que a família real ia sair de Londres. E o dr. Osvaldo dizia: "Não deixa! A família real não abandona Londres!" Ah, abandona..." Então apostaram uma gravata; apostaram uma gravata, e o dr. Osvaldo ganhou a gravata, porque a família real não deixou Londres, suportou o bombardeio seguido daquelas bombas voadoras, aquele troço todo e não saiu, não abandonou.

P.R. - E o Dutra mais o Gois, almirante..?

A.A. - Completamente diferente, não é? Completamente diferentes O Dutra, secarrão...

[FINAL DA FITA 12-B]

A.A. - O Dutra, secarrão, de pouca conversa, completamente enquadrado etc. Agora, o general Gois, não; o general Gois gostava de conversar sempre que vinha, muito acessível etc. O general Dutra, não; muito boa pessoa, não era um homem de diálogo, assim, com pessoas com que ele não tivesse uma certa intimidade.

P.R. - Mas ambos eram mais ou menos simpáticos às potências do Eixo, não eram?

A.A. - Em correspondência com o Eixo? Eu não sei...

P.R. - Não, a simpatia pelo regime nazista e fascista; o Gois e o Dutra? Pelo menos...

A.A. - Eu não tive oportunidade - o senhor está me chamando atenção -, eu não posso dizer assim que o general Gois visse com mais simpatia o... Como que se chama? O movimento nazista, ou o movimento democrata, não tenho idéia assim, não.

P.R. - Talvez a questão não fosse propriamente ideológica, talvez fosse aquela admiração pela eficiência da máquina militar alemã.

A.A. - Ah, bom, isso... Essa admiração normal. Eu acredito que a admiração pelo feitio militar prussiano realmente... A gente se admirava daquele vigor, daquela ênfase que eles deram, não é? Mesmo que a gente tivesse simpatia pelo lado americano e britânico, que aliás, era o ponto de vista todo da coletividade brasileira, não é?

P.R. - Era, sem dúvida.

A.A. - Mas eu não sei assim... O general Dutra pouco falava, mas parece que ele foi um dos que propiciaram mais a formação da Força Expedicionária. E ele era muito decidido nisso. E o general Gois era um tipo assim muito explosivo, ele era... Ele via as coisas sob um horizonte muito grande, muito acima, porque ele era de uma cultura geral - ele era enciclopédico - uma cultura geral muito grande. E ele estrategicamente... Os conhecimentos estratégicos, enfim, todos os princípios de guerra, ele conhecia muito bem, porque ele era um general preparadíssimo. Mas eu achava curioso, porque eu me lembro... Ele havia sido chefe do Estado-Maior do Exército. Bom, ele tinha todas as condições para fazer um Estado-Maior decente, não é? Porque cabeça não lhe faltava. Ele sai do Estado-Maior e mete o pau no Estado-Maior, diz que o Estado-Maior do Exército não prestava. [riso] "Mas esse homem foi chefe do Estado-Maior, serviu no Estado-Maior, tinha força para imitar até um Bismarck etc., organizar um

Estado-Maior perfeito etc., nos moldes mais admiráveis... Porque até os americanos admiram o princípio do estado-maior, formação do estado-maior prussiano. Mas ele sai do Estado-Maior e vem criticar o Estado-Maior do Exército?"

P.R. - Não teria sido do Gois que o Osvaldo Aranha ganhou a gravata, não?

A.A. - Não, não foi, não foi militar, não, foi um civil. Não me recordo que era, mas não era nem o general Gois nem o general Dutra. O general Dutra não era homem de fazer apostas! Talvez... Havia, parece, eu tenho idéia de que não havia um entendimento perfeito do dr. Osvaldo com o general Dutra, parece que eles tinham certos atritos. Idéia assim que eu tenho, eu não posso dizer exatamente, mas não remavam - como diz em linguagem de marinheiro -, não remavam muito certo. Parece que havia esse... Eles não sincronizavam muito bem, não, isso eu acredito que houvesse. Agora, o general Gois era... Eu servia de adido naval na Argentina e no Uruguai, eu passava dois meses na Argentina e um mês no Uruguai, e o general Gois tinha sido mandado para lá para estagiar lá, resolver uns problemas lá no Uruguai, não me lembro qual era a função dele, uma função militar. Mas então o general Góis, que era um homem que gostava de desabafar... Nós nos hospedávamos no mesmo hotel, ele estava hospedado permanente no hotel que era o [Nogarô]²², e eu, quando chegava, me hospedava no Nogarô. Esse hotel hoje um hotel já pequeno, já sem valor nenhum, mas na época era um dos grandes, dos bons hotéis de Montevideú. E ele estava hospedado no Nogarô, então me pegava para conversar. Porque eu era um brasileiro e ele podia conversar como ele quisesse etc., sem cometer indiscrições e sem se comprometer. Então gostava muito de conversar comigo, sobretudo a situação do Brasil, tudo isso, ele gostava muito de se abrir, porque ele estava só - a dona Conceição, que a digna esposa dele, não o acompanhou porque queria ficar com os netos, com aqueles problemas de família, e ele veio só, ficou lá só o tempo todo que permaneceu na comissão. Parece até que quando ele veio... Eu creio que essa expressão ele aplicou quando chegou do Uruguai, que disse que vinha acabar com o Estado Novo.

P.R. - Foi.

A.A. - Foi quando ele veio do Uruguai.

P.R. - Mas ali ele conversava e tal, e...

A.A. - Conversava sobre a situação do Brasil, sobre todos os aspectos da nossa situação, sem... sem enfatizar assim coisas que me venham mente atualmente.

P.R. - Em torno de um copo de uísque?

A.A. - Não, não, não bebia, não.

P.R. - Não?

A.A. - Esse negócio de dizer que ele bebe me faz lembrar uma história muito interessante, muito gozada. Diziam que quando ele era senador, então... Não sei, um repórter desses dizia que a horas tantas, chegava um cidadão com uma taça de chá. Então diziam que era chá da Escócia porque a xícara de chá não vinha com chá, vinha com uísque. Então diziam que ele tomava o chá da Escócia, mas então o invólucro era... Mas eu nunca vi, e muitas vezes jantei com ele no Nogarô, jantávamos juntos, ficávamos conversando e íamos jantar. Quando custava

²² Nome sujeito confirmação.

a vir, a gente encomendava o prato e custava muito a vir o prato que a gente tivesse encomendado, então ele uma ocasião até disse para mim: "E quando chega o prato para a gente comer, a gente já comeu tanto pão que nem tem mais apetite." [risos] Mas ele me pegava muito para conversar sobre o Brasil etc., mas não tem assim... que eu possa dizer que me recorde de um assunto que eu sentisse mais palpitante.

P.R. - Mas nesse convívio dos ministros com o presidente e com o pessoal que trabalhava no Catete, a posição - em relação ainda ao problema da guerra- do almirante Guilhem, que era ministro da Marinha... Como que era o almirante Guilhem?

A.A. - Sim. O almirante Guilhem... Eu devo dizer que eu não tinha simpatia nenhuma por ele. E ele não tinha por mim - era recíproca. E acho que a origem disso foi o fato de eu ser um simples aspirante... Ele convidava os aspirantes, um aspirante ou dois para jantarem com ele na residência dele, que era na Escola Naval, porque ele tinha a residência do diretor da escola. Mas eu não gostava muito da atuação dele como diretor da escola. Eu, como aspirante, não gostava, porque havia umas notícias de que ele botava pessoal subalterno para - notícia, não posso asseverar que seja verdade -, mas sempre chegava a nós que tinha elementos subalternos que ficavam vendo o que os aspirantes faziam para contar para ele. Para ele saber o que se passava na infra-estrutura da escola, no negócio dos aspirantes - que eu considerava, assim, uma espécie de espionagem. E eu estava acostumado com a voga do almirante Isaías de Noronha, que era uma figura por quem até hoje tenho uma admiração muito grande, e não tinha pelo almirante Guilhem. E eu fui cientificado de que estava sendo convidado para jantar com ele. E eu disse que eu não podia ir, que eu estava doente. E ele naturalmente sabia que eu não estava doente, e eu acho que da! que vem - a escola era pequena - e vem a antipatia dele por mim, e que se prolongou durante toda a existência. Porque ele nunca me deu colher de chá. Inclusive até uma ocasião eu insinuei... Eu era ajudante-de-ordens do presidente e o desejo de todos nós de um modo geral, era prestar um serviço de guerra bem ativo, não é? Principalmente o Brasil estando em guerra. Eu ainda me lembro de ter insinuado a ele que eu desejaria, apenas insinuado: "Seria tão bom se eu pudesse ser nomeado comandante desse caça etc." Porque tinha os caça-submarinos vindos dos Estados Unidos, para fazer o serviço de patrulha de proteção de comboio. Ele disse: "Ah, não pode ser porque já estão todos nomeados." E fechou a porta da possibilidade de eu sair do gabinete para ir para esse assunto. E eu não sei também... O presidente parece que sabia que eu não morria de amores por ele. E eu senti isso pelo seguinte: Porque quando eu fui promovido a capitão-de-coveta, o presidente chegou e me disse: "O seu ministro trouxe o decreto da sua promoção que eu assinei com muito prazer, e trouxe o decreto da sua exoneração de ajudante-de-ordens. E eu disse a ele que a sua saída daqui só seria depois de ter sido nomeado para uma nova comissão." Eu nunca me queixei, nunca me manifestei, conversando com o presidente sobre a pessoa do almirante Guilhem. Completamente impessoal era o meu tratamento, não tinha... Não me aproveitava em absoluto de uma circunstância qualquer para manifestar qualquer antipatia pelo ministro Guilhem, ou enfim, desvalorizar a atuação dele etc. Mas ele parece que sentia. E uma ocasião, uma outra ocasião também, vira-se o presidente e me diz assim: "O seu ministro trouxe uns decretos para promoção de oficiais, e eu assinei as promoções de oficiais, e ele veio agora aqui..." - eu estava de serviço até, e ele me disse que queria falar com o presidente. Eu fui, disse ao presidente: "Presidente, está aí o ministro Guilhem, quer falar com o senhor." "Então mande entrar." Quando ele saiu, depois o presidente me disse: "O seu ministro esteve aqui e veio me pedir para mudar um decreto de promoção que ele tinha trazido, que tinha proposto." E virou-se para mim e disse assim: "O que que acha do comandante Aché?" Eu disse: "Eu acho um oficial brilhante presidente". Era Atila Aché. Eu disse: "Acho um oficial brilhante". Pois é, eu promovi o comandante Aché..." promoveu de capitão-de-fragata para mar-e-guerra. "Eu promovi o comandante Aché, e ele veio

me pedir para eu mudar o decreto e promover, no lugar do almirante Aché, o comandante Rodrigues." Eu disse: "Também um bom oficial, um oficial marinheiro etc., muito conceituado na Marinha."

[INTERUPÇÃO DE FITA]

A.A. - Mas então ele me disse: "Ele veio pedir para trocar o nome, em vez de promover o comandante Aché, promover o comandante Rodrigues. Mas eu disse a ele que eu não desfazia o decreto, eu mantinha a promoção que eu já tinha concordado, mas disse a ele que arranjasse outra vaga porque então se houvesse outra vaga eu promoveria esse oficial que ele agora estava querendo promover".

Então isso deu um caso muito interessante. O almirante Guilhem então queria resolver o assunto, estava dependendo dele fabricar uma vaga. Então eu sei que ele veio falar com o presidente outra vez. A! o presidente me chamou depois e disse: "Telefona..." O diretor do Lóide Brasileiro era o almirante Heráclito da Graça Aranha, que era um almirante muito rigoroso etc. E ele tinha sido convidado, tinha sido nomeado para diretor do Lóide, mas ele aceitou sob a condição, de, mesmo exercendo a função de diretor do Lóide, não ser agregado ao quadro. Porque os oficiais que são designados para funções alheias ao serviço normal são agregados ao quadro. E o almirante Graça Aranha declarou que aceitava o cargo, mas que só aceitava se ele exercesse a função sem ser agregado. Então ele estava exercendo a função sem ser agregado. E aí então, nessa circunstância, o almirante Guilhem, para arranjar a vaga, veio trazer o problema para o presidente agregar o almirante Graça Aranha e, agregando o almirante Graça Aranha, abriria a vaga de oficial general. Então com a vaga de oficial general ele tinha vaga para promover o comandante Rodrigues. Então ele me disse: "Telefona para o almirante Graça Aranha e diga que eu preciso resolver esse assunto, que eu estou constrangido mas que eu precisava resolver esse assunto que ele concordasse em ser agregado." E o almirante Graça Aranha então aceitou a conjuntura e foi agregado.

Aliás, duas vezes ele recorreu ao almirante Graça Aranha. A outra vez foi muito interessante, porque o presidente tinha uma simpatia muito grande pelos atores de teatro, toda essa gente, e havia uma companhia de teatro, como sempre acontece, esses empresários, não sei o quê... Tinha um grupo de atores que foi trabalhar, representar num estado lá do Norte. E no fim da história o empresário sumiu, a companhia faliu praticamente, e os atores ficaram lá ao relento. Ficaram sem ter como voltar. Não havia aviação na época, a aviação não era um meio de transporte corrente como hoje e aí veio um telegrama para o presidente Vargas, dos atores desesperados, pedindo para voltar, que o presidente Vargas tomasse uma providência em favor deles etc. Ai ele chegou e disse: "Eu tenho o compromisso com o diretor do Lóide, que o Lóide não dá passagem de graça para ninguém. Mas eu não posso deixar de atender a esses coitados que estão lá no Norte. Telefone para o almirante e diga que eu vou quebrar minha palavra, mas que ele autorize o embarque desses atores que estão lá no Norte." [riso] Eu telefonei: "Almirante, a situação difícil, dá-se isso assim, assim." "Ah, está bem, está bem, eu vou abrir a exceção." Porque o Lóide, até uma certa época, era um sorvedouro de passagem gratuita, não é? E o Lóide vivia sempre no regime de déficit. E então o almirante Graça Aranha aceitou dirigir o Lóide, mas não podia mais o negócio de passagem de graça, enfim, comandar mais ou menos aquilo. Então o que aconteceu que quando chegaram os coitados dos atores, apareceu aquela turma de atores lá para agradecer ao presidente - era o Mesquitinha, era Palitos, era não sei mais quem, tinha uma série de artistas, alguns dos quais eu conhecia de nome etc. Porque eu vivia... Eu freqüentava muito o teatro, porque eu era muito ligado, muito amigo da família Pascoal Segreto, e eles tinham os teatros todos, e eu me dava muito com eles, jantava na casa

deles. Depois que nós saímos da casa deles, íamos ver os teatros, mas não pagávamos entradas nos teatros etc. Então eu assisti a peças, revistas, várias vezes, conheci aqueles artistas, Derci Gonçalves, essa gente toda.

V.A. - Como era o nome da família?

A.A. - Pascoal Segreto. Segreto. Era uma família... A origem era italiana e eles foram os que fizeram os parquezinhos de diversão mirim ali na praça Onze etc. e foram desenvolvendo aquilo, depois começaram a entrar no ramo de teatros. E tinham vários teatros ali, e cinemas e tudo. Então eu convivia muito com eles quando estava no Rio e então íamos passear por ali para ver as peças que estavam andando etc., e sentávamos onde queríamos.

Mas assim foi o caso do almirante Graça Aranha transigir também no transporte dos atores, que coitados, tinham ficado lá ao Deus dará. O ator, o artista, muito explorado, porque eles vivem numa outra..., num outro planeta. Eles vivem na área das artes, eles não pensam em certas maldades em que nós, de outras posições, pensamos; eles vivem no reino da fantasia, de um modo geral assim. Eles encaram a vida de uma outra forma, eles têm uma outra filosofia de vida, e isso... Muitas vezes eles são explorados completamente, e saindo lá do zênite, vem cá para baixo. Eles têm uma vida muito..., muito inconstante, não é?

P.R. - Em janeiro de 1941 o senhor ainda era ajudante-de-ordens do presidente, não é?

A.A. - Em 41, era.

P.R. - Em 41, era - quando surgiu o problema do aprisionamento do Siqueira Campos em Gibraltar pelas autoridades navais inglesas. E houve uma crise muito grande entre o governo brasileiro e o governo inglês...

A.A. - Houve uma crise, isso eu me lembro. Me lembro, creio que a razão de ser que o navio transportava material fornecido pela Alemanha para o Exército brasileiro, creio que era isso.

P.R. - Era isso.

A.A. - Era isso. Houve um desentendimento muito grande, até que finalmente chegaram a um acordo e os ingleses liberaram o navio e o material nosso chegou.

P.R. - Mas o senhor tem alguma particularidade desse episódio para contar? Esse episódio deve ter tumultuado o Catete, gerado problemas diplomáticos. Há até uma versão que correu muito na época e foi muito discutida posteriormente, de que o Dutra teria levado ao presidente uma nota de declaração de guerra Inglaterra por causa daquilo. O senhor tem alguma informação disso?

A.A. - Não, não, a esse extremo, não. Eu sei que houve um trabalho muito grande, uma preocupação muito grande, inclusive no meio diplomático, que era o encarregado de resolver, de solucionar esse problema - era a via diplomática. Embora, segundo o Clausewitz, a guerra a continuação da diplomacia por outros meios, não é?

P.R. - É. [risos]

A.A. - Mas nós continuamos a resolver os problemas com diplomacia, sem chegar força armada. Mas não soube dessa idéia do general Dutra ter vontade que o Brasil declarasse guerra

Inglaterra por causa dessa circunstância. E não creio que o general Dutra chegasse a pensar nisso. Porque não tinha... - acredito... Ele um homem do Estado-Maior etc. As circunstâncias existentes no Brasil naquela época, de forma alguma podiam ter levado a isso, a ele imaginar isso.

P.R. - Mas houve uma complicação muito grande, não é?

A.A. - Houve, houve uma complicação grande porque houve uma intransigência demorada da Inglaterra, porque a Inglaterra queria fazer frente, queria vetar o intercâmbio da Alemanha com o Brasil, principalmente material bélico etc. E isso era um jeito mais de, vamos dizer assim, de compelir o Brasil a se manifestar declaradamente ao lado dos aliados.

P.R. - E isso na Marinha deve ter tido alguma repercussão, porque nessa época a Marinha ainda era majoritariamente integralista, não era?

A.A. - Majoritariamente... Bom, a Marinha tinha elementos, mas não sei se já tinha acabado o integralismo...

P.R. - J tinha acabado.

A.A. - J tinha acabado o integralismo. Então os remanescentes já não tinham mais essa força, não é? E acredito que mesmo no meio integralista, mesmo com os seguidores da doutrina integralista, eu creio que grande parte não era favorável ao movimento nazista luta da destruição do sistema aliado.

V.A. - Porque o senhor cr nisso?

A.A. - Eu acredito nisso porque nós não tínhamos condições, não tínhamos condições geográficas etc., para nos colocar ao lado da Alemanha. Nós não tínhamos condições geográficas, porque não tínhamos... Entra em jogo... Nessa conjuntura aí, entra em jogo o seguinte: o problema de domínio do mar. Como nós íamos nos abastecer? - porque o Brasil precisava de energia. Como nós íamos nos abastecer favorecidos pela Alemanha, se toda a costa brasileira, toda a esquadra inglesa, a esquadra francesa, todas as esquadras aliadas, e a americana, não iam permitir? Nós não tínhamos força naval para garantir a eficiência de um transporte, de uma cobertura, de um material que viesse da Alemanha, nós não tínhamos.

P.R. - Mesmo porque a Inglaterra já havia estabelecido o bloqueio do Atlântico, não é?

A.A. - Já, já havia o bloqueio do Atlântico etc. E que não tivesse havido, haveria de um jeito ou de outro. Mas guerra, como dizem aí. E então, numa circunstância dessas, era muito... Não era difícil, com as forças navais aliadas, impedir o acesso dos transportes. Porque o navio... O elemento de transportar esse material teria que ser por via marítima, teria que ser transporte de material, tinha que ser navio de transporte. Como que esses navios, com uma velocidade relativamente reduzida etc., podiam fazer frente a uma cobertura dessas? A esquadra alem estava apenas... funcionava, como dizemos empregando expressão inglesa, *in being*, em potencial, em estado, lá nos portos, mas não saía, não tinha força para sair, a não ser a submarina. Mas os navios de linha, os navios de superfície, todos eles que se puseram ao mar foram destruídos. Vale a pena enfatizar o caso do Bismark, que era considerado insubmersível. O próprio Bismark era tido como navio insubmersível, que resolveu afrontar etc., ele foi destruído no fim de certo tempo, pelo conjunto de força aero-naval. Porque ele primeiro botou um navio, botou o *Hood* a pique, que era um navio já de condição inferior, em cinco minutos

torpedeou, acertou o *Hood* e o invalidou, mas isso também deu o alarme da posição dele. E a perseguição inglesa foi constante até a localização do navio e aí o ataque dele com os elementos que dispunham. Foram forças de superfície, e os aviões que vinham do *Arc Royal*,²³ que saíam do Mediterrâneo, os aviões torpedeiros, foram que realmente... Porque o navio era realmente muito forte, e conseguiram acertar na parte de proteção do navio, de lemes...

[FINAL DA FITA 13-A]

A.A. - lemes etc., e o navio ficou deriva. E aí foi uma presa fácil para a artilharia de superfície botar o navio fora de combate.

P.R. - Nesse episódio do Siqueira Campos, o senhor se recorda de alguma reação pessoal do presidente Vargas em relação ao assunto? Ele teria comentado isso de alguma forma?

A.A. - De quê?

P.R. - Com relação ao episódio do Siqueira Campos, o senhor se recorda de alguma reação pessoal do presidente Vargas? Ele teria comentado alguma coisa?

A.A. - Mas qual Siqueira Campos?

P.R. - O navio que foi aprisionado em Gibraltar.

A.A. - Ah, o navio... Se eu me recordo de... ?

P.R. - Alguma reação pessoal do presidente Vargas, algum comentário.

A.A. - Não, não.

P.R. - Não?

A.A. - Não, ele não se externou sobre isso. Não me recordo. Pelo menos comigo. Não tenho idéia de que ele tivesse se irritado, ou coisa que o valha, ele era muito frio no seu julgamento etc., ele podia ver com apreensão o desenrolar dos acontecimentos, mas ele talvez considerasse que era uma providência que os ingleses tinham adotado como um espírito de conservação, de preservação da, digamos, da posição estratégica deles, na conjuntura que estava se desenrolando.

P.R. - Quer dizer que o ambiente no palácio não foi tumultuado por causa disso?

A.A. - Não, não foi conturbado com isso, não. O movimento foi todo no sentido de providências que transformassem esse caso do Siqueira Campos numa liberação do navio etc.

P.R. - Agora, a partir de dezembro de 41, quando houve o ataque japonês a Pearl Harbour, aí praticamente cessou a neutralidade brasileira, não é?

A.A. - Hum?

²³ Porta-aviões da Marinha Inglesa.

P.R. - Na prática cessou a neutralidade brasileira, não é?

A.A. - Ah bom, tinha que cessar... Mas esse acontecimento de Pearl Harbour muito interessante. muito interessante porque quando os Estados Unidos foram atacados em Pearl Harbour, a atuação do embaixador japonês foi fortíssima. O embaixador japonês - eu sei porque o presidente me contou - o embaixador japonês... Porque o Brasil, pelo Tratado do Rio de Janeiro, qualquer nação atacada do continente, nós tínhamos que nos manifestar. E então o embaixador japonês veio procurar o presidente Vargas, e teve acesso a ele, para mostrar as fotografias que ele já tinha recebido - por onde e como, não sei - fotografias - e eu vi algumas - do estrago que eles tinham feito em Pearl Harbour, e anunciando praticamente a destruição da esquadra americana, para que o Brasil tivesse um comportamento mais tímido nas atitudes que pudesse vir a tomar em face da agressão aos Estados Unidos. Isso o presidente me falou: "O embaixador veio me propor manter a neutralidade etc., depois desse ataque a Pearl Harbour."

P.R. - Era uma ameaça velada ao Brasil?

A.A. - Não sei se era uma ameaça velada, era uma negociação, achando naturalmente que os aliados estavam perdidos e que, então seria mais negócio para o Brasil não se manifestar; pelo menos, não se manifestar. Que acabou tendo que se [inaudível] no cumprimento do Tratado do Rio de Janeiro etc.

P.R. - E o presidente disse o que ele respondeu ao embaixador?

A.A. - Pelo que ele me disse, ele recusou completamente a proposta do embaixador, a sugestão, digamos, essa proposta; a idéia que o embaixador faria se fosse brasileiro, tomaria qualquer coisa assim, que o Brasil adotasse uma política diferente da que ele tinha obrigação de adotar. Mas isso eu me lembro - eu estava em Petrópolis quando o embaixador foi a Petrópolis para falar com o presidente Vargas - isso eu me lembro bem.

P.R. - E o embaixador americano procurou o presidente depois?

A.A. - Eu não me lembro, isso eu tenho... No meu serviço não tenho idéia do embaixador americano ter procurado etc. Mas eles tinham muito acesso ao nosso meio diplomático, o embaixador americano etc., de modo que essa coisa toda devia ter vindo por meio do Itamarati mesmo, porque os americanos tinham um homem que conhecia muito - eu tenho essa idéia -, conhecia muito a política sul-americana, que era um grande assessor do presidente Roosevelt. Não sei se o senhor se lembra do Sumner Welles?

P.R. - Era o subsecretário do Estado?

A.A. - Era o subsecretário. O Sumner Welles ele conhecia muito, ele tinha muita penetração na América do Sul toda, e eu acho que graças ao Sumner Welles que esse Tratado do Rio de Janeiro teve o sucesso que teve, praticamente - podemos considerar aquilo como um sucesso. Eu tinha uma admiração muito grande pelo Sumner Welles.

P.R. - Agora, a partir do momento em que a neutralidade brasileira foi quebrada, começaram os torpedeamentos dos navios brasileiros no litoral e fora do litoral.

A.A. - Ali não foi bem quebrada a neutralidade brasileira, o Brasil... Digamos assim, a

neutralidade brasileira era fruto do afastamento da Alemanha, porque a Alemanha não tinha ação. Nós estávamos jogando com as cartas que tínhamos. Mas não havia quebra bem da neutralidade. Mas de qualquer jeito o torpedeamento dos navios foi uma, vamos dizer, manifestação além de que queria romper as hostilidades e as hostilidades foram declaradas.

P.R. - Mas como que esses submarinos alemães tinham notícia do trânsito e da rota dos navios brasileiros?

A.A. - Ah, não era difícil, não era difícil, era ostensivo. Essa rota dos navios brasileiros era praticamente como no regime normal. Não havia grandes..., acho que não havia sigilo no movimento desses navios, não. Os navios não andavam comboiados... Tanto que nós tivemos navios torpedeados depois, não é, inclusive navios nossos. O Vital de Oliveira foi torpedeado, já estava com a bandeira de navio de guerra etc., mas foi torpedeado aqui na costa do Brasil. Os submarinos tinham... Como eles se abasteciam - acredito que a Argentina favorecia muito, não é? Porque os submarinos, não sei qual era... Eles não tinham um raio de ação suficiente para virem sem se abastecer até a costa do Brasil. Porque eles torpedearam o navio na costa do Brasil. Esse navio tinha que se abastecer em algum lugar, e no continente só podia ser na Argentina. A não ser que eles tivessem navios-tanque um pouco afastados, mas cujo abastecimento, fugindo da vigilância aérea e naval dos aliados, pudessem burlar e abastecer os submarinos. Porque eles não tinham envergadura para vir e fazer uma viagem dessas de ida e volta, porque tinham que voltar para a Alemanha, não é? E esses navios, tanto eles tinham certa familiaridade com a Argentina, que quando a guerra terminou, nós ainda continuávamos com os nossos navios de escolta fazendo regime de vigilância e de escuta. Nós detectamos... Os navios nossos, os destróieres de escolta, detectaram submarinos, com os aparelhos de escuta, e isso foi comunicado aos Estados Unidos. Os Estados Unidos disseram que não podia ser, porque os alemães não tinham mais submarinos na área. E os submarinos apareceram na Argentina: dois submarinos, depois da guerra terminada etc., dois submarinos foram até a costa pedir asilo na Argentina. Quer dizer, eles podiam ir até a Argentina. Tinham acesso até a Argentina.

P.R. - A indicação do senhor para adido naval na Argentina teria alguma relação com esse problema de vigilância? O senhor naturalmente teria sido incumbido pelo presidente Vargas de enviar alguns relatórios relativos cumplicidade...

A.A. - Bom, muita gente... Há idéias disso, mas eu não tive, não. Eu digo que há idéia pelo seguinte: Porque eu, quando fui nomeado adido naval, eu acho que eu já disse aqui, eu fui nomeado adido naval porque o presidente... Eu sai da presidência e o presidente tinha muita simpatia, queria me dar uma comissão que ele considerava muito boa, muito bonita. Isso foi o argumento que ele me deu, inclusive porque a dona Darci tinha até pedido para eu continuar no gabinete, e ele disse que eu não podia, que ia me prejudicar etc. Então...

Agora, eu planejei a minha ida para a Argentina: em vez de pegar o avião e ir diretamente para Buenos Aires, eu planejei a minha ida para a Argentina pelo Paraná, que eu não conhecia. Então eu resolvi ir a São Paulo, via terrestre, pegar um navio em Porto Epitácio, e vir descendo o rio Paraná todo. E desci o rio Paraná todo e fui parar em Buenos Aires por via fluvial. Com isso eu conheci toda aquela zona do rio Paraná, fui mudando por quatro navios. O rio Paraná ia ficando mais caudaloso medida que ia descendo, então os navios, de acordo com o calado permissível no rio, iam sendo mudados, os navios iam aumentando de tamanho. Então, de Porto Epitácio a determinado porto - porque chamam portos... No rio, chamam portos só lugares onde os navios atracam, mas não têm condição de porto como nós temos aqui - onde o navio atraca que fazem um trapiche, chamam aquilo de porto. Então em ponto Epitácio, os navios passavam

dois, três lugares de abastecimento, aí já mudava de navio. Pegava um navio mais... Até que chegava num lugar em que vinha as quedas de... as Sete Quedas. Quando chegava nas Sete Quedas, então, já aí a gente saía e andava numa pequenina estrada de ferro que tinha 60 quilômetros. Então pegava aquele trezinho e ia pegar a continuação do rio Paraná, que em vez de ser largo e amplo, - tinha quatro mil metros, quatro quilômetros de largura etc... Então nós descíamos num funicular e íamos pegar o navio lá embaixo no rio Paraná. E aí o rio Paraná passa a ter de 150 a 200 metros de largura e a profundidade um canyon - forma-se um canyon -, de profundidade tem cem metros, cento e tantos metros de profundidade. Então a gente pega um navio com maior calado, com maior envergadura para ir descendo o rio. E vim descendo o rio Paraná todo e fui parar em Buenos Aires. Quando cheguei em Buenos Aires já conhecia o rio Paraná todo, conhecia aquelas cidades etc., que eu já tinha... Inclusive da Argentina; Corrientes, Posadas e...

V.A. - O senhor visitava as cidades?

A.A. - Visitava, cidades pequenas, mas dava para conhecer em pouco tempo, uma passada de carro etc. Cidades de poucos quilômetros, de pouca população, cidades pequenas.

P.R. - Mas o senhor não levou nenhuma instrução especial do presidente Vargas?

A.A. - Não, não levei instrução especial nenhuma. Pensaram que eu levasse, mas eu não levei, não.

V.A. - Quem pensou?

A.A. - Ah, porque quando eu cheguei lá em Buenos Aires, os adidos pensaram, porque eu tinha sido ajudante-de-ordens dele, não é? Eu estava exercendo uma função como capitão-de-corveta, que geralmente era capitão-de-fragata e eu estava exercendo a função... Eu era capitão-de-corveta recém promovido - pensaram que eu tinha sido algum emissário especial, mas não tinha, não tinha nada de especial que ele recomendasse, não.

P.R. - Mas lá em Buenos Aires o senhor tinha contato com as autoridades militares argentinas, não é?

A.A. - Tinha, tinha.

P.R. - E como eles se comportavam diante do problema da guerra? Os comentários nas conversas.

A.A. - Ah, muito discretos. Muito discretos com relação ao problema da guerra. Eles não se abriam, não.

P.R. - Então quer dizer que até hoje não existe prova nenhuma de que as indicações da rota dos navios brasileiros, em direção ao Atlântico Norte, teriam sido partidas de instalações argentinas?

A.A. - Bom, aí entra um outro problema. Eu estava em Buenos Aires e constatei o seguinte. Eu era adido naval e eu verifiquei que os navios brasileiros iam Argentina e saíam com data

marcada, com hora de desatracação, disso e daquilo etc. E eu estranhei aquilo, que nós, estando em guerra e o Atlântico com submarinos alemães, estranhei que aquilo estivesse sendo feito daquela forma, ostensivamente. Então comuniquei ao Estado-Maior, comuniquei ao Estado-Maior que eu estava estranhando que aquela situação estivesse mantida como se nós estivéssemos em época de paz. Então o Estado-Maior aí mandou umas instruções; eu não podia sair de Buenos Aires, e eu tinha que controlar todo movimento dos navios do Lóide que atracassem lá, e eu tinha que ter contato com os comandantes para marcar o dia e a hora que eles pudessem sair. Não se sabia. Os navios eram abastecidos etc., então eles saíam na hora que eu determinasse, noite etc., sem comunicação para o Lóide para dizer que tinha saído - essas comunicações, quem faria seria eu, cifrado para a Marinha etc. Mas fui eu que levantei essa lebre. Então o resultado, eu fiquei... Não podia sair de Buenos Aires, não pude mais sair de Buenos Aires, ficava mantendo o policiamento e o controle dos navios do Lóide. Os comandantes vinham, tinham aceso a mim, conversavam etc. Então depois... combinação. Porque tinha navios que vinham a Buenos Aires, mas tinha outros que iam para baía Blanca, então eu tinha que controlar os navios que estavam na baía Blanca também. Então, se estavam carregando ou descarregando em baía Blanca, eles tinham as instruções secretas etc. para suspender e eu comunicava ao Estado-Maior. E o Estado-Maior então depois, confidencialmente etc., comunicava direção do Lóide. Mas até então o negócio era jogo franco.

V.A. - Quais eram as funções de um adido naval naquela época?

A.A. - Bem, naquela época e sempre. O adido naval, sem ser oficialmente, um espião. O adido naval um espião. Agora, a função do adido naval, primordial, mandar as informações que ele consegue coletar - o que chama coleta de informações, coleta de informações sobre o país e proximidades -, mandar essas informações para o Estado-Maior da Armada. Isso a gente manda e se chama, tecnicamente, de informes, porque a informação só dita informação quando os informes cruzam e a gente obtém uma coisa mais positiva, então aí a gente tecnicamente chama de informação. Mas de um modo geral, genericamente informação. Então os adidos navais mandam as informações para o Estado-Maior, mas as informações pela mala diplomática porque o assunto confidencial ou secreto. E isso me fez, me transformou em datilógrafo, porque eu não sabia escrever máquina. Na época que eu fui adido naval não tinha auxiliar escrevente, e eu tive que aprender a bater máquina para mandar as coisas datilografadas. E aprendi. Então mandava, porque tem que mandar o negócio direitinho, batido máquina para o Estado-Maior da Armada. Aquilo, cada informação um assunto, classificado segundo um código, sobre os subdetalhes para ser fácil a consulta, entendeu? Por exemplo, a informação: Argentina, está bem, número um. Depois tem o item dois que diz: "Parte marítima," a gente bota aquele, já classifica naquele... Item três: não sei o quê, viaturas... De modo que quando a gente manda aquele informe já manda todos os elementos de índice, entendeu? Para o oficial lá do Estado-Maior, quando quer obter uma informação sobre qualquer coisa, ir direitinho sobre o... um arquivo, arquivo técnico, pode-se chamar de arquivo técnico.

V.A. - O senhor tinha ajudantes para colher essas informações? Como que o senhor fazia para colher?

A.A. - A maior parte, muita coisa... Eu agora tenho que dizer as fontes, não é? Tenho que declinar as fontes das informações: conversas nas reuniões diplomáticas etc.

V.A. - Com diplomatas argentinos.

A.A. - Os argentinos e os outros, dos outros países. Conversas, leitura de jornais, muito grande,

freqüência de livrarias para pegar livros escritos sobre o país etc., que a gente encontra muita coisa. Tem outro elemento também; catálogo telefônico para ver a organização militar deles.

V.A. - No catálogo telefônico?

A.A. - É.

V.A. - Como ?

A.A. - Pelos endereços. Pelos endereços tem: comandante da primeira região, não sei o quê, segundo batalhão, telefone do segundo batalhão, por aí a gente obtém muita coisa. Não vai revelar isso ao inimigo, hein? [risos] Mas por aí, eu mandei informações - eu posso dizer, já são passados... Eu mandei só sobre pistas de pouso da Argentina, informações de quatrocentas e tantas pistas de pouso da Argentina naquela ocasião. Eu consegui em livraria.

V.A. - Em livraria? Em livros especializados?

A.A. - É , um livro que dava todas... Um livro que se editava de negócio de facilidades de aviação até. Eu encontrei com todas as quatrocentas e tantas pistas de pouso, com orientação das pistas, com o que podia abastecer, capacidade de abastecimento, ventos reinantes, tudo isso. Mandei tudo para o Estado-Maior. O número de navios deles eu consegui em livraria, consegui o chamado "elenco da marinha mercante." O elenco da marinha mercante tinha todas as embarcações flutuantes da marinha mercante.

V.A. - E no Uruguai era a mesma coisa?

A.A. - No Uruguai, a mesma coisa. Eu tinha recortes de jornais etc. Agora, eu tinha que fazer isso, mas a gente tem que ficar até as sete horas da manhã, oito horas lendo e relendo, e depois batendo informações e combinando uma coisa com outra. um trabalho interessante de informação. Porque nenhum problema militar pode ser resolvido sem informação. Porque a solução de um problema militar como um problema aritmético: a gente tem que ter os dados, não é? Para resolver. A gente não vai resolver um negócio que não tem dados. Então o problema militar que a gente tem que resolver, a gente tem que obter as informações para equacionar o problema, senão não dá. Ou por outra: pode dar, mas errado, não é? Por exemplo, o caso das Falkland aí - as informações que eles tinham sobre a Inglaterra eram completamente loucas Só o estado-maior de malucos podia fazer aquela aventura do Galtieri e Gonzalez e companhia. Não podiam ir nem para uma batalha de confeti, quanto mais para uma batalha naval.

P.R. - E o senhor chegou a verificar o nível de atividade do serviço secreto alemão da Argentina?

A.A. - No tempo da Argentina, eu acho que a atividade do serviço secreto alemão devia ser muito grande, porque os argentinos eram... aquilo era um campo de informações muito forte. E no Brasil também devia haver. Devia haver, não grande assim, mas devia haver, porque eles tinham um serviço de informações disseminado pelo país, pelo mundo todo, não é? Agora, na Argentina eles tinham...

P.R. - Campo livre.

A.A. - Tinham o campo livre para disseminar os seus informantes e remeter para a Alemanha. Obter os informes e remeter para a Alemanha.

P.R. - O comando naval americano tinha ciência disso?

A.A. - De quê?

P.R. - De que na Argentina existia...

A.A. - Ah tinha, tinha. Eles têm um serviço de informações muito bom. Eles fracassaram um pouco lá no negócio do Kennedy quando quis atacar
I Cuba. Aquilo, as informações deles foram fracas - às vezes elas são... Mas eles têm organizações de informações muito boas. Agora, os alemães tinham uma maravilha de informantes. Eles, talvez o americano era muito... Eles centralizam muito, se centralizam muito, são muito ensimesmados, de modo que o alemão, não, ele se expande mais. De fato talvez ali... E muito boa fé, o americano tem muito boa fé. De modo que eles acreditam muito em Papai Noel, daí que às vezes dá essas confusões. Há um ditado muito..., um conceito que eu considero muito verdadeiro: não há amizade entre nações, há interesses. Essa que a realidade. Amizade não existe, aparentemente a gente fala em amizade, mas o que há são interesses. Quando os interesses se chocam, a amizade desaparece, não lhe parece? É o que eu...

P.R. - Claro, não há dúvida.

A.A. - Eu não sei se hoje podemos considerar esgotado o tempo? Ou ainda tem... Porque já são cinco e tanto. Eu não tenho problema.

V.A. - Eu gostaria que o senhor falasse um pouco como era a vida em Buenos Aires e em Montevideú, porque o senhor passou, de 43 a 45, dois anos.

A.A. - Eu passei um ano e tal, não chegou a dois anos.

V.A. - Não chegou a dois anos. Como que era, como foi a experiência de morar mais de um ano num país...

A.A. - Bom, ali, o povo argentino muito acolhedor, eu tinha um ambiente muito agradável, gostei muito, me dei muito bem com os argentinos, com a sociedade argentina etc. Eu digo a sociedade argentina, em parte, porque tem uma parte da sociedade argentina que completamente afastada do meio social. O mundo social era muito afastado da casta da sociedade argentina. A casta da sociedade argentina dos [Anchorenas]²⁴, dos [Lavalles]²⁵ e não sei mais o quê, aquelas famílias cheias de dinheiro etc., não freqüentam o mundo diplomático nem nada, eles têm lá a vida deles, completamente separada. gente que vai para a Europa, ia para a Europa... Não ia por causa da guerra, mas vai para Punta del Este, lota os hotéis etc., e não se mistura com o resto do pessoal, não. uma... Tem uma certa aristocraciazinha. Agora, o resto do pessoal muito permeável a todos nós, não tinha problema nenhum. E a vida muito boa, Buenos Aires uma grande cidade, uma das grandes cidades do mundo, cidade muito movimentada, com muitos recursos, com um intercâmbio muito grande com essas capitais da moda, tudo isso, Paris e Nova York, tudo isso. De modo que o ambiente era o melhor possível.

²⁴ Nome sujeito confirmação.

²⁵ Idem

P.R. - Uma vida noturna exuberante.

A.A. - Vida noturna exuberante, isso mesmo. Muitas boates funcionando, muito tango argentino, muita dança, festa todos os dias; o meio diplomático, muita recepção, que necessário, para haver troca de idéias etc. Eu me lembro até de...

V.A. - Troca de informes.

A.A. - É , para obter os informes. [risos] Eu me lembro até, eu verifiquei uma coisa curiosa: eu estava conversando com um almirante argentino, numa recepção, e passou um general argentino. Então ele virou-se para mim e disse assim: "*Capitán, hay que tener mucho cuidado con esta gente.*" - Apontou para o general. "*Son muy absorventes.*" [risos] O pessoal de Marinha tinha uma certa prevençõzinha com o pessoal do Exército argentino.

P.R. - Ah, sim, sim...

[FINAL DA FITA 13-B]

P.R. - Ah sim, havia esse problema.

A.A. - Como?

P.R. - Esse problema...

A.A. - Problema de ciumada, de coisa, do Exército argentino.

V.A. - E em Montevideú?

A.A. - Montevideú? Montevideú foi descobrir... O Uruguai descobriu o ministro da Defesa.

V.A. - Como assim?

A.A. - que ninguém tinha ministro da Defesa; no Uruguai tinha. O Uruguai tinha o Ministério da Defesa, e o Ministério da Defesa abrangia as três forças: a força terrestre, aérea e naval. Então era um general... Como eles achavam que tinham uma força pequena, era muito mais econômico, muito mais simples organizar um Ministério da Defesa e ter um chefe só controlando as três forças, comandando as três forças. Então foi o primeiro ministro da Defesa de que eu ouvi falar. Depois criaram o ministro da Defesa para as nações mais poderosas.

P.R. - Exatamente.

A.A. - Mas o Uruguai foi inventor do Ministério da Defesa.

P.R. - Ah, foi o pioneiro?

A.A. - Foi o pioneiro, foi o único lugar em que eu ouvi falar do Ministério da Defesa. Pelo menos que eu tinha conhecimento.

P.R. - Porque aqui no Brasil eu vendo, na história do levante de 1922, o almirante Américo Silgado, que foi um dos revolucionários, pregava a união da Marinha com o Exército, e pregava a criação do Ministério da Defesa. Ele achava, por exemplo, que naquela época o pessoal da Marinha estava um pouco afastado do Clube Militar, então ele queria reassociar a oficialidade naval ao Clube Militar e uma das justificativas dele era essa, que o Clube Militar seria o embrião do futuro Ministério da Defesa. Evidentemente já se passaram 60 anos e...

A.A. - Isso não se realizou.

P.R. - É exato, não se realizou.

A.A. - Mas hoje praticamente nós temos um ministério da Defesa. No meu conceito, nós temos um ministério da Defesa. E temos o Ministério da Marinha, Ministério da Aeronáutica, Ministério do Exército e ministério da Defesa, que já transformaram o Estado-Maior das Forças Armadas, que funciona como um ministério...Até o chefe do Estado já ministro. Ele não tem o nome: em vez de ser "Ministério da Defesa" ministério das Forças Armadas. Mas engloba as Forças Armadas num ministério só, e tem de apêndice, os ministros da Marinha, do Exército e da Aeronáutica. Mas praticamente nós temos o ministério da Defesa. Eu sou contra o ministério da Defesa, porque, com todo respeito que eu tenho ao Exército, mas no fim vai ser sempre um general, o ministro da Defesa. Se for sempre um civil, está bem, mas não dá, não temos um desenvolvimento para chegar a aceitar um ministro da Defesa civil. Por enquanto, não.

P.R. - É , ainda difícil.

A.A. - Não acha? difícil.